



COTRIJORNAL

ANO 5 – IJUI, AGOSTO DE 1977 – Nº 44

COMO FOI A FESTA DE 20 ANOS DA COTRIJUI



Autoridades, classes empresariais, imprensa e povo, através de suas respectivas lideranças, homenagearam a COTRIJUI a 20 de julho, quando das comemorações de seus 20 anos de existência. Na foto, da direita para a esquerda, o sr. Marcos Pessoa Duarte, presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, que representou o ministro da Agricultura na solenidade; o diretor-presidente da COTRIJUI; o diretor da CTRIN, Humberto Garófalo e o gerente do BNCC em Ijuí, sr. Ivan Costa Bidart.

O líder cooperativista e ex-presidente desaparecido, Luiz Fogliatto, foi o ponto central das comemorações. Em solenidade singela, porém de tocante emotividade, foi inaugurada herma em sua homenagem no jardim fronteiro ao prédio da administração da cooperativa, sendo descerrada pela sra. Lais Fogliatto. Nas páginas 10 e 11 amplo informe jornalístico das festividades.



LEMBRANÇA DE UMA VIAGEM A AMÉRICA

Nesta edição estamos lembrando a viagem feita aos Estados Unidos no período de 18 de setembro a 12 de outubro de 1974 por 120 agricultores associados da COTRIJUI. Foram mais de 35 mil quilômetros de uma estafante viagem pela costa leste e região central dos Estados Unidos, que se revelou rica em observações e largueza de conhecimentos para todos quantos dela participaram. Na foto uma vista parcial de Manhattan, aparecendo ao centro a torre do Empire State Building", o edifício mais famoso de Nova Iorque. Leiam reportagem na página 7.

O TRIGO ESPERA UMA RESPOSTA

O trigo está na fase inicial de crescimento. Seus inimigos mais tradicionais e virulentos ainda não apareceram. Até aqui, apenas o oídio já andou visitando algumas lavouras da região. Tudo, porém, sob controle e sem maiores prejuízos. Na página 25 estamos falando de trigo através de entrevista com o diretor de nosso Departamento Técnico e dando uma série de importantes informações sobre a importante cultura.



FERRUGEM



SEPTORIOSE



GIBERELA



OÍDIO



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva,
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
vin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Biza-
rello, Flávio Sperotto e Reinholdo
Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itelvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Koehler, Edelmar Frie-
drich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann
e Abu Souto Bicca.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Redatores de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração
Rua Floriano Peixoto, 559

Telefone: 2033

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTSP 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa e
Acari Amorim.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set no
DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

**SAUDAÇÃO DO GOVERNADOR
NO NOSSO ANIVERSÁRIO**

Conforme vem ocorrendo desde que foi fundado, o COTRI-
JORNAL continua ignorando os próprios aniversários. Isso não tem
impedido, no entanto, que autoridades, empresas e intelectuais nos
lembrem a data, através de cartas e telegramas, o que agradecemos
sensibilizados.

Registramos alguns telegramas e cartas a seguir, começando
pelo sr. Sinval Guazzelli, governador do Rio Grande do Sul:

"Transcurso quarto aniversário de fundação do "Cotrijornal",
apraz-me cumprimentar a direção e funcionários desse jornal, con-
gratulando-me com o evento. Cordialmente, Sinval Guazzelli, go-
vernador do Estado".

**OS VOTOS DO SR.
AMARAL DE SOUZA**

Do sr. vice-governador do
Estado, sr. Amaral de Souza,
recebemos: "Sr. Raul Queve-
do - Pelo transcurso de mais
um ano de fundação do "Cotri-
jornal", auguro pelo presente
votos de plenas realizações jar-
nalísticas. Saudações. J.A.
Amaral de Souza, vice-governador do Estado".

**DO SECRETÁRIO
DE EDUCAÇÃO**

Senhor diretor:
"Quando o Cotrijornal
completa mais um aniversário
de fundação, envio à sua dire-
ção e funcionários votos de ple-
nas felicidades, esperando que
continuem alcançando o mes-
mo êxito dos anos anteriores.
Atenciosamente, Airton dos
Santos Vargas, secretário de
Educação e Cultura".

**AS SAUDAÇÕES DE
VICTOR FACCIÓNI**

"Porto Alegre, 20 de ju-
lho de 1977. Pelo transcurso de
mais um aniversário desse pre-
stigioso órgão de comunicação
social, apresento meus cum-
primentos. Saudações, Victor Fac-
cioni.

**A PRESIDÊNCIA DA
ASSOCIAÇÃO DE
IMPrensa**

Do presidente da Asso-
ciação Riograndense de Imp-
rensa, jornalista Alberto An-
dré, o redator chefe do COTRI-
JORNAL recebeu a seguinte
sugestiva correspondência, o
que agradecemos:

Jornalista Raul Queve-
do. Dirijo-me ao distinto cole-
ga e amigo a fim de apresentar
os cumprimentos da Associa-
ção Riograndense de Impren-
sa pelo transcurso, em julho
passado, dos 20 anos de fun-
dação da nossa prestigiosa CO-
TRIUI.

Ao mesmo tempo desejo
formular as congratulações da
ARI pela magnífica edição
comemorativa do COTRIJOR-
NAL, contendo interessantes
aspectos históricos da COTRI-

JUI e matéria jornalística varia-
da e expressiva, indicando o
apuro técnico e profissional
atingido pelo mensário.

Com a extensão destes
cumprimentos e votos de con-
tinuidade do êxito aos demais
dirigentes, integrantes e amigos
do COTRIJORNAL, reitero-lhe
os protestos de admiração e
apeço. Cordialmente, Alberto
André, presidente.

**OS PARABÉNS DO
BANCO ITAÚ**

"Prezados Senhores: É
com grande satisfação que nos
congratulamos com toda essa
equipe, pela passagem a 20 de
julho do 4º aniversário de fun-
dação do conceituado "Cotri-
jornal".

E cumprimentando-os
pelo excelente trabalho desen-
volvido até aqui, desejamos
muitos anos de sucesso pela in-
formação cultural e defesa dos
interesses das comunidades ru-
rais. Parabéns. Cordialmente,
Banco Itaú S.A., São Paulo -
Alex Cerqueira Leite Thiele, di-
retor de Desenvolvimento e
Planejamento".

**CUMPRIMENTOS DA
MPM PROPAGANDA**

"Senhor diretor: Nossos
cumprimentos a todos os que
fazem o "Cotrijornal". Para-
béns pelo trabalho. Parabéns
amigos do "Cotrijornal". Com
abraços dos amigos da MPM
Propaganda. Atenciosamente,
Ferruccio De Rose.

**"CATÓLICA" DE
PELOTAS**

"Senhor diretor. Recen-
tamente tive a oportunidade de
ter nas mãos um exemplar do
"Cotrijornal", embora atrasado.
Esse fato se constituiu numa
alegria muito grande pois per-
cebi que estava diante de uma
fonte muito rica de informa-
ções e cultura geral. E isso me
interessou muito.

Meu nome é Neuza. Estu-
do Comunicação Social na Uni-
versidade Católica de Pelotas e
gostaria, sinceramente, de estar
no grupo dos felizardos que re-

cebem esse excelente jornal.

No aguardo de uma res-
posta favorável, subscrevo-me
atenciosamente. Neuza Maria
Neves da Veiga, rua Felipe dos
Santos, 612 - 96.100 - Pelotas,
RS.

**NOVO ENDEREÇO
EM SÃO PAULO**

Interessado em continuar
recebendo regularmente o "Co-
trijornal", apresso-me em co-
municar que a partir de 22 de
julho estarei residindo à rua
Bandeira Paulista, 97, apto. 81,
CEP 04532, São Paulo. Aten-
ciosamente, eng. agr. José de
Góes".

**PEDIDO DE CHAPECÓ
SANTA CATARINA**

Aos diretores do "Cotri-
jornal".

Dias atrás recebi de um
amigo um exemplar do "Cotri-
jornal". Foi o nº 42, de junho.
O jornal me surpreendeu pelo
rico conteúdo em suas páginas.
Realmente, é esse tipo de jar-
nal que me interessa. É agríco-
la, é cooperativista, mas tem de
tudo. E eu sempre ando em
busca de algo bom para me
aperfeiçoar e crescer profissio-
nalmente.

Solicito, através desta,
que me façam uma assinatura
do "Cotrijornal", que me será
de excepcional validade para
mim. Antecipando agradeci-
mentos, Pasqualino Toscan.
89.806 - Itaberaba, Chapecó,
Santa Catarina.

PARANAGUÁ

"Prezados senhores do
"Cotrijornal".

Na qualidade de funcio-
nário da Fertilizantes do Sul,
empresa do Grupo Ipiranga,
sentia-me honrado com o rece-
bimento do "Cotrijornal" re-
metido para meu ex-endereço
de Passo Fundo. Em razão de
remoção para o município de
Paranaguá, estado do Paraná,
gostaria de continuar recebe-
ndo o jornal com a mesma regu-
laridade, pois considero-o um
excelente veículo. Agradecen-
do antecipadamente, Luiz Irajá
Tomas, caixa postal, 352 -
CEP 84.900 - Paranaguá, Para-
ná.

MATO GROSSO

"Senhor diretor. Em ane-
xo estamos remetendo convite
e cartaz do II Ciclo de Estudos
Técnicos, a ser promovido pela
Associação dos Técnicos Agrí-
colas do Mato Grosso. Nosso
objetivo é o mesmo dos senho-
res, pois trabalhamos pelo au-
mento da produtividade e a ele-
vação do nível de vida do sofri-
do homem do campo.

Esperando contar com
sua valiosa colaboração, anteci-
pamos agradecimentos, reite-
rando nossos protestos de ele-

vada consideração. Tec. agr.
Nelson Dias Neto, CREA nº
36.479 - 14ª Região.

**LEITOR EM SÃO
PEDRO DO SUL**

"Senhor redator do "Co-
trijornal".

Tenho em mãos três nú-
meros do "Cotrijornal", corres-
pondentes aos meses de abril,
maio e junho; dos quais gostei
muito. Pelo presente solicito
uma assinatura anual. O nº 43,
de julho, ainda não recebi. Es-
tou aguardando com ansiedade.
Mande-me a conta que lhes re-
meterei a importância pelo Sul
Brasileiro. Desde já ficarei eter-
namente agradecido. José Pe-
reira da Silva, São Pedro do
Sul".

Sr. José. Agradecemos
suas amáveis referências ao
"Cotrijornal". Quanto a paga-
mento não se preocupe, pois a
COTRIJUI tem o prazer de
oferecer-lhe o "Cotrijornal" a
título de Relações Públicas.

**CHURRASCO GAÚCHO
NO RECIFE**

A folclorista Laurá Della
Mônica escreve de São Paulo,
onde reside, anexando recorte
de publicidade de "churrascaria
gaúcha" em Recife, a bela ca-
pital de Pernambuco. E pergunta:
"será que a carne de lá tem o
mesmo sabor da carne do Rio
Grande do Sul? É claro que
não! Responde, e finaliza sua
amável correspondência dizen-
do esperar que aproveitamos a
publicidade."

Muito obrigado Laura. É
sempre um renovado prazer re-
ceber seus bilhetes. Quanto a
carne zebuina - confessamos -
não é do nosso agrado. Mas não
duvide se a carne servida nos
espetos do Recife for de gado
abatido no Sul...

**BANCO DA AMAZÔNIA
E ASSOCENE**

Maria Lucia Pereira, che-
fe da Seção de Divulgação do
Banco da Amazônia e Raquel
Reis Camilo, do Departamento
de Comunicação da Associação
de Orientação às Cooperativas
do Nordeste - ASSOCENE -
agradecendo as remessas regula-
res do "Cotrijornal", cujas
coleções constam das bibliote-
cas daquelas organizações.

ALEGRETE

Ao Cotrijornal - Ijuí- RS
Sendo estudante de agro-
nomia e agricultor, venho por
intermédio deste, solicitar que
me sejam enviados o jornal edi-
tado por esta cooperativa, ten-
do em vista que se trata de um
veículo de informação para o
agricultor.

Sendo o que tinha para o
momento, subscrevo-me. Aten-
ciosamente. Rui Fernando Se-
vero Ramos, Rua Tiradentes,
165, 97540 - Alegrete - RS.

SOCIEDADE RURAL FORTE

Não é a primeira vez — e decerto não será a última — que o COTRIJORNAL cita o engenheiro-agrônomo e ex-ministro da Agricultura Luis Fernando Cirne Lima, em seus editoriais. Seus pronunciamentos, raros, porém vazados sempre numa retórica de equilibrado bom-senso, tem servido de mote para alguns de nossos comentários, pois geralmente estamos de acordo com suas opiniões.

Agora mesmo, ao depor na Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara, que investiga o sistema fundiário do País, disse o Ministro da Agricultura do ex-presidente Médici que "o ideal a ser buscado é o de uma classe rural que, lado a lado com a média ou grande empresa agrícola, tenha condições de desempenhar o tríplice papel de produzir alimentos para a população brasileira, gerar excedentes exportáveis e, por último, mas não menos importante, formar uma sociedade rural equilibrada, justa, e que por sua qualidade de vida, seja uma força real na estabele-

dade das instituições econômicas e financeiras".

Esse objetivo do técnico, sem dúvida deve caracterizar a intenção geral de todos quantos tenham consciência do fator terra-homem-riqueza, no concerto de uma Nação. Para o ex-ministro da Agricultura, "todos os brasileiros pensantes estão de acordo que é no setor primário e especialmente na agricultura que está a solução dos problemas econômicos do País e muito especialmente a forma de neutralizar uma dívida externa que já alcança os 30 bilhões de dólares, que é a maior dívida de um país na atualidade mundial".

Relativamente a reforma agrária, seu ponto-de-vista é o de que esta só "tem sentido se visar o próprio desenvolvimento agrário, já que a distribuição da terra, quando desacompanhada de assistência técnica e creditícia, com as condicionantes de transportes e comercialização à feição, não produz consequências duradouras". Ele argumenta que o pequeno proprietário, se desas-

sistido, é presa fácil dos poderosos, que acabam por retomar-lhe a terra dentro da chamada "economia de mercado aberto".

Sem se aprofundar na análise da política governamental para o setor agrícola, Cirne Lima ponderou contudo que: "elegu-se a agricultura, entre outras, como financiadora do sistema econômico brasileiro. Isso gerou um aceleramento da transferência da renda por ela gerada para outros setores da economia em detrimento do próprio campo. Isso, a médio e longo prazo, é mau".

Não digo qualquer novidade — acentuou — que a prosperidade urbana pode ser conseguida a custo do campo, mas esta não é a forma equitativa e duvido que possa ser duradoura. Por outro lado, a prosperidade do campo gera, necessária e perenemente, a prosperidade das cidades.

Ai estão, claros e retilíneos, pontos-de-vista os quais subscreveríamos com gosto, pois eles se identificam com o nosso pensamento.

O MILIONÁRIO AGRICULTOR DA ALEMANHA FEDERAL

Quando se argumenta em termos de ganhos do agricultor e se comenta sobre o aumento do seu "status" perante a sociedade econômica nacional com intenções de crítica, seria conveniente que se fizesse uma análise comparativa entre o nosso agricultor e seus colegas que vivem em países onde haja plena consciência da importância e valor desse mesmo agricultor.

Na República Federal da Alemanha, por exemplo, o Governo não discute critérios que tenham o fim de proporcionar as condições que possibilitem ao homem rural as melhores condições de vida.

"Tribuna Alemã", órgão editado pelo Departamento de Imprensa e Informação do Governo da RFA para os países de língua portuguesa, em sua edição de março, faz uma série de considerações a respeito da "intocável e prestigiada" prosperidade dos agricultores alemães.

Por exemplo: segundo cálculos mais recentes, para manter a produção interna de alimentos, o País paga mais 32,6 bilhões de marcos além do que dispenderia se importasse do mercado mundial os mesmos alimentos.

A taxa de rendimento dos lavrado-

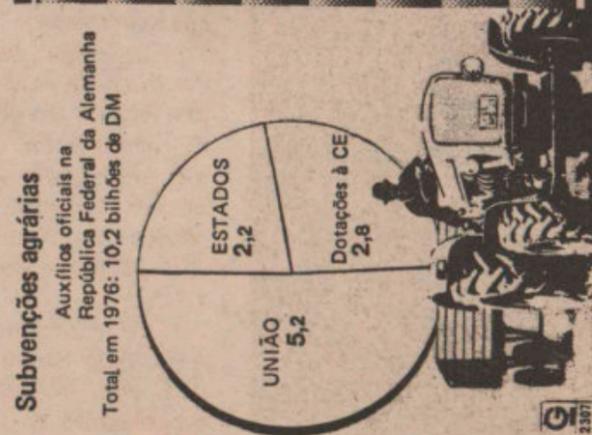
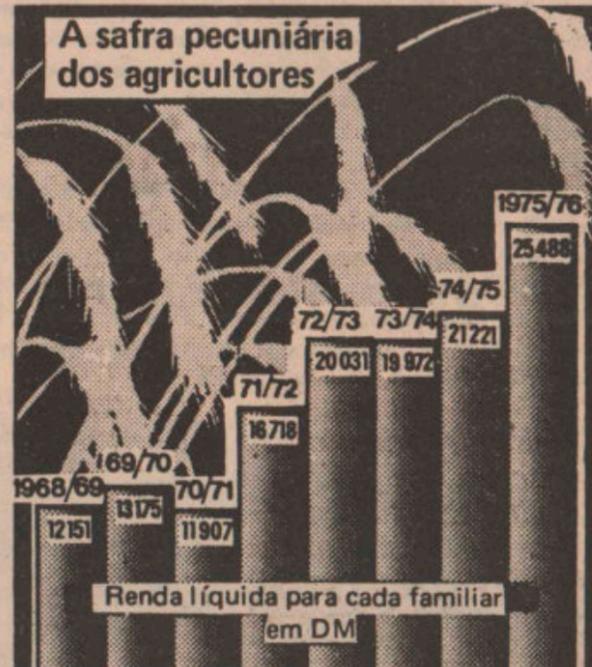
res tem se incrementado a níveis superiores às dos demais setores da economia e há severas críticas ao Governo pelo que chamam de privilégios à agricultura. Mas o Governo, ao que parece, não pretende mudar essa política, pois sabe que não adianta a um País ter milhares de chaminés fumegando se esse País não tem condições próprias de alimentar seus empregados.

Segundo a publicação, as 100 maiores empresas agrícolas da RFA pagam de imposto, em média, 200 marcos por mês, que equivale a uma quantia comparável as contribuições "de uma estenotipista ou de uma operária".

Um assessor do Ministério da Fazenda do Governo de Bonn, criticando os "favores à agricultura", disse que só a Volkswagen alemã recolhe mais impostos à Nação do que a totalidade do empresariado agrícola.

Exagero ou não, o fato é que o Governo Federal Alemão faz ouvidos mouco às críticas e continua concedendo o que o agricultor pede, pois sabe que a RFA precisa preservar, ampliando, a sua agricultura.

No Brasil, haverá qualquer semelhança entre ambas as políticas agrícolas?



HIROXIMA: 32 ANOS DE UMA TRAGÉDIA

Era 6 de agosto de 1945. A rendição incondicional do eixo Roma-Berlim deu ao mundo o vislumbre de uma paz buscada pela força e poderio das armas, através de uma árdua guerra que se prolongou por mais de cinco anos; que ceifou milhões de vidas humanas e levou à destruição bilhões de dólares em prejuízos. A confraternização de norte-americanos, russos e ingleses no principal front ocidental da Alemanha arrasada; no concerto de uma Europa igualmente arrasada, deu ao mundo a impressão que o fantasma da morte e destruição em massa passaria a ser coisa do passado.

Então houve o 6 de agosto e ainda o 9 de agosto, que a História Universal registra como Hiroxima e Nagasaki. Em questão de segundos, 70 mil mortos e igual número de feridos, segundo a versão norte-americana (considerando apenas Hiroxima); mas 240 mil mortos e mais de 100 mil feridos, segundo a estatística japonesa.

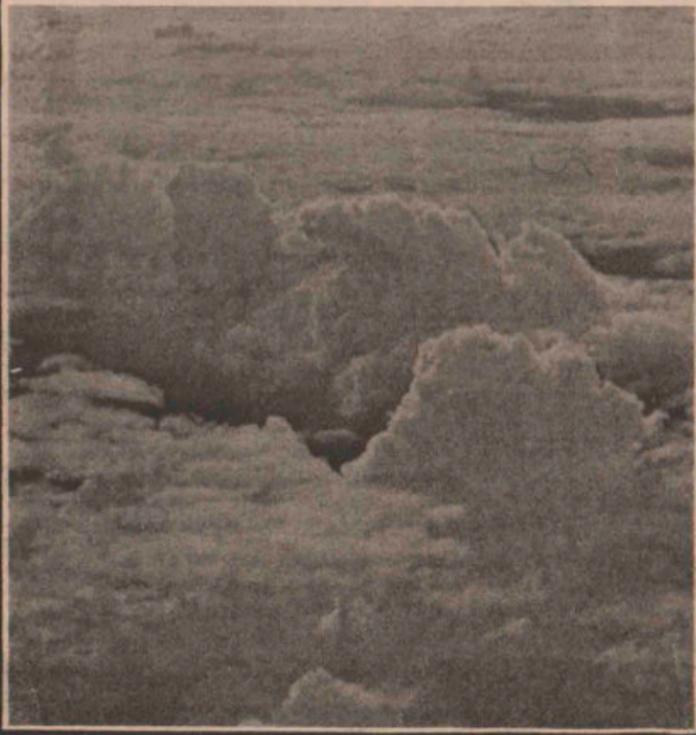
Aliás, o relato japonês da tragédia diz que durante os 20 minutos que se seguiram às 8,15m daquele dia — lindo e sem núvens — Hiroxima viveu (ou morreu?) sob o signo real do apocalipse.

A bomba explodiu a uns 570 metros de altura, com terrificante detonação, produzindo ao mesmo tempo uma bola de fogo com 60 metros de diâmetro. A tremenda explosão disseminou partículas radioativas sobre uns 40% da área da cidade. Simultaneamente fez-se visível um cogumelo a mover-se para o alto, encimado por um tufo de núvens brancas. Quinze minutos após, começou a chover. Era uma chuva lamacenta, viscosa, gosmenta. E simultaneamente com a chuva, começaram a irromper incêndios por toda a cidade; ou o que ainda restasse dela.

Hoje, passados 32 anos, Hiroxima está reconstruída, com exceção de uma pequena área que foi conservada exatamente como ficou no dia 6 de agosto de 1945. Diz a placa: "REPOUSAI EM PAZ, POIS O ERRO JAMAIS SERÁ REPETIDO".

A interpretação dos dizeres é um tanto dúbia, principalmente para quem não é versado em História. Erro de quem? Dos americanos, que detonaram o fantástico engenho sobre uma nação já praticamente desarmada? Erro dos japoneses, que por uma questão de orgulho nacional insistiam em evitar a palavra "rendemo-nos"?

Enfim, de nada adiantará hoje perquirir sobre culpados a respeito daqueles dias tenebrosos para a humanidade. O que se deve buscar a qualquer preço, até mesmo em homenagem à memória das milhares de vítimas da hecatombe, é o impedimento de sua repetição independente de qualquer argumentação. A Paz será sempre a maior homenagem que a humanidade poderá prestar às vítimas de Hiroxima e Nagasaki (R.Q.).



EUROPA INSISTE NO CULTIVO DA SOJA

A Comissão Executiva da CEE disse que quer incentivar os agricultores da comunidade a não desistirem de seus esforços para produzir soja, apesar dos maus resultados nos primeiros três anos de experiência.

A comissão afirmou que está propondo ao Conselho de Ministros a concessão de subsídios a todos os produtores durante os próximos três anos para as lavouras que consigam uma produtividade de pelo menos 1.900 quilos por hectare. Assim, será possível verificar se é viável produzir soja na CEE a longo prazo.

A CEE começou a pesquisar a produção do-

méstica de soja depois do embargo norte-americano à exportação do produto em 1973, mas os resultados foram decepcionantes e há dificuldades em passar do estágio experimental, segundo a comissão.

Os dados da comissão mostram que a produção por hectare no ano passado caiu para 1.250 quilos por hectare, em comparação com 2 mil quilos em 1975. A produção de 1976 foi de apenas 2 mil toneladas. Os subsídios se baseiam na diferença entre o preço de referência da CEE e a média do preço mundial.

A comissão declarou que ainda é cedo para abandonar a experiência

porque as condições atmosféricas do ano passado foram desfavoráveis e é preciso mais tempo para melhorar as técnicas de plantio.

Numa recomendação separada ao Conselho de Ministros, a comissão propôs um subsídio, possivelmente de 10 unidades de conta por 100 quilos para iniciar a pesquisa da produção de sementes de mamona no sul da França e Itália.

Atualmente, a CEE importa a quantidade de semente de mamona que precisa. O produto é usado principalmente pelas indústrias de tinta, têxtil e de fibras. Em 1975, a CEE importou 58,6 mil t.

AMERICANOS EXPORTAM MENOS E IMPORTAM MAIS DA URSS

O total das exportações de produtos norte-americanos para a União Soviética sofreu uma queda de quase 23% nos cinco primeiros meses deste ano.

O escritório comercial dos Estados Unidos em Moscou revelou que as exportações norte-americanas para a União Soviética durante o período de

janeiro a maio totalizaram 943,5 milhões de dólares, o que representou uma queda de 22,6% em relação ao mesmo período do ano passado, quando as exportações atingiram 1,2 bilhão de dólares.

Porém o total das exportações soviéticas para os Estados Unidos durante o mesmo período foi de

104,3 milhões de dólares, um aumento de 42,4% sobre as vendas em período igual do ano passado.

A queda no montante das vendas de produtos norte-americanos para a União Soviética resultou da redução das importações de produtos agrícolas norte-americanas por parte do governo de Moscou.

PEQUENOS DA ÁSIA DISPUTAM MERCADO NORTE-AMERICANO

Os países subdesenvolvidos, tais como a Coreia do Sul, Formosa, Hong-Kong e Cingapura, estão competindo com o Japão no mercado norte-americano e nos outros mercados do sudeste da Ásia, revelou um estudo do Banco Sanwa publicado em Tóquio.

Como resultado da acelerada concorrência de preços que os países subdesenvolvidos desencadearam, os produtos da indústria

leve japonesa, tais como os têxteis e as madeiras, já são pouco competitivos no mercado norte-americano, segundo revela o estudo.

O Japão está também sendo substituído por estes países no que diz respeito à indústria pesada.

As importações japonesas de aparelhos eletrônicos e de produtos petroquímicos procedentes dos países subdesenvolvidos aumentaram enormemente. O estudo mostra que a

participação global no comércio exterior dos países subdesenvolvidos aumentou 3,4% em 1975, em relação a 2,4% em 1970, e as exportações aos Estados Unidos feitas por esses países alcançaram 44% das exportações do Japão a esse país em 1976.

Este notável avanço dos países subdesenvolvidos no mercado mundial é atribuído à mão-de-obra barata e de boa qualidade de seus produtos.

COTRIJORNAL EM NOVA SEDE



O crescimento da cooperativa, constante e progressivo em todas as áreas, vem impondo a necessidade de uma descentralização mais acentuada em vários de seus departamentos e unidade.

O COTRIJORNAL, que há tempos enfrentava sérios problemas de espaço numa sala localizada junto ao setor administrativo da cooperativa, mudou-se para o prédio que aparece na foto, sito à rua Floriano Peixoto, 559, em área quase central da cidade. Trata-se de amplo prédio, onde o pessoal passou a ter excelentes condições de trabalho.

DIÁRIO SERRANO DESTACA COTRIJUI E COTRIJORNAL

O jornal "Diário Serrano", editado em Cruz Alta sob a direção do veterano jornalista Prudêncio Rocha, sob o título Cooperativismo, publicou editorial na edição que circulou a 15 de julho onde lembra o transcurso dos 20 anos da COTRIJUI e a edição especial do COTRIJORNAL sobre o importante assunto.

Disse o jornal de Prudêncio Rocha que "A triticultura trouxe em seu bojo o nascimento das cooperativas de trigo, que se converteram em grandes entidades congregadoras do sistema cooperativo dos produtores de trigo e posteriormente de soja".

Sobre a COTRIJUI, disse: "Dirigida pelo eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, assinala no dia 20 seu vigésimo aniversário. E o COTRIJORNAL, órgão da defesa do cooperativismo e força representativa dos 15 mil associados daquela entidade, vai assinalar o 20º aniversário da fundação da COTRIJUI com uma grande edição de 64 páginas.

IMPRESA COOPERATIVISTA DESTACADA NO "O INTERIOR"

O jornal "O INTERIOR", dos mais importantes veículos da imprensa cooperativista do Rio Grande do Sul, editado pela Fundação da Produtividade de Carazinho, publicou em sua edição nº 141 interessante resumo dos jornais editados por cooperativas. A seção, que cremos será repetida em todas as suas edições, é uma espécie de "Espelho da Imprensa" cooperativa.

No resumo citado, apareceram a revista "Agricultura & Cooperativismo", da FECOTRIGO; o "Eco", editado pela COTRIROSA; "Cosuel em Notícias", "O Cotricruz", de Cruz Alta; "O Cotrijornal", da COTRIJUI e o "Ponteiro", da ASSOCENE, de Recife, Pernambuco.

NO RECIFE I SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO COOPERATIVA

Tendo como entidade anfitriã a Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste (ASSOCENE), será realizado no Recife, entre 10 e 12 de setembro próximo, o I Seminário de Comunicação Cooperativista.

Referido Seminário, do qual o COTRIJORNAL deverá participar, debaterá a atualidade do jornalismo cooperativo e estabelecerá projeções de programática futura para o setor, cuja expansão e desenvolvimento manifesta-se como fato notório.

A ASSOCENE, organização promotora do conclave, juntamente com o jornal "PONTEIRO", vem desenvolvendo um excelente trabalho na área da comunicação cooperativa na região nordestina. Agora, com a realização do I Seminário de Comunicação Cooperativa, a entidade pretende aferir os resultados, porém, extrapolando sua própria área de atuação, para sentir o que está sendo feito no importante setor no restante do País.

PRESSÃO ECONÔMICA CONTRA "COOJORNAL"

O futuro do "Coojornal" está ameaçado. É que segundo a direção do jornal, que pertence à Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, a censura estaria fazendo pressões contra os anunciantes do órgão, no sentido de que parassem de programá-lo em suas promoções publicitárias. O resultado dessa ação dos agentes do "pensamento público brasileiro", segundo noticiou a Revista "Veja", teria resultado na desistên-

cia de anunciar no jornal, oito dos 12 anunciantes das últimas edições.

Se a notícia for verdadeira, não há dúvida que estaremos ante fato de extrema gravidade. A ação da censura atentando contra a economia das empresas, ao que parece, inaugura uma nova fase à sua própria atuação, que antes caracterizou-se diretamente contra a existência física dos próprios veículos de comunicação.

DIÁRIO POPULAR VAI SER EDITADO EM TABLÓIDE

O "Diário Popular" de Pelotas, o mais antigo jornal diário em circulação no Rio Grande do Sul, mudará de formato passando do tamanho tradicional para tablôide.

O jornal é um sóbrio veículo de comunicação acatado em toda a zona sul do Estado, sob a direção do veterano jornalista Clayr Lobo Rochefort. Foi fundado a 27 de agosto de 1890, devendo completar 87 anos de circulação no próximo dia 27, portanto.

O diretor Clayr Lobo Rochefort, explicando a decisão de mudar o formato do jornal, disse que foram desenvolvidos estudos nesse sentido, tendo si-

do levado em conta as opiniões que resultaram de pesquisas com leitores e anunciantes.

Assim sendo, ressaltou o diretor Lobo Rochefort, "sem desvincular-se de suas origens em nenhum aspecto de sua linha informática e editorial, que é sabidamente sóbria, o jornal apenas reduzirá o espaço físico de suas páginas".

A Gráfica Diário Popular Ltda., empresa proprietária do jornal, adquiriu uma impressora rotativa "MAN", alemã, que pertenceu ao jornal "A Plateia", de Santana do Livramento, que lhe dará condições de imprimir em tablôide.

REVISTA DOS ARQUITETOS

Está circulando o nº 2 da Revista "Espaço e Arquitetura" editada pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul e Sindicato dos Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul. A revista, com periodicidade bi-mestral, traz uma série de assuntos de natureza geral além daqueles eminentemente técnicos

da sua área específica. Como assunto principal, a revista aborda as ilhas do Guaíba, defendendo sua preservação.

"Espaço e Arquitetura", que tem como editor responsável a jornalista Rosvita Saueressig, é executada graficamente pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre - COOJORNAL.

EXPOSIÇÃO DE JORNAIS NA UFSM

A Universidade de Santa Maria estará expondo durante este mês uma exposição sobre jornais de todo o mundo. É uma promoção do Museu Educativo Gama D'Eça, da UFSM, com a colaboração do De-

partamento de Geociências, do Curso de Comunicação Social, do jornal "A Razão", da Prefeitura Municipal e a totalidade dos órgãos de imprensa do município de Santa Maria. A entrada será franca.

AVIÃO ACIDENTADO E CINTO DE SEGURANÇA

Raul QUEVEDO

Ao enfrentar o mau tempo reinante, um avião monomotor do Uruguai, que voava de Pelotas para Montevideu caiu na tarde de 23 de julho, ao tentar um pouso forçado sobre a serra Maria Pinto, no município de Herval do Sul. Seus dois ocupantes morreram na queda do aparelho, que explodiu ao chocar-se com uma pedra de grandes proporções e que estava oculta sob a folhagem da vegetação que cobre o morro. Noticiando a ocorrência, um jornal de Porto Alegre disse em manchete que os ocupantes do aparelho acidentado "morreram em virtude de estarem usando os cintos-de segurança".

Ao dar a opinião, o jornal ressaltou que "segundo o pessoal da segurança que atendeu a ocorrência, provavelmente o piloto e seu acompanhante tivessem escapado com vida se não estivessem usando os cintos-de segurança".

A nossa opinião é que a interpretação do jornal não condiz com a realidade, expressa hipótese absurda, constituindo-se, portanto, em fator deseducativo. E o ponto-de-

vista dado com destaque é tanto mais lamentável quando se sabe que há relutância quanto ao uso do cinto-de-segurança pelos automobilistas em nossas estradas, mesmo após estar cientificamente provado a eficácia do cinto como elemento de segurança.

O jornal, cuja editoria permite que tais pontos-de-vista sejam expressados, deveria fazer uma auto-crítica, raciocinando em termos de sua responsabilidade não só como informador mas também como formador da opinião pública. Independentemente do que possa pensar um cidadão comum, mesmo que num dado momento revestido da condição de "informador", o jornal, através de sua editoria e de seus redatores, deve ter a condição de analisar os fatos com exatidão, fazendo uso do bom senso. Informação, raciocínio ou ponto-de-vista ilógico, absurdo, que conflite com o bom-senso, não deve ser considerado por nenhum jornal digno desse nome.

É do nosso dever jornalístico tentar esclarecer o fato, posto que nesta página do COTRIJORNAL te-

mos aconselhado o uso de cinto-de-segurança em quaisquer circunstâncias. O desenho que ilustra este comentário saiu no "Cotrijornal" que circulou em janeiro deste ano, na página de Segurança. As seis diferentes posições da figura com os diferentes tempos contados em frações de segundos, dão em detalhes a sequência da tragédia. E note-se que o caso em análise registra um acidente imaginário, cujo impacto (do choque) era de um automóvel que trafegava a 80 quilômetros por hora.

Imaginemos agora o impacto em avião, cuja velocidade no momento da aterrissagem não poderia ser inferior a 150 quilômetros horários, ao bater numa pedra que estava oculta sob a extensa vegetação do local. É evidente. Em quaisquer circunstâncias tem maior chance o cidadão — motorista ou aeroviário — que estiver protegido pelo cinto de segurança.

Sem que sejamos técnico, mas por uma simples questão de bom senso assim pensamos e manifestamos a nossa opinião.



MOMENTO DO IMPACTO



0,026 de segundo: os pára-choques são amassados e a frenagem, na área do motorista, representa uma força correspondente a trinta vezes seu próprio peso.



0,039 de segundo: o motorista voa sem diminuição de velocidade.



0,044 de segundo: aqui ele já amassa o volante devido à força do impacto



0,068 de segundo: o motorista choca-se contra a coluna de direção, com uma pressão de cerca de 4 toneladas.



0,092 de segundo: após o "vôo" de retorno, o motorista já pode estar morto... A pressa acabou. Resta para ele, to do o tempo deste mundo... E do outro.

O REI DO ROCK

Luis Fernando VERÍSSIMO

No dia em que completou 40 anos, ele reuniu a família em torno de si e anunciou:

— De hoje em diante sou outro homem. Para começar, vou arranjar uma amante.

A mulher teve um desfalecimento. A filha, de dezesseis anos, e o filho, de treze, correram para ajudá-la.

— Papai, você está louco?

— Qualé, coroa?

Mas ele continuou, impassível:

— Vocês não podem se queixar de mim. Tenho sido um marido leal e atencioso e um pai perfeito todos estes anos. E agora tenho direito a liberdade. Quero ser livre! Vocês me dominam!

A mulher ergueu-se da cadeira e saiu da sala, seguida pelos filhos num cortejo de indignação. Mas ainda ouviram ele gritar:

— Eu era o melhor bailarino da minha turma, vocês sabiam disso? Não sabiam. Ganhei até concurso de dança. Podia ter feito carreira. Mas nunca é tarde. Vou começar de onde eu parei.

E, entusiasmado, anunciou para a sala vazia:

— É a volta do Rei do Rock!

O O O O O

No mesmo dia, na hora do almoço, ele apareceu na mesa com uma peruca caju. O filho começou a rir, mas desistiu diante do olhar de censura da mãe e da irmã. Tinham decidido ignorar as loucuras dele. Aquilo era uma fase. Acontecia com muitos homens, ao chegarem aos 40. Passaria. A mulher limitou-se a perguntar:

— Você ainda está aqui? Pensei que fosse sair de casa.

— Sair de casa, por que? A casa é minha. Vocês, se quiserem, que saiam.

Mãe e filha correram da mesa, aos prantos, em nova debandada. Ele cutucou o filho, piscou o olho, e disse:

— Eu sou uma brasa, mora!

Como o filho não entendesse, inclinou-se para ele e propôs:

— Vem cá. Chegou a hora de você me dar alguma coisa em troca da mesada. Acabou a mordomia grátis nesta casa. Você vai me ensinar toda a gira nova. Combinado?

O filho hesitou. Ele insistiu:

— Senão eu corto a sua mesada e ainda começo a cobrar o quarto, a comida e a roupa lavada.

O filho concordou.

O O O O O

Passou a chegar em casa tarde, todas as noites. Frequentava as discotecas do momento. A filha contou que nunca se sentira tão embaraçada em sua vida: encontrara o pai fazendo compras numa butique de roupa para jovens. Tinha comprado varias calças e jaquetas de brim.

— Engraçado. Essas roupas ele não trouxe para casa...

— É que ainda não ficaram prontas. Tiveram que alargar todas as calças na cintura. O vexame, mamãe!

O O O O O

Uma noite, chegou em casa mais cedo. Atirou-se numa poltrona. Estava aborrecido. A mulher e os filhos se entreolharam. Era um canalha mas, que diabo, era o chefe da casa. A mulher se sentiu na obrigação de dizer alguma coisa. Não podia perguntar se fora um dia cansativo no escritório. Sabia que ele não aparecia mais no escritório. E certamente não podia perguntar "Um dia muito cansativo no motel da Barra, querido?" Mas precisava dizer alguma coisa.

— O que foi?

— Nada.

— Quer comer alguma coisa?

— Não.

— Você hoje não vai à discoteca?

— Não, meu programa falhou. Não tenho com quem ir.

Silêncio. A mulher mordeu o lábio. Depois, decidiu-se. Falou para a filha:

— Vá com seu pai à discoteca.

— Mamãe! Estou vendo a novela!

— Não discuta. Vá com seu pai à discoteca.

O O O O O

No dia seguinte a filha contou tudo. Até que não fora tão ridículo. Sabem que ele dança mesmo muito bem? Aprendeu todas as danças novas, é animadíssimo...

— E escuta aqui, minha filha. As mulheres dão bola para

ele?

— Olha, eu acho que não. Se ele perdesse um pouco da barriga...

No almoço, aquele dia, mulher, filha e filho, como se tivessem combinado, recomendaram que ele fizesse dieta. Para perder a barriga.

— E outra coisa — disse a mulher. — Essa sua peruca...

— Que que tem minha peruca?

— É ridícula. Eu vi uma muito mais distinta, mechada, que combina melhor com o seu tipo.

— Prefiro esta.

— Bobagem. Vou comprar a outra para você.

O O O O O

Dias depois ele entrou em casa de manhã, com a nova peruca mechada meio de lado na cabeça, e anunciou para a família, que tomava café:

— Levantei uma lebre!

— O que? — pergunta a mulher.

— Ele arranjou uma mulher — explicou o filho.

— Eu não disse? Foi só mudar de peruca e emagrecer um pouco... — disse a mulher. E perguntou se ele queria tomar alguma coisa antes de ir dormir.

O O O O O

Depois de uma semana ele, um dia, não saiu de casa. Perguntou o que ia dar na televisão. Se espichou no sofá e descalçou os sapatos. A mulher protestou.

— Você não vai sair?

— Hoje não.

— E a sua lebre?

— Ela que aguarde. Estou cansado. Vou dormir cedo.

— Não senhor. Você vai sair.

— Mas querida...

— Rua! Crianças, ajudem o seu pai a se vestir. Tragam aquela camiseta nova, com "Love me, Baby!" escrito na frente.

— Mas eu não quero!

— Quer sim. Vamos, vamos...

Da calçada ele olhou para cima. Na janela do apartamento viu a família que o controlava. Se voltasse antes das quatro, ia ter!

CENTO E VINTE AGRICULTORES NUMA TERRA ESTRANHA

A edição de aniversário da cooperativa que circulou em julho, com encarte especial intitulado COTRIJUI 20 ANOS, se de um lado motivou inumeráveis elogios por parte dos leitores, autoridades e intelectuais, motivou também perguntas e pedidos de outros tantos enfoques do cotidiano da COTRIJUI. Em Porto Alegre, a pergunta mais repetida era o por quê do COTRIJORNAL não ter apresentado retrospecto da atuação e participação cultural da cooperativa. Foi lembrada, entre outras, a participação da entidade na campanha de popularização da vida e obra do Patrono da Imprensa Brasileira, Hipólito José da Costa, inclusive patrocinando concurso de redação de textos entre professores e viagem a Pelotas e Colônia do Sacramento, terras de nascimento e vida do Patrono. Em Ijuí, a questão mais questionada foi a viagem dos associados aos Estados Unidos, sob liderança e organização da cooperativa, o que ocorreu entre 18 de setembro e 12 de outubro de 1974.

Nesta matéria estamos lembrando alguns fatos daquela viagem, que marcou um pioneirismo brasileiro em número de excursionistas em viagem no estilo "Charter". Em outras edições procuraremos focalizar outras iniciativas tanto empresariais quanto culturais e técnicas, para que nossos leitores relembrem esses fatos e aqueles novos que forem tomando ciência da cooperativa passem a conhecer a dinâmica da COTRIJUI e sua importância no concerto sócio econômico da atualidade do Estado e do País.

PORTO ALEGRE, RIO, MIAMI.

Na noite de 18 de setembro de 1974, em voo "Charter" da VARIG, com escala técnica no Rio de Janeiro, 125 passageiros entre agricultores (na sua absoluta maioria), dirigentes da COTRIJUI, técnicos e jornalistas, deram início a uma longa viagem por vários estados da América do Norte com o objetivo de observar nas regiões de produção primária daquele grande País seu estágio de cul-

tura e atualidade de desenvolvimento econômico.

Às 9,00 hs. de 19, horário local, os excursionistas pisavam território norte-americano no Aeroporto Internacional de Miami. A partir de Miami, durante 25 dias, usando aviões da maioria das grandes empresas aéreas do País e ônibus especiais fretados para as viagens técnicas no interior dos estados centrais, seriam percorridos mais de 20.000 quilômetros numa viagem estafante e cansativa porém completa de novidades e descobertas.

GIGANTISMO DE NOVA IORQUE

Cerca de 12 horas da manhã de 20 de setembro um avião da Delta Airlines aterrissava no Aeroporto Internacional John Kennedy, em Nova Iorque. A visão era gigantesca; quase aterradora. Vários dos excursionistas não faziam a menor idéia nem compreendiam a portentosidade do espetáculo arquitetônico que se lhes apresentava ante os olhos. E a surpresa era compreensiva.

É fácil raciocinar em termos do agricultor que saíra pela primeira vez do interior de Tenente Portela, Miraguaí, Santo Augusto ou até mesmo Ijuí, e ver-se como que por encanto trasladado para o gigantismo de Nova Iorque, ou mais precisamente para as imediações da 5a. Avenida, no coração de Manhattan. Pois foi o que aconteceu com os excursionistas internacionais da COTRIJUI.

CHICAGO E A BOLSA DE CEREAIS

Após dois dias de visitas turísticas a Nova Iorque, na tarde do dia 22 foi feito traslado para o Aeroporto La Guardia, para embarque com destino a Chicago, em voo da American Airlines. O desembarque deu-se duas horas após, no Aeroporto Internacional Hoara, que acusa o movimento diário entre decolagens e aterrissagem de 2.400 presenças.

O que mais impressionou os excursionistas foi a Bolsa de Cereais, pelo fato de se constituir no "fantástico aparelho de comércio ditador de preços", ao qual está vinculado, direta ou indiretamente, o destino dos sojicultores do mundo inteiro.

A visita, de caráter técnico, ocorreu na manhã do dia 23, com a Bolsa em plena operação de pregão, cujos detalhes estamos dando em outro contexto desta reportagem retrospectiva.

VISITAS TÉCNICAS AO "CORN BELT"

Na manhã do dia 24 foi iniciado um extenso roteiro por ônibus a partir de Chicago,

através de tres estados da região central — Illinois, Minnesota e Iowa — quando foram visitadas dezenas de organizações entre granjas, fazendas, fábricas de rações e aviários tecnicamente instalados. Nesse roteiro foram visitadas as cidades de Moline, no Illinois; Minneapolis St. Paul e Mankato, no Minnesota e Des Moines, Ames, Fort Dodge, Cedar Falls e Waterloo, em Iowa. A partir desta última cidade foi feito retorno a Chicago, para viagem via aérea a Memphis, no Tennessee.

Tendo como ponto de referência a cidade de Memphis foram feitas visitas que se dobraram ainda pelos estados do Mississipi e o Arkansas. De Memphis foi empreendida viagem a Nova Orleans, com visita

técnica ao grande porto do Golfo do México, onde se destacava como ponto de interesse para os excursionistas da COTRIJUI o Terminal para cereais considerado o maior do mundo.

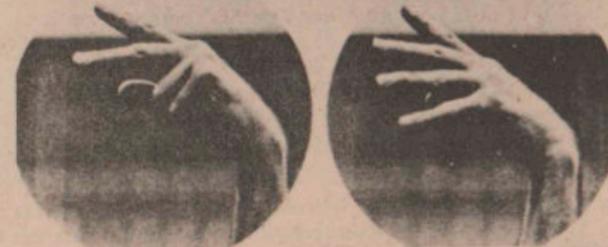
Foram 25 dias de viagem num roteiro bem elaborado, inclusive dosado com visitas de interesse técnico e turístico, como foi o caso da estada em Orlando, na Florida, onde está localizado o mundo da fantasia representado pela Disney World. De Orlando a excursão viajou por ônibus até a cidade de Miami, de onde em voo direto pela VARIG foi empreendida a viagem de retorno ao Brasil, com chegada em Porto Alegre na manhã de 12 de outubro.

A BOLSA DE CEREAIS

Podem participar dos leilões no recinto da Bolsa, em seus pregões, os membros associados devidamente em dia com o regulamento estatutário. Os negócios de oferta (compra ou venda) são anunciados através de sinais feitos com as mãos e detalhes dos dedos. Cada dedo representa o contrato de uma compra ou venda. Por exemplo: dois dedos a frente, em posição de tesoura, 1/4 de cent de oferta. Quatro dedos em formato de leque, meio cent. Cinco dedos unidos na horizontal, 3/4 de cent e a mão direita com os dedos cerrados em formato de soco, full cent. A mão espalmada, braço na horizontal em direção ao plenário, compra; a mesma posição, vista pelo dorso, vende.

Os sinais são de relevante importância no recinto dos pregões, tendo em vista o barulho ensurdecedor que ocorre, não permitindo o comunicação oral.

A Bolsa é constituída exclusivamente por empresas particulares que operam nos diversos ramos vinculados, com diversos países do mundo. Até 1974, quando o redator do COTRIJORNAL esteve visitando-a na companhia dos excursionistas da COTRIJUI, o Brasil não atuava diretamente. Atualmente, a COBEC e a COTRIJUI são membros associados, participando diretamente dos pregões. A ilustração que nos foi enviada pela Assessoria de Imprensa da FECOTRIGO, mostra os diferentes gestos de mãos e dedos num pregão.



Da direita para a esquerda aparecem os associados Willy Ervino Krebs, Herbert Grimm, Arno Muxfeldt, o jornalista Raul Quevedo; Ary Eloi Engleitner e Mário Beck (de costas), em frente ao Templo São João Divino, em Nova Iorque



A ESTÂNCIA

Segundo JOÃO DO SUL

O verdejar dos campos perdem-se na imensidão das lonjuras. Lá, na dobra infinita do horizonte, até aonde a vista chega num vislumbre já quase indefinido, pasteja o gado na calma modorrenta do rebanho.

O sol descamba para o poente como uma bola de fogo projetada da cratera de um vulcão, deixando desenhos fantásticos no espaço como se o céu fosse presa de um incêndio apocalíptico.

A casa grande é um ponto branco no topo da colina. Esparramada ao longo de si mesma, num só piso, termina aonde começam os mangueirões de aparte e marcação, de banha e de abate do gado para consumo da casa.

De longe, dos socavões perdidos na planície campesina, os gritos de éia, éia, dos peões que repontam o gado em direção aos currais. E os cães latindo, o gado mugindo, os quero-queros gritando, as ovelhas balindo, os cavalos relinchando, tudo isso forma uma música gauchesca, espécie de sinfonia pampeana, que só a ouviu quem já viveu numa estância.

De madrugada, enquanto o minuano sopra pelos varzedos, estremecendo os atoleiros nos manantiais, a um só grito do capataz a peonada salta das tarimbas, achegando-se dos brazeiros onde ao chio da chaleira o chimarrão já anda de mão-em-mão.

O charque gordo doura no espeto, gotejando graxa nas brasas, que reacende, soltando um cheiro gostoso. Os mais gulosos não esperam que o churrasco "fique no ponto". Entre um e outro gole do chimarrão forte e espumoso, nacos de carne vão sendo devorados.

Clareia o dia e a peonada some-se campo a fora em seus pingos "cola atada", retouçando corridas de tiro-curto ou atropelando lebres desgarradas. "Afazeres" de estância, cumpre-se no lombo do cavalo.

Na casa grande, tudo fica em silêncio. Ouve-se apenas o ranger dolente do moinho de vento e um e outro latido dos cães velhos, que já não acompanham os peões campeiros.

O sol se ergue por sobre os arvoredos, projetando luz e sombra. Um cheiro doce de árvores nativas perfuma o ar, enquanto a passarada trina em gorgeios de afinada orquestra.

Em pouco, começam a abrir-se os janelões da casa grande. Cortinas brancas esvoaçam ao soprar da brisa.

Ao longe, passa a estrada real, de onde um cavaleiro teatino como eu sofrena o cavalo para admirar a beleza da china que por um instante enfeita o janelão da casa grande com um sorriso de prenda enamorada...



Gaúcho portando desjarretador. Desenho de Federico Reilly, artista uruguaio. Trabalho feito especialmente para o livro "Pilchas Crioullas", de Fernando Assunção.

A COTRIJUI EM VERSOS

O Nordeste fala cantando. São as igrejas da Bahia, as pontes do Recife, as mangueiras de Belém, as praias da velha Olinda, a porroca do Amazonas, os sobrados de São Luiz; o berimbau, a capoeira, o candomblé, ou ainda o misticismo no Padim Ciço, no Antonio Conselheiro, a admiração santificada num Virgulino Ferreira da Silva — o Lampião, rei do cangaço — tudo faz parte do cancionário nordestino que transposto para letra-de-fôrma, enche as praças e os mercados públicos desde Salvador até Manaus, no cantar trovadoresco dos poetas do cordel. É a modesta literatura (ou será sub-literatura?) do Nordeste, que faz o encanto do dia-a-dia daquela gente simples e boa.

E motivo (mote) é que não falta para a inspiração daqueles nossos irmãos. Pois como se não bastasse a selva inóspita e misteriosa, os descampados da caatinga crestada pela seca no verão, os rios transbordantes nas épocas das enxurradas violentas, as imensidões das lonjuras que se medem pelos rios transcontinentais, dos quais o Amazonas, o Solimões, o Negro e o Tapajós servem de exemplo, bastaria lembrar que o Brasil nasceu ali. Resida, talvez, aí, a pujança poética daquela gente.

No Sul, o versejar popularesco não fez escola. Um estudo sociológico (a ser feito) deverá provar como causa a diversidade etnológica das raças que o habitaram, trazendo diferentes culturas e impondo usos e costumes alheios a princípios mas que com o passar do tempo foram se impondo no consenso comum. Tanto que, não se pode afirmar hoje que no Rio Grande do Sul, por exemplo, prevaleça uma cultura tipicamente brasileira ou gaúcha, pois esta última, ou ambas, encontram variáveis que mudam de região para região.

Evidentemente, o fenômeno deveria se refletir no universo das comunicações. Então, o versejar tipo gauchesco (a trova de desafio, ou repente violado) que fez sucesso durante todo o século XIX e começos deste, foi perdendo terreno a medida que as populações de emigrantes ocupavam o território.

E por que os usos e costumes nativos foram contidos e no futuro até ultrapassados pelos alienígenas? A resposta não pode ser dada com tanta simplicidade. No entanto, o que pode-se antecipar é que a carência de comunicações à época, a inexistência de escolas para os naturais, aliada à concentração de emigrantes em zonas estancos, onde estes tiveram suas próprias escolas e criaram seus meios de comunicação, podem ser dados como fatores fundamentais.

Mesmo assim o Rio Grande do Sul tem tido seus poetas repentistas e declamadores de nome, sendo fácil destacar Jayme Caetano Braun, talvez o mais popular deles.

Natural de Ijuí, Pedro Darci de Oliveira (poeta, declamador, folclorista e pesquisador) vem despontando no rol dos divulgadores de nosso nativismo. Autor do livro "Sinuelo" e orientador artístico do Conjunto Folclórico

Cotrijui, onde é funcionário, acaba de escrever a "Cotrijui em Versos", uma homenagem à cooperativa nos seus 20 anos de existência. A seguir, alguns versos esparsos, colhidos do livro ainda inédito:

Bueno patricio, me apeio
para meio dedo de prosa.
Em linguagem religiosa
de cristão e muito crente,
pensei muito ultimamente
num meio de contar frouxo,
as alegrias e arrochos
que passou este vivente.

Dá licença? Eu puxo um banco
boleio a carcaça em cima,
sigo assim cantando rimas
e lhes contando com glórias
todas as minhas vitórias
desde que nasci no pampa,
até os pontacos de guampa
que formaram minha história.

Pois quem nasce em berço pobre
é duro o primeiro passo,
leva-se cada lambaço
que dá dó só em pensar,
e não adianta se apressar
tem que seguir dia-a-dia,
se agarrando ao santo guia
para a sua sina aguentar.

Mil novecentos e cinquenta e sete
no dia vinte de julho,
nasci sem fazer barulho
sem muito alarde no más,
escarvando terra para trás
como um sinuelo na ponta,
e para o mundo já aponta
o rumo de um capataz.

.....
Eram três horas da tarde
estávamos reunidos,
vinte tauras decididos
com muita fé e coragem,
ainda lembro das imagens
parece que estou vendo,
todos por um escolhendo
sua primeira patronagem.

E no fim desse encontro
já se soube o resultado,
tínhamos, então, nomeado
um patrão representante,
que a partir daquele instante
do momento que eu nasci,
fui chamado COTRIJUI,
para orgulho dos presentes.

E por aí segue o livro em versos de Pedro Darci de Oliveira. O livro, que é aberto com um acróstico formando a palavra COTRIJUI, é composto em oitavas, totalizando 115 versos.

O SABOROSO PÃO DE FORNO. OU CASEIRO

Pão de forno; "pão caseiro". Quem lembra dele? Qual o cidadão, principalmente os moços da cidade que já tiveram o prazer de saborear ao menos uma fatia do tradicional pão feito pela "mama". De trigo puro, bem sovado e enriquecido com pequenas porções de toucinho ou de torresmo. Não há dúvida. A vida na cidade, principalmente depois da evolução industrial, trouxe muito conforto e proporciona elevado bem-estar ao homem. Mas em compensação tirou muita coisa boa, que vive hoje apenas na lembrança dos mais idosos. Quem revive hoje o gostoso costume de comer pão de forno caseiro?



PEDALAR, UM EXERCÍCIO QUE DÁ FORÇA E SAÚDE



O espírito inventivo dos norte-americanos está manifesto neste "pedal partner" que aparece na fotografia, unindo duas bicicletas e transformando-as num veículo de quatro rodas a "céu aberto". As vantagens do engenho são diversas: maior estabilidade, sendo desnecessário ao principiante o "saber andar, propriamente dito"; parar sem necessidade de descer dos celins e viajar lado-a-lado em animadas palestras. Para casais que tenham filho recém nascido, aconselha-se adaptar o berço entre-eixos, pois o passeio pode ser facilmente ampliado para três. Para passeios individuais, as bicicletas podem ser separadas facilmente, bastando desaparafusar o aparelho.

RECIPIENTES PLÁSTICOS CONDENADOS PELOS CERVEJEIROS ALEMÃES

Tomar cerveja, pelo menos em se tratando de alemães, torna-se um hábito que se caracteriza por arraigado costume. E os alemães, que entendem de cerveja e de cervejarias, condenaram os recipientes plásticos em todas as suas formas para guarda e conservação de bebidas. Garrafas de material plástico permitem a saída de carbonatos e a entrada de oxigênio,

isso sem falar no sabor indesejável que transmitem à bebida, quando servida nesses recipientes. Ai está uma opinião que deve ser respeitada em relação ao saudável hábito de tomar cerveja — moderadamente, bem entendido — pois não há dúvida que os alemães entendem de cerveja muito mais do que qualquer outro povo do mundo.

NO VIGÉSIMO ANIVERSÁRIO HOMENAGEM AOS PIONEIROS

Ao transcurso da data que assinalou os 20 anos de existência da COTRIJUI, o que se viu foi mais uma vez a sobriedade de uma organização que prima pela organização e pelo trabalho, qualidades essas que têm projetado a organização a níveis nacional e mesmo internacional. As comemorações foram simples e objetivas.

A programação à data constou de visita ao túmulo do ex-presidente desaparecido Luiz Fogliatto, às 15 horas no cemitério da cidade. Às 17 horas descerramento do busto de Luiz Fogliatto, erguido na parte fronteira ao bloco administrativo da cooperativa, e às 18 horas descerramento de placa alusiva ao 20º aniversário, afixada na entrada principal do bloco administrativo.

À noite, com início às 21 horas, foi servido jantar na Sociedade Ginástica, oferecido pelo corpo social aos fundadores da COTRIJUI, a maioria presentes à homenagem, juntamente com as

altas autoridades civis e militares, onde se destacaram o sr. Marcos Pessoa Duarte, presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo e representando também o sr. Alysson Paulinelli, Ministro da Agricultura; o prefeito municipal Wilson Maximino Mânica, o juiz diretor do Foro, bacharel Carlos Roberto Lengler; comandante do 27º Grupo de Artilharia de Campanha, tenente-coronel Abdias da Costa Ramos; general comandante da AD/3 de Cruz Alta, Hyran Ribeiro Arnt; general Luciano Salgado Campos, comandante do 1º Grupamento de Fronteiras, sediado em Santo Ângelo; Tertuliano Boffil, diretor do BNCC; representantes do Legislativo ijuiense, outras autoridades e jornalistas.

Aproximadamente 400 pessoas lotaram o salão de festas da SOGI, participando de jantar-americano, quando se constituiu na parte principal da festa a homenagem aos sócios fundadores.

PLACA DE PRATA AOS FUNDADORES

A totalidade dos fundadores, pessoas físicas ou jurídicas, que se reuniram na tarde chuvosa de 20 de julho de 1957 no Clube Ijuí para criar a cooperativa, foram lembrados nas festividades dos 20 anos, recebendo das mãos de dirigentes atuais ou autoridades, uma placa alusiva em prata e jacarandá, com citação nominal individual.

Receberam as respectivas placas, pessoalmente ou através de seus representantes, as seguintes empresas ou pessoas: Granja Santa Cecília, na época de propriedade dos srs. Nilo Antonio Francisco Bonfanti, Luiz Anselmo Bonfanti e Luiz Fogliatto. Granja São Luiz, de propriedade de Luiz Fogliatto. A placa foi recebida por sua viúva, a sra. Lais Fogliatto. Granja Amoreira, propriedade de João Itagiba da Silveira, Ludwick Mrozins-

cki e David José Martins. Granja Regina, de Francisco Brasil da Câmara Rufino e Paulo Guimarães da Silva. Empresa Tupi, de Arioaldo de Freitas Casanova e Alceu Krug Ferreira. Cooperativa Mista Mauá, Cooperativa Mista Agropecuária; Empresa Hilmers, de Helmuth Elmers, Hilnon Guilherme Correia Leite; Ricardo Otto Beutinger, Emilio Vontobel e Waldemar Michael; Alberto Sabo; Granja Rio Branco, de Leopoldo Low e Ernesto Helmuth Jost, Rodolfo Lopes, Pedro Paulo Ceretta, George Marcks, Dary Meggiolaro, Eliseu Antonio Meggiolaro, Elmar Nestzlaff, Rodolfo Engleitner; Granja Cambará, de Genésio Costa Beber; Granja Nossa Senhora Aparecida, de Solon Gonçalves da Silva, Edwino Schroer e Waldemar A. Padilha e Benno Orlando Burmann.

LIDER DESAPARECIDO PLASMADO NO BRONZE

Uma herma em bronze erguida na parte fronteira ao prédio administrativo da COTRIJUI, sobre pedestal de cimento, eterniza a homenagem da cooperativa e seu quadro social àquele que foi numa determinada época o propulsor de um movimento que teve o efeito de estabelecer as raízes de uma infra-estrutura, origem da solidez da cooperativa nos dias de hoje.

Falou no ato de descerramento do busto o diretor-superintendente Clóvis Adriano Farina, que traçou em breve, porém

oportuno improvisado, o trabalho do vulto homenageado, que hoje faz parte não só da galeria dos batalhadores pelo desenvolvimento da COTRIJUI mas está transladado na história do cooperativismo brasileiro. Sua luta diuturna em prol da elevação de uma causa que na época — e também nos dias de hoje, têm muitos contestadores. Mas Luiz Fogliatto, destacou o orador, esquecendo de si mesmo, desleixando a própria saúde, batalhou sempre na busca dos objetivos visados. E essa visão de objetivos tinha em prol o

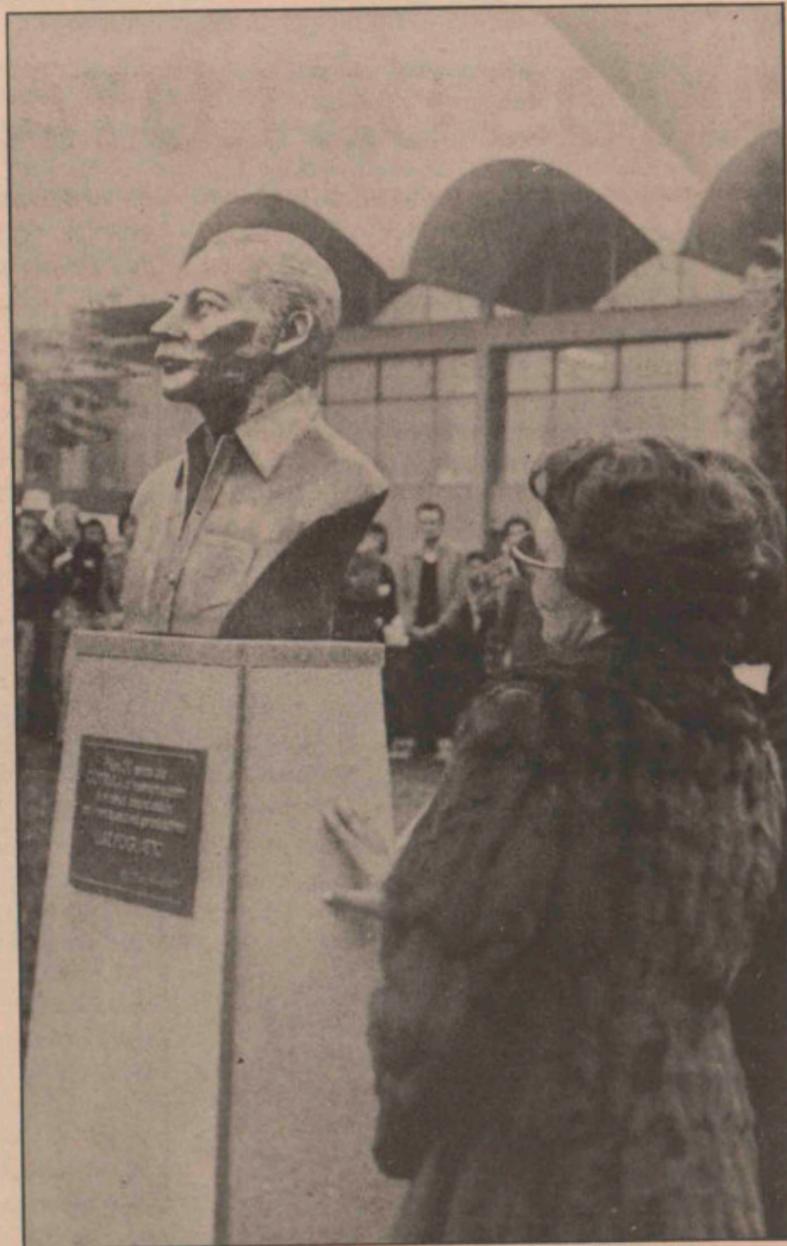
proveito de terceiros; terceiros que eram simples e modestos agricultores que enfrentavam problemas de produção, da guarda dessa produção e sua comercialização.

Seu esforço foi desmedido, numa luta desigual que chegou a lhe custar a própria vida, ainda quase na mocidade quando sua inteligência e preocupação com a causa pública pulsava no entusiasmo das realizações, disse Clóvis Adriano Farina.

Coube à dona Lais Fogliatto, viúva do homenageado, descerrar o busto.



Diretor Clóvis Adriano Farina: homenagem ao pé da herma.



Perfil do busto, ao ser descerrado por dona Lais Fogliatto.

AS PLACAS DOS 20 ANOS



O sr. Tertuliano Boffil, diretor do BNCC.

Na fachada do prédio, à entrada principal, foram afixadas duas placas metálicas. Uma em alusão a vinda do Ministro da Agricultura, que por motivos de força maior não pode comparecer, sendo representado no ato pelo presidente do BNCC, sr. Marcos Pessoa Duarte. A outra refere-se à inauguração oficial de prédio e faz menção ao Banco Nacional de Crédito Cooperativo, organismo financiador da obra.

Durante esse ato falaram o diretor-vice-presidente, sr. Arnaldo Oscar Drews, transferindo as homenagens ao quadro social, cujo trabalho grandioso tem se refletido no próprio crescimento da cooperativa e o sr. Tertuliano Boffil, diretor do BNCC.

Todas as palavras do vice-presidente Arnaldo Drews foram de agradecimento pelos esforços dos associados, principalmente aos fundadores que levaram em frente o ideal coo-

perativista. "Foi preciso que muitos se sacrificassem para que a Cotrijui chegasse até aqui". No final de sua palestra Arnaldo Drews também agradeceu a direção do BNCC pelo financiamento concedido para a construção da nova sede administrativa.

Em seguida, o diretor do BNCC, Tertuliano Boffil, em rápidas palavras expressou seu contentamento em participar da comemoração dos vinte anos, que segundo ele, "a Cotrijui já pode se considerar uma das maiores cooperativas do mundo".

Sobre os financiamentos para construir a sede administrativa e também o terminal graneleiro de Rio Grande, Tertuliano Boffil afirmou que "o BNCC estará sempre pronto para aceitar esses projetos, pois vão diretamente em benefício dos associados."



O vice-presidente Arnaldo Oscar Drews: a soma do trabalho de muitos.

ANOS DE LUTA, ANOS DE VITÓRIAS

Destacando a luta de todos no esforço cooperativo que vem transformando a COTRIJUI no ideário do sistema e como ele deve ser entendido e trabalhado, falou agradecendo a presença de todos no encontro "dos 20 anos", o diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva. Ele lembrou a cooperativa praticamente desde suas origens, analisando e projetando os nomes dos pioneiros, aqueles que acreditando no sistema e tendo consciência que só o cooperativismo poderia somar forças para proteger o agricultor da ganância dos aproveitadores do trabalho alheio, "juntaram suas misérias e entraram na luta para vencer".

E a luta e as vitórias — disse Ruben Ilgenfritz da Silva — tem sido uma constante na vida da COTRIJUI. Primeiro foi a luta do agricultor em torno da criação e preservação de uma entidade que tivesse o poder de reivindicar medidas e consolidar resultados e conquistas. E a medida que algo era conquistado, chegava-se a conclusão que novas necessidades passavam a ser criadas. Assim, sucessivamente, a luta era reencetada.

Das necessidades iniciais, muitas vezes a simples preocupação por uma orientação de como plantar ou colher, o agricultor passou a enfrentar necessidades nascidas do próprio crescimento. E a todas essas necessidades a cooperativa foi enfrentando, foi vencendo. Hoje, não se quer dizer que não existam dificuldades. Estas, parece que sempre deverão haver numa socieda-

de econômica dinâmica. Mas o que é possível afirmar, sem qualquer dúvida, é que as dificuldades seriam infinitamente maiores caso a economia nacional não contasse com a participação atuante do cooperativismo. E o cooperativismo

brasileiro existe, felizmente. Ele veio para ficar e crescer cada vez mais, inclusive com o esclarecido apoio e prestígio das autoridades econômicas da Nação, que vêem nele um elemento de propulsão do fortalecimento econômico nacional.



O diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, ao discursar na festa dos 20 anos, na SOGI.

BNCC PODERÁ SER BANCO CENTRAL COOPERATIVO

Bagé e Passo Fundo, no Rio Grande do Sul; Chapecó, em Santa Catarina; Cascavel, no Paraná; Ribeirão Preto e Marília, em São Paulo; Uberlândia, em Minas Gerais; Goiânia, em Goiás; Cuiabá, no Mato Grosso; Aracaju, no Sergipe; Maceió, em Alagoas e Ma-

naus, no Amazonas, essa será a disposição das novas agências a serem inauguradas a curto e médio prazo pelo Banco Nacional de Crédito Cooperativo. A declaração foi feita ao COTRIJORNAL pelo diretor-presidente do Banco, sr. Marcos Pessoa Duarte, que esteve em Ijuí a

20 de julho último, quando representou o ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli, nas festividades alusivas ao 20º aniversário de fundação da COTRIJUI.

Em declarações feitas ao redator, disse o sr. Marcos Pessoa Duarte que os objetivos do Banco no que

se refere à prestação de serviços em ordem direta, é chegar a 50 casas até 1979, ou seja, daqui a dois anos.

Sobre a evolução econômica e financeira do Banco no último exercício, disse o sr. Pessoa Duarte que houve um crescimento de 8,7% contra apenas 4,2% em 1975. Essa evolução — disse — foi resultado de desempenhos setoriais diferenciados.

Sobre o crescimento moderado do BNCC em relação ao crescimento de outros estabelecimentos financeiros, disse que "limitando-se à sua clientela específica, as cooperativas, era natural que o Banco se ressentisse da falta de vigor que ainda caracteriza o cooperativismo brasileiro, em cujo âmbito não tem podido mobilizar recursos mais substanciais.

O fato reflete-se na própria evolução do capital social do Banco, porquanto os demais acionistas não vem acompanhando o Governo. Este, disse o sr. Mar-

cos Pessoa Duarte, cada vez injeta maiores recursos no estabelecimento de crédito, sendo a participação governamental da ordem de 54%.

O Banco possui um capital social de 220 milhões de cruzeiros; subindo o capital mais reservas para 564 milhões. Disse Pessoa Duarte que a parte do Governo está totalmente integralizada mas as cooperativas devem ainda em torno de 35 milhões de cruzeiros. A parte capital-Governo crescerá mais ainda, posto que do fundo de 344 milhões de cruzeiros, 150 milhões de cruzeiros são destinados a aumento de capital.

A tendência do BNCC é transformar-se, no futuro, em Banco Central das Cooperativas. Seu crescimento nos últimos três anos foi da ordem de 1.125%, que de 1974 para cá começou a contratar engenheiros-agrônomo para orientar nos empréstimos e colaborar com os departamentos técnicos das cooperativas e empresas financiadas.



O presidente do BNCC, Marcos Pessoa Duarte, ao discursar como representante do Ministro da Agricultura, durante o jantar dos 20 anos da COTRIJUI, na noite de 20 de julho, ladeado pelos casais Wilson Mânica, prefeito municipal e Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente da cooperativa.

APOIO SUPLETIVO AO COOPERATIVISMO

Segundo foi destacado no último relatório anual do Banco, o BNCC tem por objetivo fomentar o cooperativismo sob todas as formas, incentivando a criação de cooperativas onde quer que elas se tornem necessárias, promovendo o desenvolvimento das existentes mediante assistência creditícia e em obediência aos princípios da técnica bancária. Cabe-lhe também — diz o relatório — promover a divulgação da doutrina cooperativista, utilizando todos os meios adequados ao seu alcance.

Em função dessas missões, que decorrem das disposições do Decreto nº 60.443, de 31.03.67, o BNCC, "utilizando os meios ao seu alcance", desenvolveu intensa atividade visando a criação, ao crescimento e a reestruturação de cooperativas em regiões onde se faz necessária a presença do cooperativismo.

Essas atividades o BNCC não as limitou à rotina que lhe incumbe no trabalho conjunto com os demais órgãos que fazem cooperativismo. Foi mais além, preocupado, entretanto, em cumprir a parte que lhe foi atribuída pelo I Programa Nacional de Cooperativismo — PRONACOOP — 1976/1979, que tem por fim a integração dos órgãos responsáveis pelo desenvolvimento cooperativista.

O PRONACOOP visa, entre outros objetivos, ao treinamento de executivos, técnicos, organização contábil, reestruturação administrativa interna, auditoria e consultoria em todas as cooperativas, uma vez por ano. O fim último é um cooperativismo competitivo, moderno, estruturado e pujante. Esse, o norte da ação supletiva do BNCC em apoio ao cooperativismo brasileiro.

CUSTO DO DINHEIRO PARA AGRICULTURA NÃO BAIXOU JURO

O Banco do Brasil reduziu em um montante global de 1,2% as taxas de juros para a indústria e para o comércio, mas manteve os percentuais nas linhas de financiamento à lavoura. A medida, que foi recebida com os aplausos dos comerciantes, como não poderia deixar de ocorrer, foi anunciada a 2 do corrente pelo presidente do Banco, sr. Carlos Rischbieter.

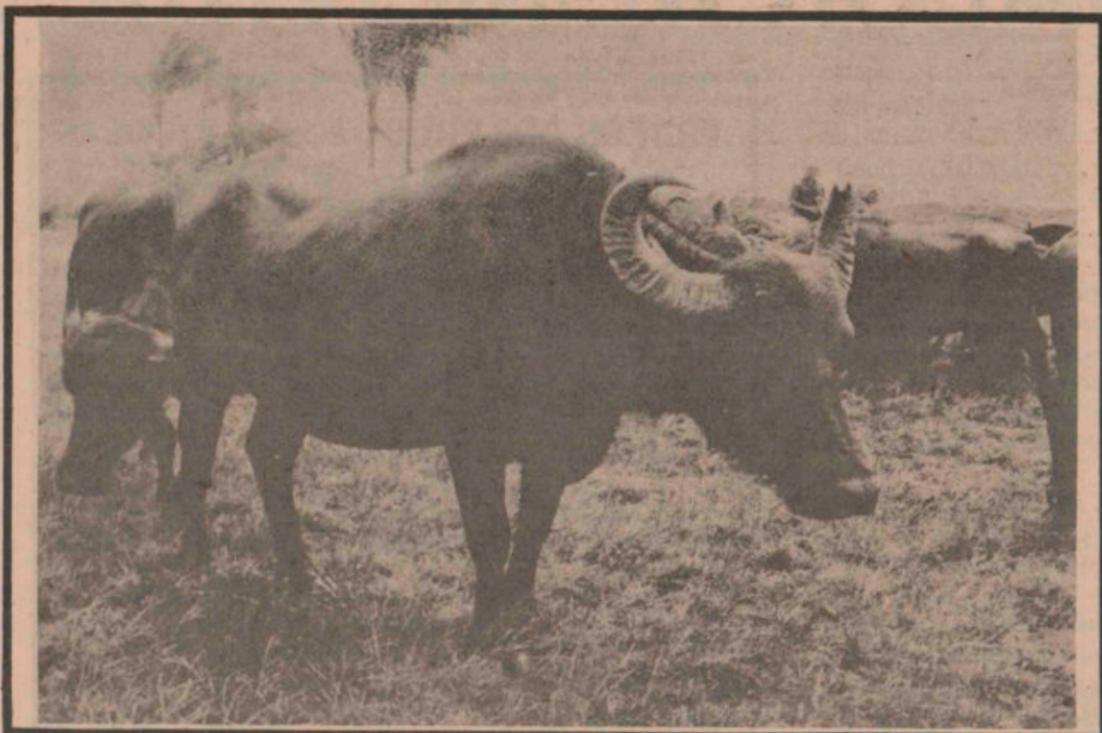
A classe rural brasileira tomou conhecimento da nova política financeira adotada pelo Banco oficial de crédito com relativa frustração, uma vez que era de esperar algum percentual redutivo nas taxas de juro à lavoura principalmente, na área da produção primária. LEIA EDITORIAL "OS MILIONÁRIOS AGRICULTORES ALEMÃES", NA PÁGINA 3 DESTA EDIÇÃO.

FIXAR O HOMEM À TERRA

O deputado Porfírio Peixoto, do MDB, defendeu a instituição pelo Governo do crédito fundiário. Para o parlamentar, enquanto o homem do campo em sua maioria não for dono da terra onde vive e trabalha, o êxodo rural não terá fim.

Segundo Porfírio Peixoto, nossos melhores agricultores estão imigrando para o Paraguai e Argentina a procura de solução para seus problemas, que é terra, pois naqueles países há crédito fácil para compra de terra de produção.

IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DO BÚFALO



A revista "Carta da Amazônia", uma publicação mensal editada sob a responsabilidade do Banco da Amazônia, trouxe em uma de suas últimas edições importante reportagem sobre a criação, manejo e aproveitamento industrial do búfalo. Em nosso entender, a matéria passa a ter interesse para nossos associados, uma vez que a COTRIJUI está presente na Amazônia Legal, através de seu Projeto no Iriri, município de Altamira, estado do Pará. Por essa razão, tomamos a liberdade de publicar um resumo da reportagem, que se intitula "Bubalinocultura: uma atividade de peso". Diz a revista:

São cada vez mais frequentes nas revistas especializadas e mesmo na grande imprensa, as referências à bubalinocultura. Outrora considerado no Brasil apenas como objeto de safaris para turistas no Marajó, o "bravo" búfalo tem sido descoberto

como, essa é verdade, um animal de extrema docilidade e, economicamente, de um potencial sobremodo interessante.

O "Bubalus bubalis", hoje está disseminado em quase todas as partes do mundo, especialmente na Ásia, norte da África, Mediterrâneo e até mesmo no sêntrião australiano. A maior parte do rebanho mundial (120 milhões de cabeças) concentra-se no sudeste asiático, China e Paquistão. Nesses lugares, ele é utilizado não só na alimentação, como ainda em tração e mesmo como animal de sela.

No Brasil, o rebanho é estimado em 130.000 cabeças, com 62% concentrados no Pará (cerca de 80.000). Entretanto, o búfalo já vem se disseminando na baixa-maranhense e no Amapá, regiões que vêm adquirindo do Pará número cada vez maior de reprodutores selecionados. As raças conhecidas no mundo são em

número de 12, mas no Brasil existem apenas 3 espécies básicas: o Jaffarabadi (excelente para corte) e o Murah (leite, principalmente, mas também apto para o corte), ambas de origem indiana, além do Mediterrâneo, de origem itálica, conhecido no Pará como "preto". No Marajó, houve ainda uma grande mestiçagem, criando novos tipos como o Carabal (ou Rosilho), por exemplo, com algumas características do Mediterrâneo.

BÚFALO, UM RECORDISTA

Sendo originário de região tropical, a Índia, o búfalo não sofre qualquer problema climático no Brasil, ao contrário do nosso gado bovino, que possui grande percentual de origem européia. Exige apenas que o local de sua criação possua zonas alagadas, a fim de efetuar seu intercâmbio térmico com o meio-ambiente.

Aos 4 anos de idade, a fêmea começa a parir. Seu período de gestação é de 307 dias, passando então a produzir um bezerro a cada 14 meses, em média. Este, aos 2 anos já é adulto, pesando de 450 a 500 kg, vivendo até 35 anos e cobrindo até cerca de 15 anos. Existem fêmeas com mais de 16 crias.

A lactação dura cerca de 287 dias, atingindo, em média, 950 litros, com 7 a 9% de gordura, rico em vitamina A. Na Itália, em regime de confinamento, conseguem-se normalmente 3.000 litros em 200 dias, com recordes de 4.500 litros. Recorde-se que a vaca atinge de 1.500 a 2.000 litros.

Acrescentem-se a esses números, as relações técnicas de produção dos derivados: 8 litros de leite da búfala para 1 kg de queijo (vaca: 12/1); e 14 litros de leite para 1 kg de manteiga (vaca: 20/1).

No que concerne à carne, o búfalo apresenta o mesmo teor de calorias do boi. Entretanto, estudos feitos pela Universidade de Trinidad apontaram um potencial nutritivo total relativamente melhor para o búfalo. Em termos de sabor, suas fibras longas e macias permitem uma maior assimilação dos condimentos. De maneira geral, entretanto, o gosto é semelhante ao da carne bovina, com a população de Belém adquirindo diariamente ambas as variedades sem observar qualquer diferença.

Finalmente, o couro do búfalo é preferido pelos curtumes, uma vez que, dada a sua espessura (3 a 4 vezes superior à do boi), é mais resistente.

As pesquisas de pastagens feitas pelos núcleos da EmbrapaCpatu, disseminados em toda a Amazônia como uma preciosa infra-estrutura tecnológica, mas especialmente aquelas realizadas

pelos núcleos marajoaras, como o de Salvaterra, têm concluído pela consorciação quicuiu-canarana, com o primeiro sendo o tipo ideal para a terra firme, pela sua capacidade de proteger o solo contra o pisoteio do pesado animal, enquanto que a canarana é a espécie indicada para as zonas alagadas, onde o búfalo passa parte do dia.

INCENTIVOS FISCAIS

A atividade pecuária na Amazônia tem recebido forte impulso por parte do Governo Federal. Entretanto, o despertar do empresário pelo potencial da bubalinocultura tem demorado. Somente nos últimos tempos essa situação começou a reverter-se. Tanto que a Sudam veio aprovar neste ano o primeiro projeto da espécie. Trata-se da Agropecuária Rio Tartaruga S.A., que recebeu colaboração financeira (na razão de 3/2) e terá isenção de imposto de renda. Situado em Cachoeira do Arari (ilha do Marajó), a propriedade possui 8.712 ha, cobertos em sua quase totalidade (8.212 ha) por pastos naturais.

Ali, a empresa está implantando 34 pastos de 240 ha cada, totalizando 8.160 ha. Como reserva florestal ficarão 400 ha, com o restante dividido em área para a agricultura da subsistência e a infra-estrutura física da fazenda. O plantel deverá estabilizar-se no 6º ano de projeto, com 2.600 cabeças, permitindo a venda anual de 900 indivíduos. A relação reprodutor/matriz será da ordem de 1/25. A natalidade líquida prevista é de 70% a partir do terceiro ano.

Os principais indicadores financeiros do projeto são: Lucro líquido/investimento Total — 8,16; Lucro líquido/Receita Total — 48,95; e Lucro líquido/Custo Total — 95,9.



COTRIJUI NA AMAZÔNIA

A Kombi que aparece na fotografia, placas FE 9282, ostentando o logotipo símbolo da COTRIJUI, após rodar cerca de 4.400 quilômetros de viagem ininterrupta, agora está em Brasil Novo, proximidades de Altamira, no estado do Pará. O veículo levou o funcionário Bartolomeu de Carvalho e sua mulher, Zoraide C. de Carvalho, ele com a função de assumir a gerência do Motel Brasil Novo, repassado pelo INCRA à COTRIJUI, através de contrato de comodato. O sr. Bartolomeu de Carvalho, ex-motorista da COTRIJUI, onde foi admitido a 13 de abril de 1971, promovido agora para o novo cargo, constitui-se no primeiro funcionário removido para fixar residência na área do Projeto Cotrijui-Amazônia. Na foto aparecem despedindo-se do popular Carvalho, Rui Polidoro Pinto, responsável pelo Setor de Comunicação e Educação da cooperativa e Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, a 16 de julho, quando foi iniciada a viagem Ijuí-Altamira.

A PROTEÍNA TEXTURIZADA DE SOJA E SEU VALOR ALIMENTAR

As mais antigas referências à soja são de voz chinesa. Em trabalho datado de 2.828 A.C., os chineses já recomendavam seu consumo a nível de orientação médica.

Difundida pelo mundo inteiro, chegou ao Brasil por volta de 1880, entrando pela Bahia. Em 1892 foram feitas as primeiras experiências em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Em São Paulo, no Instituto Agrônomo de Campinas e no Sul, em Pelotas, na Escola de Agronomia "Eliseu Maciel", com ensaios de campo no município de Dom Pedro.

A importância da soja e seu valor proteico, de que cada vez se obtém maiores resultados, continuam na ordem do dia. Por essa razão, tomamos liberdade de condensar para nosso espaço importante artigo de autoria de Roberto H. Moretti, publicado no nº 2 da revista "Indústria Alimentar", de Campinas, São Paulo, onde o referido especialista dá pormenores do citado alimento.

A proteína de soja texturizada é elaborada com a farinha de soja desengordurada, quando se utiliza o processo de extrusão. A proteína texturizada, processada por fibrilação em meio ácido, utiliza como matéria-prima a proteína isolada de soja, na forma de proteinato de sódio.

Abordando o processo de texturização por extrusão, deveremos estudar primeiramente a matéria-prima "farinha de soja desengordurada". Entende-se por farinha de soja desengordurada, o produto proveniente do farelo de soja, após extração do óleo dos grãos descascados.

A composição do grão de soja pode ser generalizada da seguinte maneira:

Óleo	20%
Proteínas	40%
Carboidratos	20%
Fibras	8%
Sais minerais	7%

O processo utilizado para produção de óleo de soja, normalmente, não serve para elaborar a proteína texturizada, devido ao fato do processo comum não tomar certas precauções que deveriam ser tomadas. Exemplificando, o processo comum não remove a casca na fase de preparação do grão para extração do óleo. Isto faz com que o farelo apresente excesso de fibras. Os grãos utilizados para produção de óleo, geralmente, não são selecionados, de tal forma a serem utilizados somente os grãos inteiros, uma vez que grãos quebrados apresentam índice de acidez mais elevado, que prejudica o sabor da farinha. Não existe também uma preocupação sob o ponto de vista microbiológico, o que é importante no processamento de proteína texturizada para consumo humano.

Outro aspecto bastante importante é o grau de solubilidade das proteínas. Normalmente, durante a dessolventização do farelo, faz-se um cozimento com vapor, que é conhecido na prática como "tostagem". Esta tostagem tem por finalidade destruir os fatores anti-nutricionais naturalmente existentes na soja, principalmente o fator anti-tripsina. Com a destruição do fator anti-tripsina, que é uma fração proteica, juntamente ocorre uma desnaturação de grande quantidade de proteínas, baixando muito a porcentagem de "proteína solúvel".

Com base em todos os pontos expostos anteriormente, podemos fixar as características básicas que uma farinha desengordurada deve possuir para que a mesma possa ser utilizada na elaboração de proteína texturizada para consumo humano.

Proteína	50,0% (mínimo)
Fibra	3,5% (máximo)
Óleo	1,5% (máximo)
Proteína solúvel	60,0% (mínimo)
Granulometria	100 a 150 mesh
Umidade	9,0% (máximo)
Cinzas	6,5% (máximo)

Este produto, com estas características, vem sendo usado já há algum tempo na alimentação escolar, na forma de merenda. Para tanto, é misturada com outros produtos e são conhecidas como "CSM" e "WSB", que são misturas de milho, soja e leite em pó, no primeiro caso, e trigo, soja, no segundo.

Pode também ser utilizada na panificação em teores de até 7% em pão francês e até 12% em pão de forma. Em pastas alimentícias, pode ser utilizada na base de 17% - 20%.

Para se obter uma farinha com estas características, deve-se proceder da seguinte maneira:

Os grãos de soja devem ser selecionados na recepção da indústria, visando estocar separadamente grãos inteiros, removendo nesta seleção todas as metades ou grãos quebrados, a fim de que estes silos ou graneleiros possam ser processados separadamente quando se destinam a texturização.

A umidade dos grãos estocados deve ser inferior a 11%. Quando isto não é cumprido na recepção, os grãos devem ser enviados a um secador para baixar sua umidade antes de se efetuar a seleção, visto que, durante o manuseio e secagem, ocorre quebra de grãos.

Os grãos inteiros destinados à produção de farinha para texturização devem sofrer um preparo similar ao comum, porém com algumas precauções, ou seja, os grãos devem estar secos e a trituração se efetua em dois moinhos de rolos ranhurados (moinhos de trigo) em série e com uma abertura regulada de tal forma a proporcionar aproximadamente 8 pedaços de cada grão.

Logo em seguida a soja triturada é conduzida por meio de esteira rolante sob uma coifa de aspiração, regulada de tal forma a aspirar o máximo de casca com a mínima perda de proteína. Esta regulagem é feita aproximando-se ou afastando-se a coifa da camada de soja passando sob ela. Desta forma elimina-se a maior parte da casca, resultando numa farinha com menos de 3,5% de fibras e por conseguinte em 50% de proteína no mínimo.

Esta soja moída e descascada é aquecida em uma chaleira até 65-70°C, temperatura na qual deve ser laminada em rolos com abertura regulada para dar lâminas de 0,25 mm aproximadamente.

A extração do óleo é feita por hexana e temperaturas em torno de 50°C.

A torta extraída é somente dessolventizada, a fim de se obter uma solubilidade de proteína maior que 60%. Logo em seguida, vem a secagem que reduz a umidade para 8 a 9%. Este farelo deve satisfazer as exigências para elaboração da farinha desengordurada para texturização. Deve ser estocado em silos herméticos, de preferência, até o momento da moagem.

A moagem é feita em 2 ou 3 moinhos de trigo colocados em série, a fim de proporcionar uma granulometria dentro de faixa de 100 a 150 mesh.

Esta farinha deve apresentar, além das características mencionadas anteriormente, uma contagem microbiológica total de no máximo 10⁴ por grama, e no tocante a fungos e leveduras até 50 por grama. Microrganismos do tipo coli fecal e Staphilococcus devem estar ausentes.

PREÇOS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

O Conselho Nacional de Abastecimento (CONAB) aprovou a 19 de julho um reajuste médio de 23,5% para os preços mínimos de garantia de 20 produtos agrícolas da região Centro-Sul do País. No reajuste, a soja obteve uma reavaliação de 16,5% e o milho de 22,6%.

Os produtos que obtiveram melhores reajustes foram o arroz, e as fibras de juta, malva e rami - 30% - quando o de menor percentual de aumento foi o guaraná - 11,1%. Foi incluído na pauta dos preços mínimos um novo item: a semente certificada de batata inglesa, cujo preço foi fixado em Cr\$ 165,00 a caixa de 30 kg da classe "A" tipo 2.

São os seguintes os novos preços mínimos que vão vigorar na região Centro-Sul na safra 1977-78 e sua variação percentual em relação aos anteriores:

PRODUTO	Preço	Preço	variação %
Algodão (15 kg)	78,00	100,20	23,5
Amendoim (25 kg)	63,00	76,50	21,4
Arroz (50)	100,00	130,00	30,0
Feijão (branco)			
cores e rajado (60)	220,20	276,00	25,3
Mamona (60)	108,00	150,00	38,9
Mandioca (1.000 kg)	250,00	336,00	34,4
Milho (60 kg)	63,60	78,00	22,6
Sorgo (60 kg)	96,00	112,20	16,9
Soja (60 kg)	96,00	112,20	16,9
Castanha do Brasil (1 hl)	116,00	145,00	25,0
Castanha de caju (1 kg)	1,64	2,05	25,0
Cera de Carnaúba (60 kg)	240,00	300,20	25,0
Gergelim (60 kg)	115,80	133,20	15,0
Girassol (40 kg)	58,00	68,20	15,8
Guaraná (1 kg)	45,00	50,00	11,1
Juta e malva (1 kg)	4,40	5,72	30,1
Rami (1 kg)	3,30	4,29	30,0
Menta (1 kg)	90,00	106,00	17,78
Sisal (1 kg)	2,90	3,48	20,0
Batata semente (30 kg)	-	165,00	-

Use Adubos Trevo.

Quem lida com fertilizantes há 46 anos, sabe muito bem como dar a você a terra prometida.

Podera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Afinal, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado,

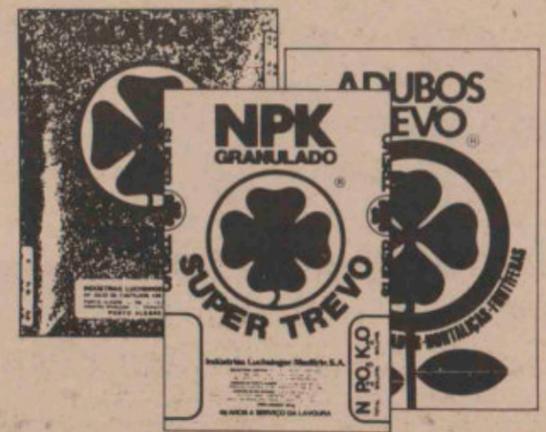
numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.
Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



MAGISTÉRIO DE IJUÍ HOMENAGEIA MEMÓRIA DE LUIZ FOGLIATTO

Ressaltando o espírito de integração, inovação e o sentido profundo de cooperativismo em prol da comunidade, o Conselho de Direção da Unidade Integrada de Ensino de 1º Grau de Ijuí, escolheu por unanimidade o nome de Luiz Fogliatto como patrono do complexo Unidade Integrada de Ensino, que passa a denominar-se Escolas Reunidas de 1º Grau Luiz Fogliatto. Ofício endereçado ao presidente da COTRIJUI e assinado pelos professores Rosalino Polita e Laci Roso Pierret, respectivamente, diretor e secretária do Ginásio Estadual de Ijuí (Polivalente), comunicou ainda que o processo dando a nova denominação está sendo encaminhado para aprovação pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Publicamos, na íntegra, o ofício que deu ciência à direção da COTRIJUI da feliz iniciativa do professorado estadual que serve em Ijuí:

Prezado Senhor:

O Conselho de Direção da Unidade Integrada de Ensino de 1º Grau de Ijuí, constituído pelas direções das escolas: Ginásio Estadual de Ijuí (Polivalente), Escola Municipal Dona Leopoldina, Escola Municipal Soares de Barros, Escola Municipal Ademar Porto Alegre, Escola Municipal Davi Canabarro e Escola Municipal Edwino Schroer tem o grato prazer de informar-lhe haver escolhido o nome do ilustre ijuicense Luiz Fogliatto para a nova denominação do complexo Unidade Integrada de Ensino que passará a denominar-se Escolas Reunidas de 1º Grau. Portanto, a denominação Escolas Reunidas de 1º Grau Luiz Fogliatto será encaminhada em processo para competente aprovação.

Queremos informar-lhe que a escolha foi unânime e teve a preocupação de reconhecer, através desta homenagem que marcará a designação de uma integração de escolas municipais e estadual, que atenderão alunos de 1a. a 4a. séries e de 5a. a 8a. séries respectivamente, o espírito de integração, inovação, o sentido profundo de cooperativismo e o trabalho em prol da comunidade regional que marcou a presença de Luiz Fogliatto quando dirigiu os destinos da COTRIJUI. Deste modo, queremos nos integrar a esta cooperativa em reconhecimento a tão ilustre personalidade cooperativista.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar uma biografia de Luiz Fogliatto que deverá acompanhar o processo de reorganização a ser aprovado. Devido a premência de tempo, solicitamos nos sejam fornecidos os dados até o dia 28 do corrente mês.

Sendo o que tínhamos para o momento, aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos votos de estima e consideração. Atenciosamente, Rosalino Polita, diretor; Laci Roso Pierret, secretária.

SEMINÁRIO LATINOAMERICANO DE INTERCÂMBIO COOPERATIVO

A Organização das Cooperativas da América (OCA), a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), a Fundação de Orientação às Cooperativas (ASSOCEP), a Fundação Friedrich Naumann e a Organização dos Estados Americanos (OEA), promoverão em Curitiba, no Paraná, no período de 8 a 12 de novembro, o Seminário Latinoamericano de Intercâmbio Cooperativo.

O Seminário, que alcançará repercussão mundial, debaterá programa de elevado interesse do cooperativismo no continente, e que já teve estudos preliminares em encontros precedentes. Dentre os assuntos fadados a grande repercussão estão o "Estudo da problemática das cooperativas e suas perspectivas no comércio internacional; a integração econômica entre cooperativas na América Latina e o conseqüente intercâmbio comercial e técnico entre elas".

O conclave prevê que reunirá entre 40 a 50 delegados representantes de cooperativas de 2º e 3º graus da América Latina, além de observadores norte-americanos e europeus, além de convidados especiais.

FORMANDOS DA ELISEU MACIEL HOMENAGEARAM A COTRIJUI

Os formandos da turma de inverno da Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel", da Universidade Federal de Pelotas, em número de 53, homenagearam a COTRIJUI como pessoa jurídica, pelos relevantes serviços da cooperativa ao desenvolvimento sócio-econômico do Estado e do País nas áreas da produção agrícola e nos transportes.

Na solenidade, que ocorreu no salão de atos da Faculdade, no campus universitário da UFPEL, participou o diretor-superintendente da cooperativa, sr. Clóvis Adriano Farina, recebendo em ato público uma placa artística onde consta os nomes e retratos dos 53 engenheiros-agrônomo formados.

A relação nominal dos formandos é a seguinte: Alfredo Gallina, natural de Veranópolis; Alfredo Passos, de Pelotas; Álvaro Oliveira Rodrigues, de Santa Vitória do Palmar; Antonio Augusto Marques de Fernandes, de Porto Alegre; Aristides Bortolotto, de Nova Veneza (SC); Ary Antônio Muner, de Erexim; Beatriz Antu-

nes Venzke, de Pelotas; Carlos Alberto Lajús, de Xaxim (SC); Carlos Alberto Jasniewicz Machado, de Camaquã; Carlos Emar Michels, de Forquilha (SC); Carlos Roberto Simm, de Porto Alegre; Celito Missio, de Espumoso; Cezar Reginaldo Cassão, de Bagé; Claudinei Herter Coimbra, de Pelotas; Cleusa Regina Lopes, de Pelotas; Clímério Antônio Battistelli, de Carazinho; Clodonei Antonio Grandi, de Serafina Corrêa; Dirceu Luiz Slongo, de Campos Novos (SC); Edson de Faveri Ganuilhet, de Veranópolis; Edvino Battistelli, de Carazinho; Elvidio Benatti, de Horizontina; Enio Carlos Herter, de Feliz; Erminio Guedes dos Santos, de São Francisco de Assis; Eular Pedro Frare, de Sarandi; Evando Querino Goulart, de Tubarão (SC); Flávio Oscar Paulert, de Três Passos; Francisco Zanotelli Bigolin, de Soledade; Guido Agostinho Wilges, de Santa Cruz do Sul; Ilário João Caglioni, de Veranópolis; Ilvo Danilo Hennig, de Faxinal do Soturno; Itacir

Primo Badalotti, de Lagoa Vermelha; Joacir Rossi, de Caxias do Sul; João Alberto Paludo, de Arvorezinha (RS); João Carlos Marques da Silva, de Panambi; João José Fernandes da Cruz, de Pelotas; João Nelci Brandalise, de Nova Prata; Jorge Luiz Bertochi, de Erexim; Jorge Luiz Strapazon de Chapecó; José Eduardo Pereira Neto, de Livramento; José Enoir de Stefani Daniel, de Meleiro (SC); Lil Amparo Chiesa de Martins, de Rivera (Uruguai); Lourdes Maria da Luz Fádrique, de Pelotas; Luiz Carlos Corrêa Rodrigues, de Santa Vitória do Palmar; Márcio Medeiros de Souza, de Laguna (SC); Milton Lúcio Schmidt, de Santa Cruz do Sul; Orlando Vavassori, de Taió (SC); Paulo Murat Porto da Rosa, de Bagé; Reinaldo Coser, de Muçum; Tessália Inêz Xavier dos Santos, de Pelotas; Valdir Silva Fernandes, de Araranguá; Valmir Pavesi, de Brusque (SC); Vilmar Luciano Mattei, de Chapecó e Zeno Frasson, de Nova Bassano.

CONGRESSO COOPERATIVO NO RIO



"Devemos às cooperativas muito do que temos podido fazer para vencer os entraves que se opõem ao desenvolvimento econômico nacional". Tendo como lema central essa frase do presidente Ernesto Geisel, realizou-se na cidade de Teresópolis, no Rio de Janeiro, de 27 a 30 de junho último, o I Congresso de Cooperativismo do Estado do Rio de Janeiro. A COTRIJUI, convidada na pessoa do presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, que não pode

comparecer por motivo de força maior, esteve presente na pessoa do professor Rui Polidoro Pinto, chefe do setor de Comunicação e Educação, que abordou o tema "cooperativas de grãos". O professor Mário Osório Marques, da FIDENE, falou aos congressistas sobre o tema "comunicação e educação na área rural". A foto mostra uma vista parcial da mesa diretora dos trabalhos, quando falava o professor Polidoro Pinto.

O BRASIL NA PRODUÇÃO MUNDIAL DO TRIGO

De Cândido GRZYBOWSKI, condensado pelo professor Mário Osório MARQUES

O velho debate sobre o "trigo nacional" está novamente na ordem do dia no Brasil, suscitado por interesses econômicos concretos, a nível nacional e internacional.

Para atender o mercado interno em expansão, as opções não são muitas: ou se produz ou se importa. Na prática, o país até hoje dependeu tanto da produção interna como das aquisições de trigo no mercado internacional, mas variou a ênfase dada a uma ou outra fonte (ver gráfico nº 1). No período 1946/47 - 1950/51, o Brasil importou em média 70% de suas necessidades de trigo, cabendo à produção interna os 30% restantes. No período de 1960/61 - 1964/65, os anos de crise da lavoura tritícola brasileira após o rápido crescimento dos anos 1950/1956, as importações representaram 78% e a produção 22%. Em período recente 1970/71 - 1974/75, a produção interna já foi responsável por 44,5% e as importações baixaram para 55,5% do consumo brasileiro de trigo.

EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE TRIGO

A economia brasileira do trigo integra-se na economia mundial do trigo. Entre 1960/61 e 1976/77 a produção mundial de trigo passou de 242 milhões a 413 milhões de toneladas métricas. O crescimento verificado foi de 71%, sendo devido em sua maior parte a um aumento da produtividade física, que passou de 1.190 kg/ha em 1960/61 a 1.800 kg/ha em 1976/77. A área cultivada aumentou somente 13%.

Os Estados Unidos, pela sua produção (16,5% do total) e especialmente pela fatia do mercado internacional que detem (47,3%), ocupam uma posição estratégica na evolução da economia do trigo. E são os agricultores norte-americanos que melhor tem reagido às condições do mercado internacional, aumentando ou diminuindo as áreas de cultivo.

Mas os instrumentos privilegiados dos agentes sócio-econômicos americanos do complexo trigo se referem ao mercado internacional, onde as multinacionais têm um papel de primeiro plano. A sua ação se caracteriza pela implantação em outros países do modelo americano de consumo de cereais e de produção agrícola e pela ligação à industrialização do trigo.

Entre os instrumentos disponíveis está a ajuda alimentar americana, definida desde julho de 1954, para escoar os "excedentes" da agricultura.

A ajuda alimentar americana, como indica o importante estudo de Almeida, Chabert e Weid (1), distribuída nos países subdesenvolvidos a baixos preços favorece "... a mudança dos hábitos alimentares das

populações urbanas e prepara assim a abertura de novos mercados". Além disso, a ajuda alimentar é um instrumento de desestimular os governos locais a adotarem uma política de aumento da produção local ou então um instrumento para desenvolver no país que recebe a ajuda, uma agricultura semelhante à do país doador, criando com isto um importante mercado aos insumos e meios de produção de origem industrial necessários a tal agricultura. Do total de trigo e farinha de trigo exportada pelos USA entre 1955-1973, em termos de valor, 52,6% foram sob a forma de ajuda alimentar (de um total de US\$ 21.198 milhões).

IMPORTAÇÃO DE TRIGO PELO BRASIL

Nos anos que seguiram à grande crise mundial de 1929/33 e antecederam a II Guerra Mundial foram tomadas importantes decisões com respeito ao estímulo da produção de trigo no Brasil. Elas correspondem, de um lado, a uma reorganização da economia nacional, com maior peso das atividades produtivas voltadas ao mercado interno. De outro lado, operou-se uma reestruturação das relações do Brasil com os polos dominantes da economia capitalista mundial. A acumulação capitalista interna, desde então, favoreceu um desenvolvimento do tipo urbano-industrial. De exportadora de produtos agrícolas (especialmente café), a economia brasileira passou a ser subordinada a um processo de industrialização para o mercado interno. As atividades agrícolas também se reorganizaram no período. As possibilidades de acumulação da agricultura passaram a depender tanto da

evolução do mercado urbano de alimentos como de sua capacidade em exportar e concorrer no mercado internacional, gerando as divisas necessárias ao país para a compra de tecnologia e insumos industriais. O trigo representava, de um lado, um mercado interno em expansão e uma possibilidade concreta, criada para os agricultores mais capitalizados, de investimento na produção deste cereal. Por outro lado, um elemento conjuntural veio favorecer uma política de estímulo à produção, pois a importação de trigo representava um mau uso das escassas divisas do país.

Com a rearticulação das relações dentro do sistema capitalista mundial no pós-guerra, sob a hegemonia dos USA, a economia brasileira recebeu importantes investimentos através de empresas multinacionais e abriu nova forma de dependência com as economias dominantes do sistema. Neste contexto se redefiniu a política do trigo no país e foram assinados dois acordos com o governo dos USA, que significaram a entrada de trigo americano a baixo preço no mercado do país (ajuda alimentar)(2).

A produção nacional baixou. Normalmente se atribui tal fato unicamente às condições climáticas e especialmente aos problemas genéticos, importantes, sem dúvida, mas não suficientes para explicar um declínio constante. O fato verdadeiro é que se reduziram as possibilidades de lucro e os agricultores deixaram de investir no trigo.

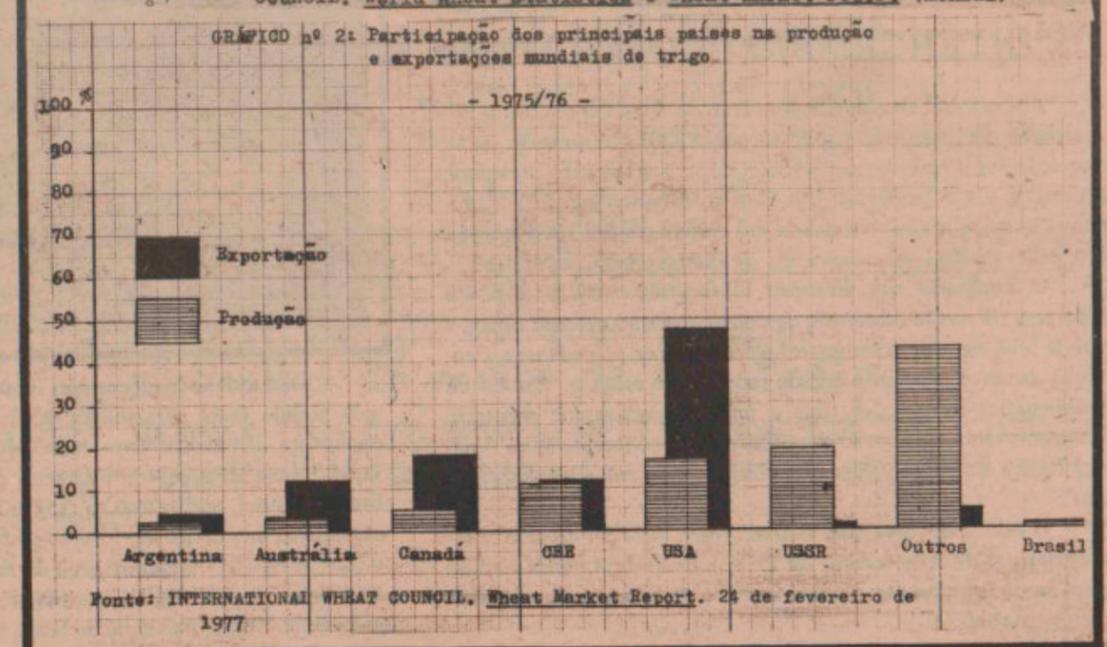
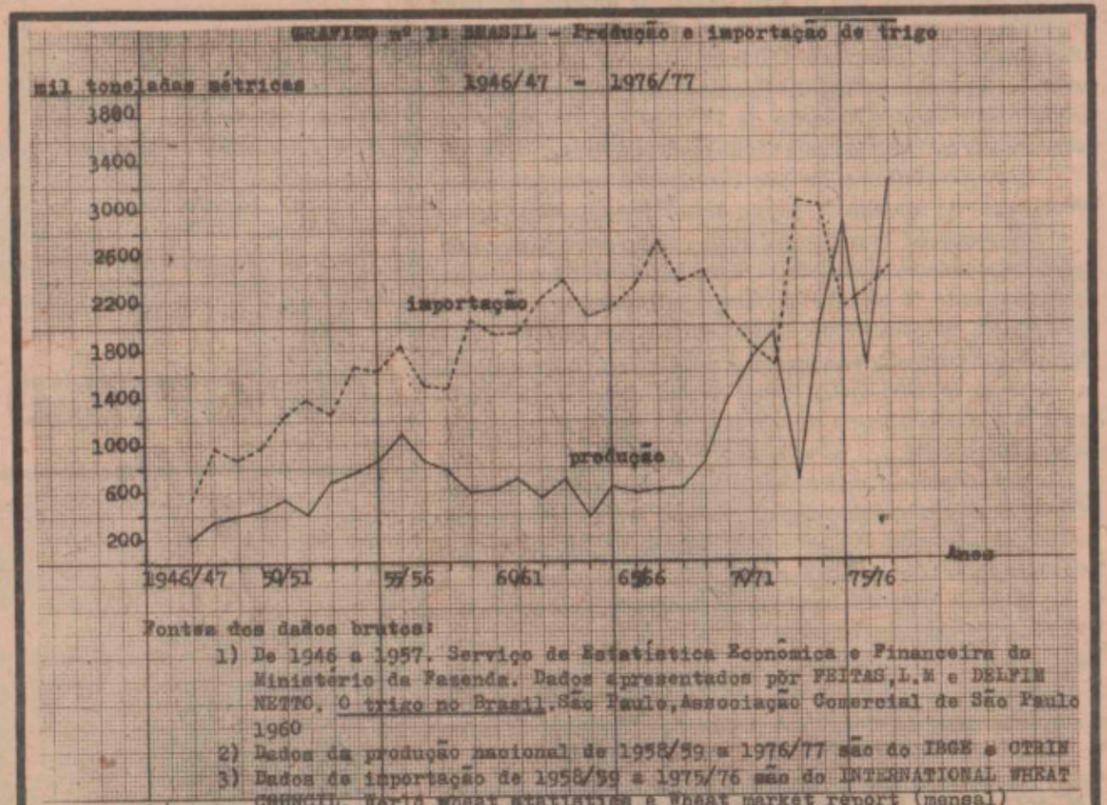
Na nova política do tri-

go nacional, sistematicamente de 1962 até hoje, novos interesses passaram a pesar nas decisões. Aos agentes envolvidos vieram juntar-se as indústrias de tratores e máquinas agrícolas, bem como as de defensivos e fertilizantes.

Para os agricultores que investem na produção de trigo o problema é obter lucros e estes estiveram até hoje assegurados pela política governamental, que ajudou a desenvolver a produção do cereal no Brasil, mesmo a custos bastante elevados.

(1) - Almeida, S., Chabert, J.P. e Weid, J.M. von der. Les exportations des Etats-Unis au titre de l'aide alimentaire Bilan chiffré: 1955-1973. Debates recents. Paris, INRA, 1975, p. 219.

(2) - Freitas, Luiz Mendonça de e Delfin Netto, Antonio. O Trigo no Brasil. São Paulo, Associação Comercial de São Paulo, 1960, p. 23.



TENENTE PORTELA

COTRIJUI INAUGUROU NOVAS INSTALAÇÕES

No dia 26 de julho, ainda como parte do programa que está assinalando a passagem dos vinte anos da COTRIJUI, foram inauguradas as novas instalações — escritório e supermercado — da cooperativa em Tenente Portela. A este ato comparecem os diretores da COTRIJUI, executivos e contratados, o conselheiro Abu Souto Bicca, de Dom Pedrito, e autoridades do município, representadas pelo prefeito Israel Capelari.

Falando aos presentes o sr. Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI, disse que as forças representativas de Tenente Portela muito fizeram para merecer a obra que se inaugurava. Que o procedimento dos produtores rurais do município, unidos no cooperativismo, no seu sindicato e somando forças com as autoridades locais, haveria de forjar uma amanhã mais próspero, com mesa mais farta. O líder coopera-

tivista afirmou que Tenente Portela, num amanhã que ainda não se pode precisar se está longe ou perto, deverá receber significativo investimento da COTRIJUI, dessa vez na área industrial, fortalecendo o complexo hoje existente de recebimento e armazenamento de safras. Mencionou igualmente o fato significativo de contar o município de Tenente Portela com agências de estabelecimentos creditícios, como Banco do Brasil S.A. e Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

Falando a seguir, o prefeito municipal Israel Capelari agradeceu à COTRIJUI em nome de toda a comunidade, ressaltando em especial o significativo quadro de associados da cooperativa que se concentra na área de Tenente Portela. Parabenzou os produtores e demais dirigentes da COTRIJUI por terem à frente um homem como Ruben Ilgenfritz da Silva, antecipando que a co-

munidade emprestará todo o apoio para ver implantado no município um parque industrial da cooperativa.

Para atendimento aos associados, foi idealizado e construído um escritório com área de 400 metros quadrados, divididos em dois pisos: na parte baixa, para liquidação de safras e assuntos relacionados, 215 metros quadrados. No andar superior estão instalados o Departamento de Crédito e o Departamento Técnico. Ao lado, o complexo do supermercado e lojas, igualmente em dois pisos, com área total de 555 metros quadrados. A exemplo do complexo sede de Ijuí, também o projeto das obras em Tenente Portela é de autoria do arquiteto Clóvis Ilgenfritz da Silva. A supervisão da construção coube ao engenheiro Samuel Friedman.

REUNIÕES DO CONVÊNIO COTRIJUI/FIDENE

São as seguintes as reuniões programadas pelo Convênio COTRIJUI/FIDENE, e que serão realizadas este mês em núcleos de Tenente Portela e Miraguaí: 10/08/77, Lagoa Bonita, no pavilhão da Igreja e em Alto Alegre, no salão; 11/08/77, núcleo de Nossa Senhora da Saúde, no salão, e em Braço Forte, residência de Pedro Gadenz; 13/08/77, no pavilhão da Igreja de Pinhalzinho

e no clube de Santa Fé; 17/08/77, em Centro Novo, no Pavilhão da Igreja e na Esquina Colorada, dependências da escola, todas com início as 14,30 horas. Dia 18 de agosto, no clube de São Pedro, às 20 horas; na escola de Tronqueiras (Miraguaí), às 20 horas; em Coxilha Ouro (Miraguaí), nas dependências do Clube 1º de Maio, às 14,30 horas e na escola da Linha São Paulo,

também as 14,30 horas. Dia 20, no pavilhão da Igreja de Três Marcos; na escola de Colônia Nova (Miraguaí), ambas as 14,30 horas. Dia 24, serão realizadas reuniões nos núcleos de Linha da Paz e Desimigrados, tendo por local os pavilhões das igrejas, iniciando as 14 horas e 30 minutos. Finalmente, dia 25, haverá reunião no Bar Castaman, km 5, as 20 horas.

DOM PEDRITO

REUNIÃO PARA DEBATER TÉCNICA

Objetivando prestar um serviço de assistência principalmente aos pecuaristas da região de Dom Pedrito, de forma integrada, reuniram-se dia 28 de julho naquela cidade, representantes da COTRIJUI, do sindicato dos trabalhadores rurais, da COOPEDIA — Cooperativa de Inseminação Artificial, e médicos veterinários da Associação

Riograndense de Criadores de Ovinos e Secretaria da Agricultura. A direção da COTRIJUI esteve representada na pessoa do dr. Nedy Borges, diretor técnico. Presentes também o gerente da unidade, Walter Suliman, técnicos e elementos do convênio COTRIJUI/FIDENE. Convidado, o prefeito José Caminha Coelho Leal participou da

reunião e visitação às instalações da COOPEDIA. Como entidade que defende os interesses dos produtores e criadores, o Sindicato Rural de Dom Pedrito foi programador do encontro, cujos resultados já começam a aparecer. Na foto, aspecto da reunião, aparecendo o prefeito Coelho Leal, o terceiro a partir da direita.



SANTO AUGUSTO

AGÊNCIA BANCÁRIA, EMISSORA E GINÁSIO

Emissora — A concessão de um canal de radiodifusão para Santo Augusto é uma aspiração comunitária que poderá se concretizar. Para tanto, as providências já começaram a ser tomadas em meio a comunidade, visando em breve encaminhar a reivindicação ao Ministério das Comunicações.

Ginásio Coberto — Há muito tempo sem contar

com auxílios federais, o município poderá receber ajuda do Ministério de Educação e Cultura, para custear as obras de construção de seu centro esportivo coberto. Em viagem feita a Brasília, o prefeito Alecrides Sant'Anna de Moraes obteve do MEC a promessa de auxílio.

Agência Bamerindus — É possível que ainda este ano o Banco Bamerindus do Brasil Sociedade Anôni-

ma instale uma agência em Santo Augusto. Nesse sentido a chefia do executivo municipal recebeu informe da alta direção daquele estabelecimento creditício. A partir de então, Santo Augusto terá duas agências bancárias: a já existente do Banco do Brasil S.A. e a do Bamerindus. É o progresso que se manifesta na cidade "Pérola da Região Ceilero".

CRUZ ALTA

156º ANIVERSÁRIO DO MUNICÍPIO

O município de Cruz Alta completará dia 18 do corrente, 156 anos de fundação. Para comemorar essa data, está previsto um extenso programa festivo que terá início no dia 12 e se prolongará até o dia 21.

Do programa, coordenado pela Secretaria de

Turismo e Divulgação, consta promoções das mais variadas, como shows, desfiles, bailes e muitas atrações dedicadas, em particular, à população do município. Também estão previstas diversas inaugurações de obras da administração do prefeito Carlos Pompilio Schmidt e lançamento de pedra fundamental em obras que terão

início brevemente. O programa oficial de comemorações do 156º aniversário da terra do inolvidável escritor Érico Veríssimo foi distribuído para todas as cidades do Rio Grande do Sul, motivo porque está sendo previsto o comparecimento de visitantes das diversas regiões do Estado.

REDENTORA

SINDICATO PROMOVE REFLORESTAMENTO

No dia 24 de julho, em meio as comemorações alusivas a passagem da data em homenagem a colonos e motoristas, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Redentora, município da área de ação da COTRIJUI, desenvolveu programação que incluía a inauguração de um ambulatório médico construído ao lado da sede da entidade de classe e o lançamento de uma campanha de reflorestamento. Representando o engenheiro agrônomo

Lauro de Quadros, Delegado Regional do IBDF no Rio Grande do Sul, esteve presente aos atos seu colega Antônio Romeu Richter, da Secretaria da Agricultura. Em seguida a visitação as dependências do ambulatório, se procedeu ao plantio das primeiras mudas, com a participação do convidado especial e ruralistas sindicalizados. A campanha de arborização de Redentora é de âmbito municipal, tendo encontrado de parte do Sin-

dicato dos Trabalhadores Rurais todo o apoio a fim de que alcance os seus nobres objetivos.

Por se tratar de um dia festivo, tendo em vista a significativa contribuição que colonos e motoristas emprestam ao progresso de Redentora, foi oficiada missa pela manhã, e ao meio-dia servido um churrasco no Salão Paroquial. A totalidade das festividades contou com a presença de grande público:

IJUI

TORNEIO INTEGRAÇÃO "LUIZ FOGLIATTO"

Realizaram-se em Ijuí, no final do mês de julho, os jogos de encerramento do Segundo Torneio Integração "Luiz Fogliatto", promoção das associações de funcionários da COTRIJUI. As competições contaram com a participação de delegações de Dom Pedrito, Rio Grande e Porto Alegre, além das representações das unidades regionais da cooperativa.

Por modalidade, foram as seguintes as equipes vencedoras: futebol de salão, Dom Pedrito; bocha, Santo Augusto e bolão, Augusto Pestana. O tro-

fêu móvel "Luiz Fogliatto", antes em poder da AFUCOTRI-Ijuí, passou para a representação de Santo Augusto, que alcançou maior soma de pontos computadas as três modalidades.

Ao final do torneio e em seguida ao jantar de congratulamento entre as delegações, ocorreu a entrega de troféus e medalhas. Na foto momento em que Sidnei Forgiarini (direita), representante de Santo Augusto, era cumprimentado por um atleta de Ijuí por alcançar o primeiro lugar nas competições.





Cuidado! As crianças tem incrível agilidade e as vezes parecem cegar a gente . . .

OS PERIGOS DA INTOXICAÇÃO

Em todas as casas há sempre uma série de produtos tóxicos. Para se evitar acidentes convém guardá-los longe do alcance das crianças. Geralmente as mães se preocupam quando os filhos saem para brincar na rua ou em casa de amigos, com receio de que possam sofrer algum acidente. Esquecem que sua própria casa também é um lugar com inúmeros perigos. As estatísticas mostram que 50 por cento dos acidentes com crianças ocorrem em casa. E entre eles, estão as intoxicações agudas, que nada mais são do que envenenamento provocados pela ingestão de produtos de limpeza, plantas, medicamentos, querosene, gás, gasolina e outros. A maior ou menor intensidade da intoxicação e de seus resultados, depende do tipo e da quantidade do tóxico ingerido.

Com alguns cuidados, é possível prevenir envenenamentos ou, pelo menos, evitar que tenham maiores consequências. Guardando produtos tóxicos longe do alcance das crianças; alertar as crianças de mais idade quanto ao perigo que correm ao ingerir produtos de limpeza, certos

medicamentos e plantas; manter o botão de gás fechado, quando o fogão não estiver sendo usado; não colocar produtos tóxicos em garrafas de refrigerantes. Caso isso seja necessário, fixe um rótulo na garrafa, identificando a existência do perigo ali contido. É igualmente aconselhável não guardar produtos tóxicos e remédios próximo a alimentos. Caso seja necessário medicar a criança intoxicada, e até mesmo adulto, somente o faça sob orientação médica. Não habitue a criança a ingerir remédios, fazendo-os passar por balas ou outras guloseimas. Um dia, sem que você esteja por perto, seu filho poderá provocar uma intoxicação grave ingerindo o mesmo medicamento, tomando-o por balas.

Poderá acontecer que, mesmo tomando todas as precauções, ocorra um acidente desse tipo. Tenha em mente que as intoxicações mesmo consideradas não graves, devem ser tratadas, sendo aconselhável buscar aconselhamento médico. Lembre-se pois: medicamentos e outros produtos considerados tóxicos, só longe das crianças, e se possível trancados à chave.

DECORAÇÃO DE PRATOS: RECEITA DE APETITE

Disponer os alimentos de forma correta e atraente em recipientes apropriados é decorar pratos. Muitos fatores contribuem para essa boa apresentação e, conseqüentemente, influem sobre o apetite. A decoração de pratos não deve ser encarada como luxo, e da mesma forma, não deve ser praticada com sofisticções. Excelentes recursos para a decoração de pratos, são os próprios ingredientes com que estes pratos são preparados. E estes sempre estarão ao alcan-

ce de uma dona de casa criativa.

Para termos uma mesa com pratos bonitos, com contraste de cores e sobre tudo apetitosa, evitando a repetição é mister também que se leve em conta a consistência entre os quatro sabores fundamentais: doce, salgado, amargo e azedo. Logicamente que tudo isso depois de se ter levado em consideração o valor nutritivo dos alimentos as necessidades nutricionais das pessoas a serem servidas.

RECEITA ALIMENTAR PARA O INVERNO

Sopa de Creme de Batata.

Ingredientes: meio quilo de batatas, 1 colher de manteiga, 3 colheres de óleo, 2 litros d'água, 2 cubinho de caldo de galinha ou de gado, 1 ovo, 2 colheres de nata e salsa picadinha.

Modo de preparar: descasque as batatas e corte em quadradinhos; refogue a batata no óleo e logo despeje a água quente. Tampe e cozinhe por mais ou menos uma hora em

fogo brando. Quando a batata estiver cozida, junte os cubinhos de caldo de galinha, passe no liquidificador, leve novamente ao fogo brando. Prove e retifique o tempero, se for o caso. Misture então a gema batida, a nata e a salsa picada. Cuidado para não deixar ferver a sopa depois de juntar os tres últimos ingredientes. Retire e sirva bem quente, acompanhado com pedacinhos de pão torrado, na manteiga.

RISOTO COM PROTEINA DE SOJA

Risoto com proteína texturizada de soja. Receita para 10 escolares.

Ingredientes: 150 gr. de proteína texturizada de soja (seca); 100 gr. de cenoura; 100 gr. de cebola; 100 gr. de tomate; 50 gr. de massa de tomate; 50 gr. de pimentão; 100 gr. de óleo; 50 gr. de queijo ralado; dois cubinhos de caldo de galinha; sal e tempero verde a gosto; 100 gr. de arroz seco, 50 gr. de óleo e quantidade suficiente de sal, sendo estes últimos os ingredientes para o preparo do arroz.

Modo de preparar: colocar a proteína texturizada de soja de molho em meio litro d'água. Fazer um refogado com óleo, cebola, tomate, massa de tomate e pimentão, juntar o texturizado hidratado, o sal e o tempero verde a gosto. Raspar a casca da cenoura, cortar em pedacinhos e cozinhá-la junto no refogado. Preparar o arroz e depois de cozido, misturar o refogado e o queijo ralado, e então servir. Obs. - a cenoura pode ser substituída por ervilha, milho verde, batata inglesa e outros.

A nova safra de máquinas Singer está na Cotrijuí.

Apesar de serem as máquinas de costura mais maduras que você pode encontrar, elas não estão na Cotrijuí só para encher os seus olhos. Elas estão lá para que você escolha uma e leve para sua mulher.

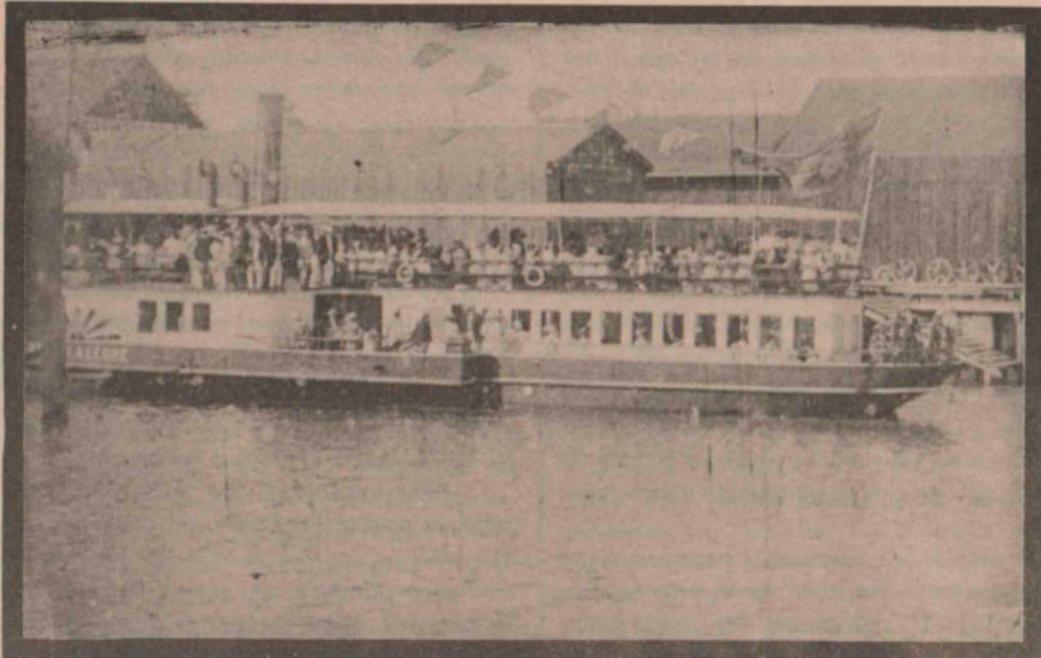
E dentro da sua casa, e nas mãos da sua mulher, as máquinas de costura Singer vão começar uma outra safra: de vestidos, calças, camisas.

E fácil costurar numa Singer, e ela faz de tudo: chuleia, caseia, prega botões, borda e até costura.

Para facilitar a sua escolha, a Cotrijuí estabeleceu preços mínimos sempre dentro da sua política de servir melhor ao associado. As máquinas Singer estão esperando para serem colhidas por você.

SINGER
Costurar é um ato de amor e poupança.

FILMES DE ALEMÃES E COLÔNIAS ALEMÃS (2)



O barco "Porto Alegre", ao afastar-se do cais, em demanda da Ilha do Pontal, numa manhã de 8 de dezembro de 1912, levando famílias de associados da Sociedade Recreio Juvenil.



Outro "take" do filme de Eduardo Hirtz, mostra uma cena na ilha. Lamentavelmente, por estarem seus personagens de costas para a câmera, não é possível conhecer os protagonistas, quem sabe nomes ilustres do Rio Grande do Sul.

Graças a trabalho de pesquisa do historiador de cinema Antonio Jesus Pfeil, apresentamos na edição de julho matéria que focaliza Eduardo Hirtz como pioneiro do cinema no Rio Grande do Sul. A pesquisa de Pfeil, a partir de 1901, levou o leitor até ao primeiro ano do presente século e o colocou em contato espiritual com Hirtz, Kaurt, Virgt, Doring, Tours e outros "cinematographistas" que acionaram os instrumentos rudimentares da época para registrar no celulóide as imagens de pessoas, coisas e fatos da época, hoje de excepcional va-

lor histórico para os pesquisadores de cinema.

O próprio Antonio Jesus Pfeil, em artigo escrito no Correio do Povo há cerca de dois anos, havia apresentado a cidade de Pelotas como pioneira na cinematografia gaúcha, com produções da Guarany-Filmes (1913/1914), que filmou os longa-metragens "Os Óculos do Vovô", "O Crime do Banhado" e mais 82 jornais da tela sob o nome genérico de Pelotas-1913, sob a direção de Francisco Santos, de nacionalidade portuguesa.

No entanto, conforme se

viu na pesquisa focalizada no COTRIJORNAL nº 43, o pioneirismo cabe realmente a Eduardo Hirtz, que produziu em 1909 o filme intitulado "Ranchinho de Palha", baseado num poema nativista do poeta pelotense Francisco Lobo da Costa (1853-1888). O filme foi estrelado pelo jornalista Carlos Cavaco, que teve como protagonista feminina sua esposa e a participação ainda dos atores Alcides Luppi, Machado e Ernesto Wyrouch. Esse filme foi projetado pela primeira vez a 27 de março de 1909 (ano da produção), no cinema Recreio

Ideal, de propriedade do próprio Eduardo Hirtz.

Juntamente com a pesquisa em jornais, Antonio Jesus Pfeil remeteu-nos dois fragmentos de documentário filmado por Eduardo Hirtz em 8 de dezembro de 1912, tendo por panorama a ilha do Pontal, no delta do Guaíba, em Porto Alegre. Referido documentário focalizava um "Passeio da Sociedade Recreio Juvenil, levando associados da entidade para um dos tradicionais "pick-nicks", tão em voga no gosto brasileiro do começo do século. Conforme os registros da crônica da época, as famílias bem situadas na vida costumavam participar de excursões desse nível.

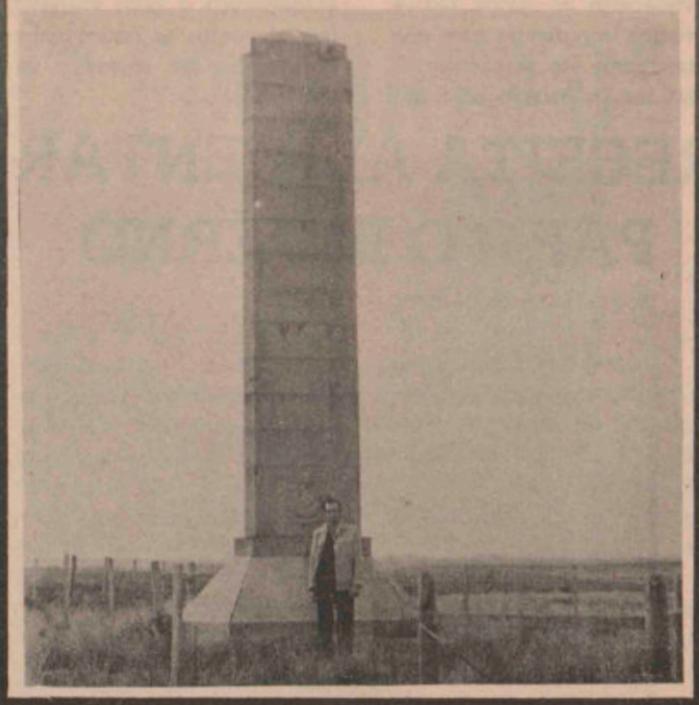
As películas da época eram a base de nitro, facilmen-

te inflamáveis. Provavelmente tenha sido por essa razão que poucos filmes tenham chegado até nós. Os dois fragmentos remetidos por Pfeil ao redator do COTRIJORNAL foram fotografados e copiados por Darcy Spinato, num trabalho de bom gabarito técnico, se se considerar o estado precário dos positivos em nitrado.

Numa das fotos vê-se o barco (de rodas) Porto Alegre no momento que afastava-se do cais do porto partindo em direção à ilha Pontal. Na outra fotografia, com a maioria dos fotografados lamentavelmente de costas, os excursionistas já estão em plena ilha. As fotos são inéditas, apesar de sua imagem cinematográfica de mais de 65 anos.

OBELISCO DA PAZ EM DOM PEDRITO

Dom Pedrito é conhecida como a "Capital da Paz". A razão do cognome é o fato da paz Farroupilha de 1845 haver sido assinada tendo por cenário os campos de Ponche Verde, no interior daquele município, nas proximidades da Linha Divisória com a República Oriental do Uruguai. A despeito de ostentar o nome "Capital da Paz", não quer dizer que Dom Pedrito tenha vivido em paz durante o período de sustentação do território rio-grandense. Ao contrário. Dom Pedrito, primeiro como 3º e 4º distritos de Bagé e depois, já emancipado, esteve sempre presente no campo de luta por ocasião de todos os entreveros revolucionários que teve como palco bélico a campanha gaúcha como um todo. A guerra conviveu sempre com os pedritenses. Primeiro através dos confrontos luso-brasileiros-espanhóis e posteriormente a Revolução Farroupilha, a Guerra do Paraguai, a Revolução de 93, a Assisista de 1923 e a Getulista de 1930. Sendo palco de luta ou enviando combatentes à guerra ou às revoluções, Dom Pedrito foi sempre participante ativo dos confrontos forjadores da nossa brasilidade. Oportunamente voltaremos a focalizar com maiores detalhes a história de nossa campanha e de Dom Pedrito em particular. Na foto aparece o Obelisco da Paz de Ponche Verde, que marca o fim da Revolução Farroupilha de 1835-1845.





LOUISE, NOVO SOPRANO BRASILEIRO

Existem três teatros em Pelotas. Guarany, Sete de Abril e Gonzaga. Coube a este último apresentar na noite de 10 de junho, numa promoção da 5ª Delegacia de Educação, os preços populares para o público, o soprano Louise (nome artístico da elegante senhora Zenithe Luiza Gomes Lemos, esposa de um coronel do Exército, que reside em Pelotas), que a solo de piano interpretado pelo professor Hubertus Hoffmann, interpretou Mozart, Verdi, Rossini, Schubert, Rimsky-Korsakow, Chopin, Bizet; os brasilei-

ros Jorge Lima e Waldemar Henrique, além de ela própria num vibrante ritmo Candomblé, intitulado Macumba aos Orixás. Foi uma noitada inesquecível para o público que lotou a platéia do Gonzaga e soube valorizar o espetáculo.

Na primeira parte, Voi Che' Sapete, ária Cherubin, da ópera bufa "Bodas de Figaro", de Mozart; Addio dei Passato, ária da ópera "La Traviatta", de Giuseppe Verdi; Una voce poco Fa, cavatina da ópera "O Barbeiro de Sevilha", de Rossini; Ridente la Calma e Als Lui-

se, ambas de Mozart; Serenata, de Franz Schubert; Michieu Banjo, cantado em dialeto crioulo da Louisiana (Estados Unidos) e Essa Negra Fulô, dos brasileiros Jorge Lima e Waldemar Henriques.

Na segunda parte prevaleceriam músicas populares e folclóricas, destacando-se o norteamericano George Gerswin, com "Summertime", de ópera negra; o cubano Lecuona (Babalu); Luiz Roldan e José Lacalle, com a canção mexicana Amapola; Avanera, da ópera Carmen, do francês Bizet e Macumba aos Orixás, composição da própria intérprete.

Louise, brasileira do Espírito Santo, que pisou o palco

ainda menina no Rio de Janeiro, para não desmentir essa realidade bem brasileira principalmente em relação à arte, é mais conhecida no exterior do que em seu País. Vencedora de concursos líricos no Chile, na Inglaterra e na Finlândia, foi assim citada pelo jornal francês "Le Figaro": "Louise é um ser cujo talento goteja, cintila, a emanar luminosidade de toda a sua imagem. Louise é um instante e uma eternidade". W. Laubsher, cronista de arte da revista "Time" inglesa, assim se referiu à brasileira: "Acompanho de perto o desenvolvimento artístico de Louise. Empolgo-me ao ouvi-la na "Traviatta", fazenda aquela vozinha de tisi-

ca ou na tresloucada e velha cigana Açucena, do "II Trovatore", de Verdi. O escritor Morris West, que a ouviu em Nova Iorque, não se conteve ante o entusiasmo ao ouvir Louise. Posteriormente, ao escrever seu livro "O Arlequim", qualificou-a de "O novo e grande soprano brasileiro".

Pois essa virtuose brasileira, de maior fama no exterior que em seu próprio País, vive hoje em Pelotas. Oxalá os pelotenses saibam dar-lhe o valor que ela tem de sobra, aclamando-a nos palcos de seus teatros.

Na foto aparece Louise interpretando a ópera Aida, de Giuseppe Verdi, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

POESIA

O LIVRO CANTADO EM VERSOS

O bibliófilo Plínio Doyle provavelmente seja o dono da maior biblioteca particular do Brasil. Amigo da maioria dos intelectuais do Rio de Janeiro, recebe-os regularmente todos os sábados em seu magnífico apartamento-biblioteca, localizado no prédio da rua Barão do Jaguaripe.

Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade, Henrique de Rezende, Gilberto Mendonça Teles, Homero Homem, Mário da Silva Brito, Murilo Araújo, Raul Bopp e Waldemar Lopes, entre outros, pelo menos até 1975 eram assíduos frequentadores da Casa. Em 1972, Doyle intitulou um livro - chamado de atas - à entrada, de sorte a que todos os amigos, ao subscritarem-no, deixassem também suas impressões.

Em pouco mais de dois anos, Plínio Doyle possuía um livro-poema inédito, pois seus amigos tinham o maior prazer de assiná-lo. Uma seleção desses poemas saiu em 1974 num opusculo de 40 páginas, sob o título Atas Poemas. Publicamos no espaço, com a assinatura de Gilberto Mendonça Teles, o Encontro, uma homenagem ao livro, tirado de Atas Poemas.

O ENCONTRO

Gilberto Mendonça Teles

Afinal, entro e me encontro entre livros.

Livre e limpo, respiro o tempo no limbo (melhor) no lombo das obras ou no lume dos volumes que galopam, que dissipam, que galossipam na sala as núvens desse tropel que vem de dentro da língua reduzida à disciplina das estantes.

Que troféus são esses que me interrogam e me convidam à sorte de cavalgar sortilégios, na pesquisa de minérios, de palavras aurita-biranas?

E que linguagem vai me envolvendo nos sábados, vai me fazendo ritual, me devolvendo ao silêncio que só percebo nas linhas daquelas doze paredes na casa de Plínio Doyle?

Afinal, entro e me encontro entre livros e entre homens da melhor letra e leitura que ainda existe.

Ra/diante do olhar azul do poeta.

TÂNIA E SEUS PERSONAGENS: CRIANÇAS E ADULTOS



Tânia Faillace, numa foto de J. B. Scalco.

A escritora Tania Jamardo Faillace, gaúcha de Porto Alegre, já é um nome conhecido em toda a literatura nacional. O último livro "Vinde a mim os pequeninos", recém lançado, confirma o seu valor literário.

Desde 1964, quando lançou o primeiro livro, a novela "A Fuga" Tânia Faillace cada vez mais se revela uma apaixonada descobridora dos mistérios, fantasias e realismos da vida, principalmente entre as relações de convivência humana.

Em "Vinde a mim os pequeninos", Tânia reúne seus múltiplos personagens, quase todos crianças e adultos, e forma um quadro: se

possui as cores escuras da denúncia, não faltam as vivas cores artísticas.

Tânia capta com perfeição as passagens da vida: da infância à adolescência; da adolescência à idade adulta. E mostra os conflitos, as perdas e interferências em cada uma dessas fases da existência humana. Sua visão torna mais forte e apurada da infância à adolescência, onde Tânia com muito vigor retrata a criança como a nascente de um rio que invariavelmente é levado a desabar num outro, profundo e tumultuado.

É revelador esse parágrafo do conto que dá o título ao livro — e formaliza todo o seu mundo literário: "Daí que Luciano chora. Sem querer. Se soubesse dizer coisas bonitas, dar aquelas respostas figurantes de sua mãe, ou ficar sério como o seu pai imaginário. . . Se crescesse de repente, e tivesse barba e óculos, e um carro estacionado na porta. . . Mas aí, ia ser igual à professora, pode ser. E ia enxotar a aranha de debaixo da cama, e ia desprezar o gato, e. . . "A vida é assim, Luciano, diz a mãe. Nas histórias de fadas é que é diferente". Daí que Luciano chora. Porque seus amigos riem, como se fossem adultos. Luciano chora. E sai correndo"

Tânia Faillace atualmente está escrevendo um novo livro: "Beco da Velha". Trata-se de um romance sobre uma vila marginal, com

uma série de diferentes personagens. Já tem publicado, além das novelas "A Fuga" e "Adão e Eva" (Prêmio da Secretaria de Educação e Cultura), "O 35º Ano de Inês" (1974), que são três contos fortes e densos. Participou das antologias "Nove do Sul", "Antologia do Conto Gaúcho", "Porto Alegre Ontem e Hoje", e "Assim Escrevem os Gaúchos". Tânia também possui, ainda inéditos, dois livros: "Tradição, Família e Outras Histórias", contos sobre a realidade latino-americana, e "Mário/Vera", um romance com ambientação histórica entre os anos 1962 e 1964, reunindo aspectos da classe média brasileira.

Afora suas atividades literárias, Tania Faillace exerce, também de forma intensa, o jornalismo. Passou pela reportagem dos principais jornais de Porto Alegre, onde no setor de polícia reconhece que capto uma visão mais ampla da existência humana. "O mundo marginal é uma caricatura da sociedade em que vivemos: altamente competitiva — os maiores vão comendo os menores", disse Tânia durante a recente Semana da Cultura realizada em Ijuí, da qual participou como palestrante, junto com Ignácio de Loyola Brandão (Zero), Caio Fernando Abreu (O Ovo Apunhalado) e Deonísio da Silva (Exposição de Motivos).

Rachel de Queiroz:

PRIMEIRA MULHER NA ACADEMIA

"Um marco histórico na literatura brasileira". Assim foi considerado o ingresso da escritora Rachel de Queiroz, na Academia Brasileira de Letras: a primeira mulher a conseguir essa posição.

Para a eleição de Rachel foi necessário apenas uma eleição, pois ela obteve maioria do total de 39 votos (23 a 15 e um em branco) contra o jurista Pontes de Miranda.

E a sua eleição trouxe um novo entusiasmo ao mundo literário brasileiro. Jorge Amado, por exemplo, disse que "a entrada de Rachel para a Academia significa o fim de um tabu odiendo". Já o crítico literário R. Magalhães Jr. fez questão de afirmar que "a literatura não pode ter sexo e que desde o século XIX, as mulheres vem se destacando como grandes escritoras". O próprio presidente da ABL, Austregésilo de Athayde, que sempre foi contra a imortalidade literária feminina, enalteceu a vitória de Rachel de Queiroz, ao mesmo tempo que adiantava as providências que seriam tomadas para a sua posse: "Rachel não usará fardão (vestimenta pomposa, apropriada para os acadêmicos), mas ainda não temos um uniforme escolhido para ela". Sabe-se que será um vestido longo, preto, com franjas douradas e um colar.

Rachel de Queiroz, agora com 66 anos, se considera uma senhora tranquila, muito diferente da mocinha petulante que em 1931 era trotskista militante no Partido Comunista e não perdia um comício.

Mas dessa época, Rachel ainda conserva, além do seu romance "Caminho de Pedras" (que focaliza a vida do proletariado e as lutas de classe), "o idealismo, a sede de justiça, que anima em geral os jovens".

Suas crônicas e comentários são vistos diariamente em jornais de todo o País, como no Correio do Povo de Porto Alegre.

SUGESTÕES DE LEITURA

TECNOLOGIA DOS METAIS: A. Malischev — G. Kino-laiev — Y. Schuvalov, Editora Mestre Jou, 444 páginas.

A tecnologia dos metais é um assunto em destaque em qualquer manual sobre tecnologia na indústria metalúrgica. Como se sabe, para um metal ser utilizado, adequadamente, na construção de máquinas (e na engenharia de modo geral), deve ter suas propriedades físico-químicas e estruturas perfeitamente conhecidas.

Nesse livro são abordados as propriedades, tratamento térmico, Estudos de ligas, fundição, tratamento de metais, soldagem, juntas inseparáveis e corte a gás e elétrico, formando um manual onde se pode encontrar os mais recentes conhecimentos desse assunto.

APICULTURA PARA TODOS: Hugo Muxfeldt, Editora Sulina, 301 páginas.

O professor Hugo Muxfeldt — o velho tio Hugo — como é mais conhecido — lança uma obra importante para o desenvolvimento da apicultura brasileira. Num estilo simples e objetivo, o Professor Hugo reuniu tudo o que apaixonou a sua vida: as histórias de abelhas. Além dos costumes, prá-

ticas recomendáveis, tudo é tratado em pequenos capítulos com fácil leitura.

O livro do Tio Hugo veio preencher uma lacuna que se fazia sentir, já que o manual "O Apicultor Brasileiro", ainda não foi reeditado. Sua contribuição é mais significativa ainda, pois veio trazer ajuda e esclarecimento sobre apicultura, à luz das modernas técnicas.

NOVO MANUAL DE VETERINÁRIA: Ody Silva, Editora Herba, Piracicaba, SP, 422 páginas.

Esta obra consta de quatro capítulos, sendo o primeiro dedicado aos defensivos agrícolas, com informações sobre o uso adequado no combate aos inimigos naturais das plantas cultivadas e as principais composições dos ingredientes ativos encontrados no comércio. O segundo capítulo engloba recomendações técnicas, desde a escolha do terreno até a colheita, para as culturas de abacate, abacaxi, algodão, alho, amendoim, amoreira, arroz, café, cana-de-açúcar, cebola, feijão, milho, soja, tomate e trigo. O terceiro e o quarto capítulos tratam, respectivamente, das funções fundamentais da ma-

téria orgânica para o solo e a planta e dos aspectos técnicos e práticos da adubação mineral. No capítulo final, Ody Silva analisa as funções dos principais nutrientes, oferece elementos para a interpretação dos resultados de análise de terra e formula algumas sugestões adubação para 73 culturas exporadas no Brasil.

PANTALEÃO E AS VISITADORAS: Mário Vargas Llosa, Editora Nova Fronteira, Romance, 219 pág.

Neste livro o escritor peruano faz do personagem principal Pantaleão — estrito cumpridor do dever — a levar seu excesso de zelo às últimas consequências. Mário Llosa usa um recurso novo na sua linguagem: a aplicação direta de certas cartas, documentos oficiais, diálogos, justaposto num mesmo plano significativo.

A carreira literária de Mário Llosa teve início com o livro "Batismo de Fogo" que alcançou o Prêmio da Crítica de 1963 e foi imediatamente traduzido para 20 línguas. Depois seguiram "A casa verde", "Os cachorros", "Conservação na catedral" e o estudo "Gabriel Garcia Marquez, história de um delíquio".

Plante trigo para ganhar dinheiro. Plante trigo para ajudar na alimentação da nossa gente. Plante a variedade Tudo que se produz aqui ainda será pouco para as nossas necessidades. O que você não pode e admitir sócios estrangeiros como fungos e pulgões, que também têm grandes vantagens na sua plantação. Para eles Operação Trigo ICI. É o que precisamos. Com três modernos e potentes produtos. Fungo ICI, o exterminador dos pulgões. Milgo E, fungo de espec-

ífico contra o oídio e Diferlan 4 F, fungo de amplo espectro. A Operação Trigo ICI garante um completo e perfeito tratamento, dando a você condições de colher mais trigo por área plantada. Também sempre à mão e apenas custa um dólar na hora sista. Esses produtos são oficialmente recomendados e você ainda pode constatar a mais completa assistência técnica prestada pelos agrônomos de Imperial. Você vai ver como é fácil deixar de alimentar fungos e pulgões.



ICI Departamento Agrícola
CIA. IMPERIAL DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL
Av. Euzébio Manoel, 811 - (Pavilhão Q10/23, S. Paulo, SP)
Tel. (011) 212-1955 - C. Postal, 30377 - 01000 S. Paulo, SP

NÃO HÁ RECURSOS PARA SAÚDE DO BRASILEIRO

Durante a Sexta Conferência Nacional da Saúde, promovida em Brasília de 2 a 5 do corrente, o discurso de abertura da conferência proferido pelo presidente Ernesto Geisel, alcançou natural repercussão não só pelo tom insinivo e autoridade de quem o proferiu, como também pela gravidade do enfoque.

Disse o Presidente ser muito difícil a tarefa dos responsáveis pela saúde dos brasileiros em virtude da escassez de recursos materiais e humanos, da disparidade entre a demanda e disponibilidade dos mesmos para atendimento dos problemas da saúde, fenômeno universal, particularmente agravado nos países em desenvolvimento.

A preocupação do presidente Ernesto Geisel, manifestada em conclave do porte que foi a Sexta Conferência Nacional da

Saúde é deveras salutar. O Brasil, conforme é sabido, é o País sul-americano que menos aplica em saúde. Conforme publicamos na edição de junho, seção Saúde, na página 4, numa estatística de 1972 levantada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), os gastos do Brasil na rubrica saúde eram de apenas 0,5% das despesas governamentais. Na mesma época, a Costa Rica aplicava 2,9%; a Nicarágua, 4%; México, 4,2%; Equador, 4,8%; Argentina também 4,8%; o Peru, 5,5%; Bolívia, 5,8%; Colômbia, 6,9% e Paraguai, 7,6%; isso para não falar da Jamaica, El Salvador, República Dominicana, Venezuela, Haiti, Barbados e Uruguai, todos com percentuais superiores aos 10% dos gastos nacionais, sendo que o Uruguai destinava 16,6% para saúde pública da Nação.

HIPERTENSÃO ARTERIAL

A hipertensão arterial não é uma patologia nova, sendo conhecida desde há vários séculos A.C., mais por seus efeitos que por constatação direta, já que o uso de manômetros para sua medição data do século XVIII, sendo a primeira avaliação feita por Halles em 1733.

Um melhor estudo da doença, contudo, só ultimamente tem sido possível, graças a disponibilidade de laboratórios e a avaliação a longo prazo em grupos populacionais como é o caso da cidade de Framingham nos E.E.U.U., onde toda a população é acompanhada há perto de 20 anos.

Em pesquisas recentes tem se constatado que cerca de 1/3 da população adulta média tem níveis de pressão acima daqueles que se convencionou normais para a idade. Mas em que a pressão alta prejudica o corpo humano? Pelo aumento da pressão dentro das artérias, estas têm a sua parede progressivamente endurecida, perdendo sua elasticidade normal. Acrescidas do depósito de colesterol e outras gorduras sanguíneas, a artéria vai diminuindo seu calibre interno, prejudicando a passagem do sangue, ao mesmo tempo em que vai se enfraquecendo. Recebendo menos sangue os órgãos começam a se deteriorar, ocorrendo os sintomas mais dramáticos nos chamados órgãos nobres como o cérebro, coração e rins, mas sendo também sentidos sobre a visão e membros. No cérebro pode acontecer o temido "derrame cerebral", que vem a ser a morte de parte do tecido nervoso que tanto pode ser ruptura de uma artéria enfraquecida pela pressão alta como oclusão completa de seu interior, provocando a parada da passagem de sangue caracterizando a trombose cerebral. Não é verdadeira a opinião que todas as pessoas com pressão alta venham a morrer de "derrame", mas a sua incidência e a das demais complicações é elevada a ponto de justificar o custo de um tratamento que por vezes é mais desagradável que os próprios sintomas da hipertensão. Contudo, os trabalhos recentes têm comprovado que mesmo os casos de hipertensão leve devem ser tratados com seriedade, pois mesmo estes se acompanham de uma significativa diminuição na expectativa de vida do indivíduo.

O que pode fazer uma pessoa que saiba ser hipertensa?

A medicina atual dispõe de inúmeros meios de combater a hipertensão, que vão desde a simples dieta até o uso de potentes medicamentos e mesmo a cirurgia em casos excepcionais. Infelizmente não se dispõe ainda do medicamento ideal, que normalizaria a pressão sem efeitos colaterais.

Uma associação de drogas às vezes consegue fazer suportável um tratamento que de outra maneira seria intolerável. Cabe ao paciente hipertenso, portanto, seguir precisamente a orientação médica quanto a maneira de usar a medicação e a dose indicada, informando por outro lado, dos progressos e efeitos adversos das drogas, para que se obtenha uma normalização dos níveis tensionais com um mínimo de parafiteos e uma melhora na qualidade de vida e longevidade. Destaque deve ser dado a constatações recentes acerca dos efeitos exercidos pelo uso do álcool e a prática de ginástica sobre a pressão arterial. O uso colateral de bebidas alcoólicas eleva a pressão arterial em torno de 10-15%, enquanto que a prática de ginástica e ioga reduz a pressão de hipertensos em até 20%, conseguindo por vezes normalizar uma pressão elevada por fatores emocionais. (UNIMED/IJUI).

PROIBIDO FUMAR NOS GINÁSIOS ESPORTIVOS DA UNIÃO SOVIÉTICA

O órgão soviético responsável pela regulamentação da prática de esportes no país determinou a proibição de fumar em qualquer dependência esportiva da União Soviética. A informação foi dada pelo jornal Soviet Sport. Também foi proibida a venda de cigarros, charutos ou fumo para cachimbo próximo a estas instalações. A dedução dos membros do Comitê Olímpico Internacional é de que a medida será aplicada durante os Jogos Olímpicos de 1980, em Moscou. Essa determinação faz parte de um programa iniciado no ano passado pelo governo soviético proibindo o fumo.

VI CONGRESSO DA AMRIGS EM PORTO ALEGRE

A Associação Médica do Rio Grande do Sul - AMRIGS - promoverá em Porto Alegre, tendo por local a Sogipa, de 17 a 22 de outubro próximo, o VI Congresso AMRIGS. O conclave é comemorativo ao jubileu de prata da entidade.

O tema central do Congresso versará sobre o câncer e se desenvolverá através de mesas-redondas, conferências e cursos, que serão os seguintes: Ginecologia e Obstetrícia, Neurologia, Pediatria e Cirurgia.

Foram convidados médicos dos Estados Unidos, Inglaterra, Uruguai, Argentina, França, Bélgica e Suécia, além de especialistas brasileiros de outros centros médicos do País, como Rio de Janeiro e São Paulo.

A mais recente advertência médica:

MENOPAUSA MAIS CEDO PARA MULHER FUMANTE

Além de uma série de outros males à saúde da mulher que fuma, como o câncer, o coração e aparelho digestivo, médicos ingleses descobriram agora que a fumante recebe a menopausa precocemente.

Artigo médico escrito por Hersel Jick e Jane Porter, da Faculdade de Medicina da Universidade de Boston e por Alan Morrison, da Faculdade de Saúde da Universidade Harvard, analisou duas grandes pesquisas compreendendo 57 mil mulheres hospitalizadas na região de Boston e em sete países diversos.

A pesquisa incluía uma análise de alguns fatores apontados como responsáveis pelo aumento dos perigos de doenças cardíacas, como, por exemplo, o fumo. O resultado comparativo dos hábitos de fumar revelou que na região de Boston, enquanto 46% das mulheres fortemente habituadas ao cigarro, entre 48 e 49 anos, já tinham chegado à menopausa. Dentre as não fumantes, só 26% na mesma faixa de idade já tinham atingido aquela fase. Segundo a revista médica "Lancet", a pesquisa na fase internacional chegou aos mesmos resultados, com o que o resultado científico mostrou comprovadamente mais um mal ocasionado pelo cigarro ao organismo humano.

Quando você pensar em plantar não comece sem ter MANAH.

MANAH é lucro certo
É seu aberto para quem plantar
Maior qualidade
Maior produtividade
Viva e vá ganhar com MANAH



Com
MANAH
adubando da



O PEIXE COMO NOVA OPÇÃO

Era uma reunião em forma de mesa redonda entre agrônomos e técnicos da Cotrijui sobre a diversificação da produção agrícola. Num instante parou no ar a pergunta: como recuperar os açudes contaminados dos agricultores? A resposta veio rápida: incentivando o agricultor a criar peixes.

A partir dessa conclusão, os agrônomos e técnicos arregaçaram as mangas para mais essa iniciativa que veio a se juntar com outras, como no setor da fruticultura, hortigranjeiros, para incentivar os agricultores a diversificarem a sua produção. "Precisamos, de uma vez por todas, mostrar para os agricultores que eles não devem comprar galinha, leite, frutas e verduras no supermercado" diz o técnico agrícola Adroaldo Hartmann.

Para incentivar o agricultor a criar peixes, o Departamento Técnico da Cotrijui está incentivando um projeto que prevê, numa fase inicial, a construção de 36 tanques para a criação de filhotes de peixes que serão distribuídos para os agricultores. Além disso, também prevê o projeto a construção de um laboratório de pesquisas e reprodução artificial de peixes.

"De início pensamos incentivar o agricultor a criar peixes para a sua economia doméstica. Mas não abandonamos a perspectiva de levar o agricultor a também comercializar e industrializar o seu produto, através da Cooperativa", diz Luiz Volney Viau, engenheiro agrônomo da Cotrijui.

Afora a feitura do projeto, na metade do mês de julho, mais 20 técnicos da COTRIJUI participaram de um curso intensivo, de uma semana, ministrado pelos professores Paulo Ary Moreira (eng. agr.) e Deodoro Brandão (biólogo da Universidade Federal de Santa Maria). Neste curso os técnicos obtiveram as informações gerais para prestar esclarecimentos aos agricultores interessa-

dos na criação de peixes. Agora cada unidade da COTRIJUI possui um técnico com conhecimentos no assunto, prestando esclarecimentos que vão desde a correção da acidez do açude até a alimentação dos peixes.

E a idéia, segundo os técnicos, já está entusiasmando os agricultores que não somente estão pensando em recuperar os açudes existentes, como abrir novos com toda a técnica para criação de peixes.

A PESCA ATUAL

A piscicultura, como é conhecida a técnica de criar peixes, é uma atividade bastante antiga. Fan-Li, técnico chinês e especialista na criação de peixes, já no ano 475 A.C. profetizava: "uma das maneiras de se fazer fortuna é criar carpas".

Desta época até os dias atuais, muitas águas rolaram sobre os peixes. Na verdade, a pesca brasileira ainda não recebeu o devido cuidado e incentivo. E por isso, o consumo do peixe não consegue se popularizar.

Para o professor de piscicultura Paulo Ari Moreira da UFSM, a primeira coisa a se fazer, em particular aqui no Rio

Grande do Sul, "é tirar do gaúcho o hábito de só comer carne de gado".

Paulo Moreira enumera duas causas que impedem uma maior propagação para o consumo do peixe: há inexistência de um número suficiente de técnicos neste setor e a crescente poluição dos rios que estão provocando o desaparecimento de inúmeras espécies de peixes. "Com essas duas causas não pode haver incentivo e nem condições para desenvolver a pesca", considera o técnico especialista.

No entanto, há países em que o consumo do peixe atinge elevados índices, como na China, onde toda a produção de pescado absorvido, anualmente, 61 por cento provém da água doce. E o Brasil, que é altamente carente de proteínas, não aproveita essa energia dos peixes, principalmente nas águas doce.

Agora com o incentivo para a pesca, o associado da Cotrijui poderá contar com um substancial alimento em sua casa. Até quem sabe, já poderá pensar em novas e emocionantes histórias de pescador.

mos umas vertentes de água. Então foram surgindo as primeiras lagoas, que foram se ajuntando a outras, até formar uma grande lagoa. E pensei: aquilo era muito bonito, mas por que não também criar peixes? Além da beleza teria um alimento rico para toda a família. Foi assim que consegui essa descoberta".

Depois de feita a primeira lagoa, Della Rosa procurou um amigo seu em Santo Augusto e comprou 200 filhotes de carpa (os filhotes de qualquer peixe são mais conhecidos como alevinos) e colocou na lagoa, na verdade já era um açude.

Della Rosa não esconde de ninguém que sempre adivinhou o que os peixes queriam. Assim que colocou os peixes na água descobriu o que eles gostavam como refeição: comeram toda a grama que estava ao redor do açude. Depois experimentou dar farelo de soja, e os peixes também comeram.

Na época de pulverizar a lavoura, Della Rosa achou por bem fechar as entradas das vertentes para a água não trazer substâncias tóxicas e puxou um canal direto do rio Conceição que corre ao lado das suas plantações. Até pensou em colocar uma lata de óleo sobre o açude,

para provocar uma luminosidade, e com isso atrair os insetos que servem de proveitosa alimentação para os peixes. Mas isso ele achou muito perigoso, porque poderia cair dentro da água e o óleo provocar a morte dos peixes. Agora está pensando em puxar um fio de eletricidade e colocar uma lâmpada de luz para esta função.

Atualmente Della Rosa possui três açudes que somam quase 4000 mil metros quadrados. Já vendeu 5 mil filhotes de peixes, fora os que aproveitou para as costumeiras refeições de domingo. "Eu não largo nunca mais esse negócio de criar peixes". Garante ele, mesmo com seus 75 hectares de terras, onde planta trigo e soja, além de ter de dispensar um cuidado especial para a sua horta e criações de cinco vacas leiteiras e muitos porcos.

Todos os dias, antes do seu almoço, Della Rosa vai até os açudes. Nessa hora quando o sol está bem quente, todos os peixes vem até a superfície da água. Então Della Rosa sabe que eles querem comer. "Aí eu coloco comida. é tão bonito ver os bichinhos comer". Della Rosa segue contando a vida dos peixes, alegre como um menino que tem um brinquedo em suas mãos.

A EXPERIÊNCIA DE UM AGRICULTOR

"Se alguém chegar aqui em casa no domingo, só vai encontrar peixe. Peixe e vinho: esse é o nosso almoço".

Vitório Della Rosa, que mora no Barreiro, não pensa em outra comida no domingo para a sua família, depois que

há um ano atrás começou a criar peixes na sua propriedade. E todos gostam, porque em cada domingo o peixe está diferente. Uma vez é assado, outra cozido e também frito. Assim toda a família, composta de oito filhos, sempre tem von-

tade de comer peixe.

Mas Della Rosa começou quase que sem querer a criar peixes. Ele conta como foi: "Antes aqui na lavoura era tudo plano. Um dia, eu e os meus filhos menores, começamos a fazer uns buracos e descobri-



Della Rosa e seus filhos: como criar peixes em família.

O dinheiro não está fácil para ser jogado no mato.

Na hora de comprar herbicida, é melhor perder um pouco de tempo comparando um a um, do que perder muitos cruzeiros depois. Milhares de agricultores já fizeram isso.

E acabaram preferindo Treflan, o mata-mato.

Vale a pena conhecer suas razões:

- Treflan é mais do que um herbicida, é um Sistema, o Sistema Treflan.
- Treflan nunca falhou.
- Treflan tem assistência técnica que não falha.
- Treflan tem a garantia do Controle de Qualidade Elanco.
- Treflan ou Treflan Combinado controla os matos de folhas estreitas e largas.
- Treflan é feito pela Elanco, com matéria-prima brasileira.
- Treflan tem experiência, faz o que diz há 13 anos.
- Treflan já está provado e comprovado.
- Treflan dá tranquilidade.
- Treflan e Elanco, produto e companhia que os Engenheiros Agrônomos podem recomendar.

Estas são as vantagens que você tem quando usa Treflan.

E isso é uma coisa que nenhum outro herbicida pode oferecer.

Como você pode ver, esta simples comparação não é só uma questão de ganhar dinheiro. É uma questão de ganhar tranquilidade.

Fale com o Engenheiro Agrônomo de sua cooperativa.

ELANCO

Treflan

Fabricante de Treflan, Coban, Hygromix, Perflan, Tylan e Trifuralina.

O TRIGO ESPERA RESPOSTA

O trigo está na fase inicial de crescimento. Os seus inimigos — as doenças e pragas — ainda não apareceram, embora o oídio já tenha visitado algumas lavouras, sem muitos prejuízos. Quem plantou trigo esse ano, espera agora, ansioso, a primavera chegar. É nessa época que o agricultor recebe a resposta para a sua plantação: boa ou ruim.

"Se a primavera for seca, a colheita será boa. Se a primavera for chuvosa, então a colheita será ruim".

Poderá cada agricultor saber disso. Mas não sabe, e nem poderia saber, como controlar as variações climáticas. E são elas justamente que provocam o aparecimento das doenças e pragas nas lavouras de trigo.

Se não há meios de controlar as variações climáticas, resta então ao agricultor eliminar as doenças e

pragas assim que vão surgindo. E o agricultor está cada vez mais perto das armas para esse combate.

Hoje, a maioria dos agricultores já estão suficientemente motivados para aprender e seguir as técnicas de combate as doenças e pragas. Mas há ainda muitas dúvidas. Dúvidas sobre produtos, meios de aplicação, épocas de uso, quantidade e distribuição.

Então é preciso, sempre mais, engrossar a fila dos que combatem os inimigos do trigo. Seguidas cam-

panhas, por diversas entidades, são efetivadas para esclarecer os agricultores. A Cotrijui, através do seu Departamento Técnico, juntamente com a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e a FECOTRIGO, vem desenvolvendo um intenso trabalho de pesquisa.

"O nosso objetivo é encontrar uma espécie de semente resistente às doenças e pragas", diz o engenheiro agrônomo da Cotrijui, Luiz Volnei Viau.

Assim é que muitas pragas e

doenças já estão sob absoluto controle. Mas restam ainda as mais difíceis e perigosas, como a septória, a giberella, a ferrugem da folha e o oídio.

Como explica o engenheiro agrônomo Nedy Borges, chefe do Departamento Técnico da cotrijui, "é um tempo de dez anos que leva o desenvolvimento de uma pesquisa". E a doença não é estática, não coloca um ponto final na sua evolução. E vai se aperfeiçoando até se transformar em outra doença.

"Quando chegamos no final de uma pesquisa já existem outras doenças. Elas largaram na nossa frente muitos anos antes", reconhece Nedy Borges.

A partir deste ano a Cotrijui

vem implantando um programa especial para o controle das doenças e pragas nas lavouras de trigo. É o "plano de reformulação da lavoura de trigo" que engloba o uso de fungicidas, aumento da densidade da planta, adubação, controle das pragas e doenças e conservação do solo.

Assim o agricultor associado da Cotrijui, que plantou trigo nesse ano, poderá contar com mais uma segurança para a sua lavoura.

Sobre quantos quilos por hectare? Ainda é cedo para falar. Agora o mais importante é ver o trigo crescer e esperar, sempre com pensamento positivo, que a primavera seja seca, com pouca umidade.

UM PLANO PARA GARANTIR A LAVOURA

Cotrijornal: O que levou a Cotrijui implantar o "plano de reformulação da lavoura de trigo" a partir desse ano?

Nedy Borges: O "plano de reformulação da lavoura de trigo" é uma exigência fundamental para a própria sobrevivência da triticultura. A insegurança da lavoura tradicional, ocasionada por moléstias fúngicas, é o grande drama que vive o triticultor. Por isso achamos urgente e necessário que se adotem técnicas que possam reduzir essa insegurança.

Cotrijornal: Quem esse plano vai atingir.

Nedy Borges: O plano vai atingir 879 associados da Cotrijui, numa área total de 32.334 ha (ver quadro).

Cotrijornal: O que objetiva o "plano de reformulação da lavoura"?

Nedy Borges: O objetivo principal é diminuir os riscos de frustrações da lavoura de trigo, em decorrência de moléstias fúngicas.

Cotrijornal: Quais as melhores condições de clima para o trigo nesta fase inicial de crescimento?

Nedy Borges: As melhores condições de clima para o trigo nessa fase inicial é a ocorrência de tempo frio e relativamente seco.

Cotrijornal: Quais seriam os motivos que ocasionam o surgimento de doenças e pragas no trigo?

Nedy Borges: As moléstias ou doenças surgem nas lavouras de trigo, multiplicando-se rapidamente, em função de condições climáticas favoráveis, ou seja, alta umidade e calor.

Cotrijornal: Quando a Cotrijui iniciou os trabalhos para combater estas doenças? É possível fazer um relato da evolução até hoje?

Nedy Borges: A Cotrijui, através do Departamento Técnico, acompanha os trabalhos de pesquisa da Embrapa e Fecotrig, desde 1974. Lavouras experimentais foram realizadas, aqui, a partir de 1975. Houve

uma preocupação em preparar inicialmente o pessoal técnico e os agricultores para essa nova tecnologia a ser empregada na lavoura de trigo. Também foram feitos contatos periódicos por parte da equipe técnica com centros de pesquisas. Foram aproveitados o "dia de campo" de instituições, nos dois últimos anos, para levar aproximadamente 250 associados, a fim de conhecerem os trabalhos lá realizados. No contato com a agência do Banco do Brasil, desta área da Cotrijui, damos ciência do programa de fungicidas e recebemos apoio integral ao trabalho. Logo a seguir foram realizadas 133 reuniões com associados, atingindo aproximadamente 2.500 produtores, onde foi informado todo o programa de controle integrado de pragas e moléstias no trigo para a atual safra. Foram informados com detalhes, os problemas de moléstias da cultura do trigo no passado, na atualidade; os trabalhos de pesquisa, nesse particular a cobertura financeira do Banco do Brasil; e o programa de assistência técnica da Cotrijui. Posteriormente foram recebidas as propostas de financiamento da lavoura de trigo. Tivemos algumas dificuldades em conseguir peças suficientes para o atendimento do programa. Entretanto, o atraso no aparecimento do oídio, também, veio favorecer a execução do trabalho.

Cotrijornal: Nessa briga quem está vencendo: pesquisa ou doenças?

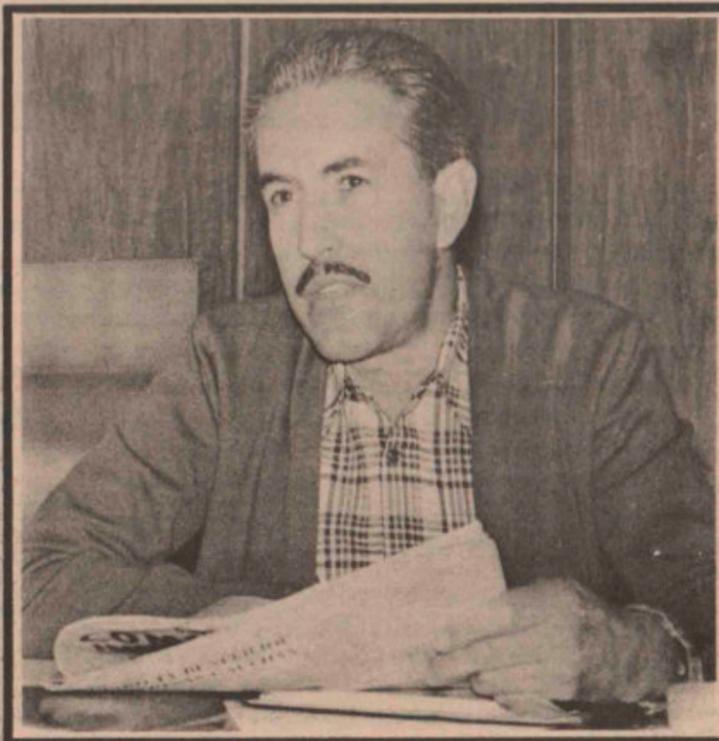
Nedy Borges: A pesquisa

ainda não conseguiu variedades de trigo que tenham resistência às principais moléstias. Alguns progressos foram obtidos. Englobar todas essas resistências numa única variedade, talvez seja, até mesmo um sonho, uma utopia. O importante é que esse trabalho prossiga sem esmorecimento, por parte dos técnicos, e com a compreensão da magnitude do problema e, por conseguinte, de recursos financeiros por parte das autoridades governamentais. O controle das moléstias pelo uso de fungicidas é uma opção muito importante para os produtores, a fim de que possam continuar produzindo trigo para os brasileiros. Dessa maneira a pesquisa terá um fôlego para buscar alternativas mais econômicas de controle dessas moléstias. Sabemos que o ideal é através de variedades resistentes.

Cotrijornal: Quais suas previsões futuras para o trigo brasileiro?

Nedy Borges: Na verdade, necessitamos de trigo para a alimentação dos brasileiros. O racional é produzirmos o trigo necessário ao nosso consumo. A autosuficiência, já manifestada em várias oportunidades pelo governo, é a meta a ser alcançada. Quando? Esta é a grande interrogação. Trabalho, disposição e interesse, tenho certeza que todos os produtores terão. Confiamos no programa de controle integrado de pragas e doenças da lavoura de trigo e acreditamos que trará uma grande contribuição ao desenvolvimento da cultura do trigo

Unidades	ha	nº de agricultores
Ijuí	14	268
Augusto Pestana	3937	198
Ajuricaba	1.860	98
Vila Jóia	2.876	62
Santo Augusto	5.191,5	113
Cel. Bicaco	1.661,5	54
Chiapetta	1.666	50
Tte. Portela	753	36



Nedy Borges: fôlego para o trigo.

MULTIPLANTA IMASA



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura de sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na semeadura de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO, em resteva de trigo.

SETÁRIA KAZUNGULA

Eng. Agr. Renato Borges de MEDEIROS



A cultivar Kazungula de setária foi coletada na Zâmbia, África, em 1955. No Rio Grande do Sul o seu primeiro cultivo, provavelmente, tenha sido realizado em 1968 na Estação Experimental Zootécnica de Tupanciretã-RS. É uma forrageira perene de estação quente, que atinge altura superior a 2m e se pereniza por pequenos rizomas. Vem sendo recomendada para áreas subtropicais que apresentam precipitações superiores a 760mm. De acordo com muitos autores desenvolve-se bem nos mais diferentes tipos de solo, apresentando inclusive uma certa tolerância à umidade do solo. Essa ampla adaptabilidade às condições de clima e solo lhe conferem boas características de produtividade e persistência. Associa muito bem as leguminosas tropicais, apresentando um longo período de crescimento. A ocorrência de geadas provocam seu crestamento mas não interferem na sua persistência. De acordo com os técnicos da Estação Experimental de Tupanciretã ela tem apresentado excelente comportamento produtivo.

Os resultados experimentais obtidos nas condições do Rio Grande do Sul ainda são poucos. Na Estação Experimental de Tupanciretã-RS, Saibro e outros¹, trabalhando com gramíneas tropicais em condições de parcelas, durante quatro anos (1970/73), indicaram Setária Kazungula e Panicum Gatton como muito promissoras para as condições ambientais da região onde se realizou o estudo. Em trabalhos de parcela que vem sendo conduzidos no Centro de Treinamento Cotrijui, em colaboração com o Setor de Plantas Forrageiras da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - a Setária Kazungula vem se mostrando muito promissora para as condições do Planalto Médio e Missões. No ano de estabelecimento (1975) foram realizados três cortes que proporcionaram rendimentos de

8.663 kg/ha e 1.750 kg/ha de matéria rica e proteína bruta, respectivamente. O percentual de proteína foi de 11,2%, 14,6% e 16,7%, para o primeiro (03/02/76), segundo (22/03/76) e terceiro (01/06/76) cortes, respectivamente. No segundo ano foram realizados cinco cortes sendo o primeiro realizado em 23/11/76 e o último em 04/03/77. A produção total de matéria seca foi de 11.242 kg/ha, e teve a seguinte distribuição: 2.918, 1.456, 2.082, 2.956 e 1.830 kg/ha, para I, II, III, IV e V cortes, respectivamente. Os cortes têm sido realizados com as plantas no estágio vegetativo (0,50m) sendo observada uma altura de corte de 12 cm acima do nível do solo. De outra parte áreas estabelecidas para pastejo em diferentes regiões do Estado possibilitam fazer uma série de observações que valorizam os resultados já obtidos em parcelas. Em São Gabriel, na propriedade do professor Ismar Leal Barreto, existem áreas de Setária Kazungula consorciada com Desmódio intortum que vem há 6 anos apresentando excelente comportamento produtivo. Áreas estabelecidas na primavera de 1973, na região das Missões, tem suportado lotações em torno de 3 cabeças/ha durante um período superior a 200 dias. Não há dados locais com relação ao desempenho de animais, mas tem-se observado que ele é semelhante ao obtido com a pangola. Em Queensland, segundo Mc Ilroy² a Setária tem apresentado rendimento semelhante a pangola, que com altas doses de fertilizantes tem apresentado rendimentos de aproximadamente 1.000 kg/ha ano de peso vivo com lotações superiores a 5 animais/ha.

De acordo com Tatan e Libren (1949) citados por Mc Ilroy², a Setária se constitui numa excelente forrageira quando submetida a pastejo controlado. Estudos conduzidos pelo Setor de Plantas Forrageiras da Faculdade de Agro-

nomia da UFRGS concordam as informações destes autores.

Em relação a utilização, os dados de pesquisa sugerem que o primeiro pastejo deve ser iniciado antes das plantas elevarem o ponto de crescimento, o que geralmente ocorre quando a pastagem atinge uma altura média de 40 cm. Os animais devem ser retirados da pastagem quando ainda existir uma área foliar em torno de 10 cm, para que as plantas possam realizar um vigoroso rebrote. Este manejo de corte além de possibilitar um rápido rebrote e garantir a persistência das plantas, também beneficia as leguminosas (D. intortum e/ou Siratro) que estiverem consorciadas com a Setária. Entretanto outra razão concorre para que se aplique este manejo de cortes, pois muitos autores chamam a atenção de que a qualidade da forragem diminui sensivelmente à medida em que aumenta o seu grau de maturação.

Embora a cultivar Naudi seja mais palatável, a cultivar Kazungula tem sido mais recomendada por ser mais produtiva, menos sensível a doenças e por apresentar sementes de melhor qualidade. Em breve deverá surgir no mercado a cultivar Narok, que de acordo com a literatura é extremamente resistente às geadas. Entretanto, para as condições do RS ainda não existem informações.

No Estado a Setária Kazungula tem estabelecido bem nas sementeiras realizadas nos meses de setembro e outubro. A bibliografia, de um modo geral, recomenda a distribuição de 3 kg/ha de sementes em misturas com leguminosas tropicais. Nas regiões do Planalto Médio e Missões, em virtude da maioria dos solos formarem crostas que dificultam a emergência das plantinhas, deve-se utilizar densidades superiores a 4 kg/ha de sementes, mesmo em consorciação com o Desmódio e/ou Siratro. Para estas leguminosas as densidades devem ser de 2 a 4 kg/ha, para Desmódio e Siratro, respectivamente.

No Estado, colheitas de Setária tem proporcionado rendimentos de até 100 kg/ha de sementes. Em boas condições de fertilização em colheitas realizadas no momento mais adequado (40 a 50 dias após emergência das panículas), no mês de janeiro, têm proporcionado rendimentos de até 150 kg/ha. Bibliografia

(1) SAIBRO, J.C. et alii 1974. Introdução e avaliação de plantas forrageiras no Rio Grande do Sul. In: Anuário Técnico. Porto Alegre, Secretaria da Agricultura, Instituto de Pesquisas Zootécnicas, V. 1, p. 129-32.

(2) Mc. Ilroy, R.I. 1973. Introduction el cultivo de los pastos tropicales. México, Limusa.

PEDIDOS DE SEMENTE DE FORRAGEIRAS

Os associados podem fazer pedidos de sementes das seguintes espécies de forrageiras:

Variedades	Densidade kg/ha
Pasto Italiano	20
Feijão Miúdo	30
Panicum Gatton	6 a 8
Setária Kazungula	6 a 8
Pensacola	20
Rhodes Callid	10
Desmódio Intortum	2
Siratro	3
Alfafa Crioula	15

ADQUIRA PASTO ITALIANO NA COTRIJUI

A COTRIJUI dispõe de semente fiscalizada de Pasto Italiano para comercializar com terceiros. Os interessados podem entrar em contato diretamente com o Depto. Técnico em Ijuí pelos fones: 2066, 2866, 3177 e 3277.

Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Diâmetro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu prá comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucro e seu Faustino não deixa por menos: vai só a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está protegido pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendos, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

A PRODUÇÃO DA BATATINHA

Eng. Agr. Hélio Ito POHLMANN

A batatinha (*Solanum tuberosum*) é uma cultura que sempre teve considerável produção no Rio Grande do Sul, ocupando muita mão-de-obra por unidade de área, sem contudo ocupar grandes áreas de terra. Caracterizada por uma alta produtividade, em torno de 15 a 20 toneladas/hectare (mais de 300 sacos/50 kg) se conduzida com os cuidados básicos de tecnologia, pode representar uma garantia econômica ao produtor. A cultura é exigente em adubação equilibrada, para repor os nutrientes retirados com as grandes colheitas. Deve portanto haver o cuidado do produtor em adicionar a quantidade de fertilizantes para o bom desenvolvimento da planta e conseqüentemente a desejada formação de tubérculos.

FERTILIDADE

A quantidade de adubo deve ser dado em função da análise do solo, variando entre 300 e 750 kg/ha, escolhendo-se então a fórmula mais adequada, sendo de uso corrente aplicar-se 1 saco de adubo para 2 sacos de semente. Aplicação de Nitrogênio em cobertura antes da capina é importante para ter o crescimento inicial rápido, dando mais tempo para a formação dos tubérculos.

CORREÇÃO DO SOLO

O pH adequado está entre 5,5 a 6,0 e neste sentido deve ser feita a correção, tomando-se o cuidado de não incorporar o calcário e sim aplicá-lo sobre o solo após o plantio, pois a sua incorporação acontecerá juntamente com os tratamentos culturais: capinas, amontoas, dando boas condições de desenvolvimento à planta.

Preparo do solo e batata-semente — São necessárias uma ou duas lavrações e gradagens para deixar o solo destorroado, em condições de plantio. A escolha da variedade e sobretudo a qualidade da batata-semente constituem fundamental requisito à boa produção. E sabendo-se que não há grande difusão de batata-semente certificada, deve haver o máximo de controle na compra de sementes. O uso de batata-semente de pequeno tamanho, prática corrente em nosso meio, como pode ser visto no quadro abaixo, resulta na baixa produção, pois estas normalmente estão contaminadas por viroses, resultando em planta fraca e suscetível às moléstias.

Peso tubérculo	Rendimento bruto
25 g	29900
25 g 2/ cova	31200
50 g	34900
75 g	37500
100 g	39600
100 g/cortado	31000
160 g	41900

Pelo quadro acima, conclui-se que a batata-semente 50 a 25 g pode ser perfeitamente usada, alcançando rendimento muito bom.

Necessidade de Semente por Hectare:

Espaçamento	Peso batata-semente		
	45 g	55 g	65 g
60x40	1890	2310	2708
70x40	1620	1980	2321
80x35	1620	1980	2321

Plantio: 1º cultivo: agosto-setembro; 2º cultivo: janeiro-fevereiro. O plantio deve ser feito em sulco, no qual está misturado o adubo com o solo, comprimindo-se a semente com o solo para facilitar a germinação.

Forçamento, desbrotamento e desinfecção das batatas-sementes — Para forçar a brotação aconselha-se colocar as batatas-sementes em local com temperatura mais elevada até haver a emissão dos brotos, quando deve ser plantada. Existem métodos químicos que ainda não estão em uso pelos produtores gaúchos. O desbrotamento pode ser feito apenas no início da primeira brotação dos tubérculos; se feito em outra época implicará em inevitável diminuição de produção.

A desinfecção da batata-semente pode ser feita com Poliram Combi a 2% durante 1 minuto mergulhando as sementes na calda, deixando-as secar antes de plantar.

Tratos culturais — Capinas: iniciar cedo para manter o terreno limpo, principalmente na fase inicial de crescimento. Amontoa: formar um camalhão junto às plantas, iniciando na primeira capina e depois com arado concluindo a operação antes de iniciar o florescimento. **Tratamentos fitossanitários:** É uma cultura muito sensível ao ataque de pragas fúngicas, bacterioses e viróticas, exigindo do produtor o constante cuidado e preventivo, com pulverizações bem orientadas, não possibilitando a contaminação em maior escala da lavoura.

Calendário de tratamento fitossanitários

Solo	Parte aérea	Granutox	20 kg/ha aplicar no sulco em 400 L. por hectare
1	Batasan	75 g/100 L.	
2	Preposan	700 g/100 L.	
3	Batasan	75 g/100 L.	
4	Peposan	700 g/100 L.	
5	Difolatan	750 g/100 L.	
6	Peposan	700 g/100 L.	
7	Batasan	75 g/100 L.	
8	Peposan	700 g/100 L.	
9	Batasan	25 g/100 L.	

Para pulgões adicionar 200 cm³/100 L. Metastox. Vaquinhas, lagartas 200 cm³/100 Melatol 50E. Misturar ambos com o fungicida quando for constatada a incidência destas pragas.

Necessidade total de fungicidas para parte aérea por hectare:

Peposan 11,2 kg
Difolatan 3 L.
Batasan 1,2 kg

Observação: Todos estes produtos são encontrados na COTRIJUI.

Época dos tratamentos: — É corrente a aplicação de um tratamento por semana, iniciados aproximadamente 10 dias e para a germinação, com o produto à base de estanho (Batasan); os subsequentes variam em função das condições do tempo, devendo haver nova aplicação após cada chuva. O número total de tratamentos pode, portanto, variar de 4 a 9, dependendo das condições já descritas acima.

Colheita — Quando as folhas murcham e amarelam naturalmente, pode iniciar-se a colheita, evitando os dias chuvosos que facilitam a passagem dos esporos de moléstias da folhagem para os tubérculos. Os tubérculos bem maduros têm melhor resistência à armazenagem, fator a considerar em função do destino da produção. A colheita em lavouras pequenas é feita com enxada e em lavouras maiores com arados, ou colheitadeiras nos cultivos com alta tecnologia.

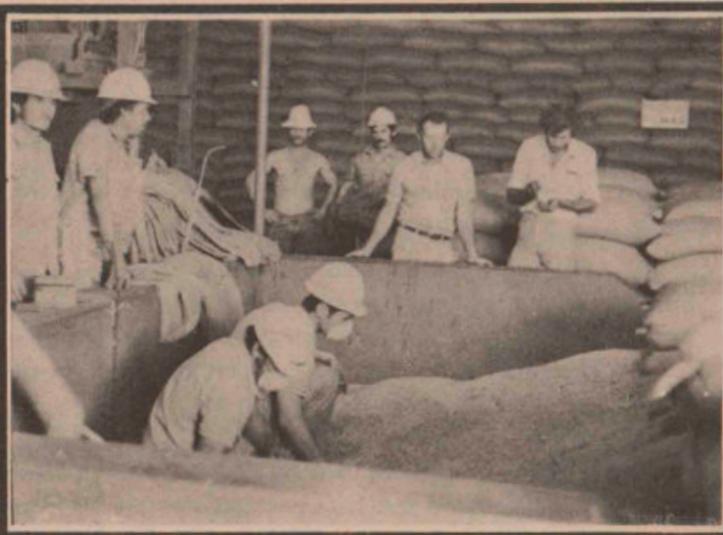
Assistência técnica — O cultivo da batatinha exige do produtor um bom conhecimento da atividade para evitar ou amenizar os riscos da cultura, devendo manter constante contato com técnicos nesta área para situar a exploração em nível econômico. A COTRIJUI já está em condições de oferecer esta assistência técnica ao produtor, devendo os interessados em seu cultivo para a próxima safra entrar em contato com o setor de horticultura no Depto. Técnico em Ijuí, para obter as informações necessárias para a viabilidade da exploração. Na próxima edição abordaremos a situação e perspectivas da cultura no Estado e aspectos diversos sobre variedades e armazenagem, rotação de cultura e consorciação.

O PRODUTOR DEVE ASSISTIR BENEFICIAMENTO DA SEMENTE

É muito importante para o esquema de produção de semente da COTRIJUI que o associado, quando chamado, compareça aos armazéns e acompanhe o beneficiamento de sua semente e observe a qualidade do produto que o mesmo está entregando, tirando suas próprias conclusões, para que nas reuniões possam conjuntamente discutir os problemas e aprimorar ainda mais o programa de produção de sementes. No ano passado, só na unidade de Ijuí, foram compu-

tadas 236 visitas de produtores, esperando-se para este ano que maior número de associados compareçam aos armazéns.

No ano passado, foram estes os associados que maior número de vezes compareceram aos armazéns de semente para acompanhar o beneficiamento de seus lotes: Luiz Karlinski, Lirr Copetti, Vitorino Tiecker e Pedro Froner, e este ano, até o momento, Erbino Fengler, Olinto Tiecker e Reny Soquetta.



Acompanhando a classificação, o produtor de semente avalia a qualidade do que é seu.

HIPERGRAN

PERGUNTA Por que pagar mais na hora da adubação para ter a mesma produção?

A resposta está com os campeões da Produtividade, que são também os Campeões da Economia. Não é preciso fazer grandes contas. Veja os preços e compare. Cada quilo de Hipergran aplicado na sua lavoura representa menos cruzeiros que saem de seu bolso. Está provado, Hipergran tem sempre uma formulação mais econômica do que os adubos convencionais e atende rigorosamente as necessidades das culturas. Hipergran é garantia. É segurança. É certeza de superprodução com menor custo de adubação.

Quem sempre usou a fórmula convencional 3-27-09 e passou a usar HIPERGRAN N° 32709, sabe que está aplicando a garantia 3-15-09. * Por isso o Sr. Ricardo Otto Beutinger — Ijuí (RS), aplicou 220 kg/ha de HIPERGRAN 3-15-09 (Calagem: 3 t/ha) em sua lavoura de soja com 220 ha, variedade Paraná e obteve a produção comprovada de 2.700 kg/ha (45 sacos/ha).

*Reg. Min. Agric. RS-1405 - Garantias N 3%, P₂O₅ sol. ac. cético 2% - 1.100 - 15%, K₂O sol. água 9%, P₂O₅ sol. água 6%

companhia riograndense de adubos
Porto Alegre - Rio Grande - Passo Fundo - Florianópolis
Curiúba - Paranaguá - São Paulo - Macéio

O presidente da Cotrijui em Pelotas:

É GRANDE A RESPONSABILIDADE DO TÉCNICO NUM PAÍS AGRÍCOLA

Realizou-se em Pelotas de 1º a 5 do corrente, a Quinta Reunião Conjunta da Pesquisa de Soja da Região Sul, numa iniciativa conjunta e também sob a coordenação do Convênio EM-BRAPA/UFPEL — Universidade Federal de Pelotas. Durante aqueles cinco dias, técnicos, e professores se revezaram na apresentação de trabalhos técnicos, que muito vieram contribuir no sentido de ampliar os horizontes para se alcançar com brevidade e segurança uma lavoura de soja mais produtiva, e cujos custos nos permitam maiores vantagens na disputa dos mercados. Pelo seu conteúdo, e por ter se constituído na palestra de abertura do conclave, apresentamos um resumo do pronunciamento feito pelo eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI, que versou sobre "As Perspectivas Econômicas da Cultura da Soja no Brasil".

SOJA: PREOCUPAÇÃO DE DIMENSÃO NACIONAL

Dizendo ser difícil traçar perspectivas, porque cada qual teria sua forma de opinar, o palestrante disse que grande é a responsabilidade de todos — referindo-se aos técnicos participantes da reunião — na medida em que comentam ou anunciam procedimentos em relação a soja. Reportou-se ao fato de que, de uns anos para cá, é crescente a preocupação em torno do crescimento da cultura da soja, e que para isso tem contribuído uma razão de ordem econômica. Os produtores de soja encontraram nessa cultura a resposta aos seus investimentos. Exemplificando ser a soja atualmente cultura de âmbito e preocupação nacionais, disse o Dr. Ruben que aos já expressivos índices de produção e produtividade alcançados na região sul, há que se somar os promissores experimentos realizados na Amazônia, Nordeste, Centro do País, Sul do Mato Grosso,

todos buscando na soja um caminho, em busca de melhores dias, de melhores rendimentos.

Ao se referir sobre as variações bastante significativas que cercam a soja, uma cultura de importância para o mundo, disse o conferencista que só nesta safra de soja tivemos uma diferença de preços superiores a 100 dólares em tonelada. Equivale dizer que só este ano deixamos de carrear em divisas para o nosso país, por não comercializar a soja brasileira no momento em que o mercado ofereceu os melhores preços, aproximadamente 500 milhões de dólares. Para um país em desenvolvimento e que necessita de divisas para atender as suas necessidades de consumo de energia e em algumas áreas de alimentos, esse meio milhão de dólares seria suficiente para cobrir as importações de trigo necessárias ao suprimento da demanda interna.

DIMINUIÇÃO DOS ESTOQUES MUNDIAIS DESAFIO A SOJA BRASILEIRA

Reforçando através de gráficos que foram distribuídos entre os participantes da reunião, as suas assertivas, o engenheiro agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva pautou todo o seu pronunciamento numa só linha: vencer os obstáculos que ainda existem e conduzir a lavoura de soja a condição que favoreça os produtores, economicamente, e mantendo sempre dinâmicos os organismos responsáveis pela comercialização, fazendo aumentar o lastro qualitativo e quantitativo da nossa soja no exterior.

No gráfico a seguir, que mostra a localização dos estoques de soja nos países que são os maiores produtores, se sente a vanguarda que o Brasil vem assumindo, justo quando as reservas do maior produtor mundial, os Estados Unidos, diminuem.

SOJA EM GRÃOS LOCALIZAÇÃO MUNDIAL DE ESTOQUES (1) EM 1.000 t.

ANOS	USA	BRASIL	OUTROS	TOTAL
1974	4.670	3.087	798	8.555
1975	5.036	3.774	745	9.555
1976	6.858	3.194	983	11.035
1977	1.700	3.550	1.050	6.150

Fontes: Oil World e CFP/DPE

(1) Em 1º de setembro de cada ano

Na confrontação que fez dos índices de produção que vem se registrando nos Estados Unidos, China e Brasil, os três maiores produtores de soja, Ruben I. da Silva mostrou que as perspectivas de crescimento — tanto horizontal quanto vertical — acenam somente em nosso país

Provando sempre o contínuo crescimento da produção da soja no Brasil, o conferencista resumiu em três fatores — ditos primordiais, as considerações feitas na abertura da Quinta Reunião Conjunta da Pesquisa de Soja da Região Sul: produtividade, transportes e comercialização. Para se continuar a luta pelo aumento da produtividade, acentuou, se faz necessária a sequência da política de crédito agrícola, com a indispensável cobertura, proporcionando transferir aos agricultores os resultados da pesquisa. Sobre transportes, aduziu ser a variante que mais reduz a competitividade de nossa soja, que a nível de lavoura custa menos que a americana, inclusive. Se somados esforços, governo, iniciativa privada e produtores, poderiam criar a necessária estrutura de transportes que diminuirão os custos das nossas safras. Chegou a lembrar o melhor aproveitamento das hidrovias. Concluiu dizendo que somados esses fatores a comercialização, não há porque temer o crescimento da produção de soja no Brasil, hoje o 2º maior produtor mundial, amanhã quem sabe o primeiro.

25 de Julho em Ijuí:

FOI A FESTA DO COLONO E MOTORISTA

O dia do Colono, e também do Motorista, foi comemorado no último 25 de julho em diversas localidades da área de ação da Cotrijui.

A Vila Floresta e o Alto da União foram as duas localidades onde um maior número de agricultores e motoristas comemoraram a data alusiva às suas classes.

A festividade na Vila Floresta, promovida pela Sociedade Esportiva e Recreativa Farroupilha, teve início às 9h e contou com a presença do prefeito de Ijuí, Wilson Mânica; do diretor de operações da Co-

trijui, Euclides Casagrande e do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Carlos Karlinski.

O diretor Euclides Casagrande fez uma rápida evolução do trabalho desenvolvido pelos primeiros colonos, afirmando que "é um dever de todos reconhecer o trabalho dos colonizadores". Ele também fez uma mensagem de otimismo para os agricultores sobre a atual safra de soja.

Em seguida teve início o desfile de tratores e máquinas automotrizes. Ao meio dia houve um churrasco e a festa se estendeu até à noite.



A maior atração: o desfile de máquinas agrícolas.

Todas as teses e moções que serão discutidas no Congresso de Fortaleza

Inicialmente, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) anunciou que selecionaria 11 teses para serem debatidas no VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo, a realizar-se em setembro em Fortaleza, Ceará. No final do mês passado, depois de um criterioso trabalho de seleção, a OCB resolveu ampliar para 32 teses, moções e resoluções o número de trabalhos que serão discutidos e votados. Eram mais de 100 trabalhos, um grande número de excelente qualidade, o que pesou para alterar o critério de seleção.

"Há teses de grande significação, como assuntos de projeção nacional. E outras que cuidam apenas de casos setoriais, mas igualmente importantes", comentou o diretor executivo da OCB, José Campos Melo, também autor de trabalhos que serão debatidos em Fortaleza. As teses, como ele explicou ao repórter Luiz Recena, em Brasília, constituem um prolongamento do trabalho já iniciado em congressos ou seminários estaduais, realizados no primeiro semestre deste ano. Assim, as propostas a serem discutidas no Ceará já foram previamente analisadas — e aprovadas ou recomendadas — em reuniões no Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais e outros estados da Federação.

"Pensamos — contou Campos Melo — em limitar em onze o número de teses, mas depois revimos nossa posição, em virtude do elevado número de subsistemas em que se divide o cooperativismo nacional. O limite cercearia muito os estados, em função de seus variados interesses".

Em Brasília seis comissões — de Legislação e Tributação, de Assuntos Gerais, de Crédito, de Organização, Administração e

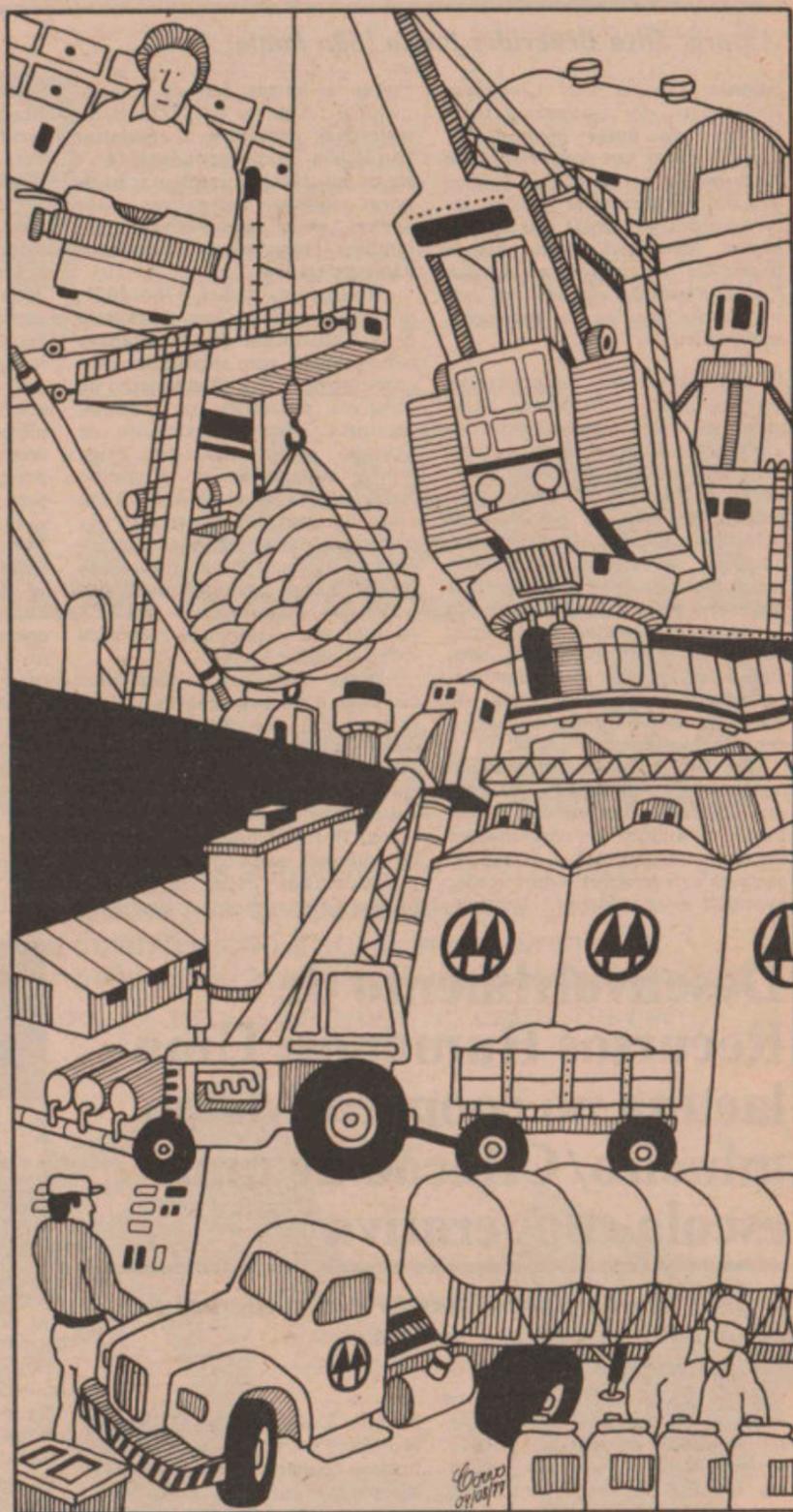
Integração, de Doutrina e Educação e de Eletrificação Rural — analisaram, selecionaram e dividiram pelos respectivos assuntos o material que estamos publicando neste Caderno e que serão as teses, moções e recomendações que os congressistas deverão debater em Fortaleza.

Momento atual

Entre os trabalhos existem temas que já vêm sendo debatidos há bastante tempo e com freqüência pelos dirigentes do Cooperativismo. E também novas propostas para aperfeiçoar o sistema, algumas refletindo as inquietações do momento atual, como as da comissão de Eletrificação Rural, que compõe — ao lado da comissão de Legislação e Tributação — uma parte volumosa do material selecionado em Brasília.

Por exemplo: a captação de recursos oriundos de incentivos fiscais pelas cooperativas brasileiras deverá ser um dos temas principais do congresso de Fortaleza. Campos Melo, o autor da tese, preocupa-se "não apenas em beneficiar as cooperativas, como também melhorar a arrecadação dos estados e da própria União. As cooperativas, hoje, não têm qualquer incentivo fiscal, enquanto qualquer sociedade mercantil pode usufruir desses favores".

O que ele considera também uma forma de "utilizar recursos para desenvolver entidades eminentemente nacionais como as cooperativas", a tese de Campos Melo propõe que — por exemplo — aqueles recursos que as pessoas podem atualmente aplicar no Fundo 157, deduzindo do Imposto de Renda, possam ser aplicados dentro do sistema cooperativo.



Informações para os interessados

O VIII Congresso de Cooperativismo será realizado de 14 a 17 de setembro em Fortaleza. A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), está coordenando as reservas de viagem e estadia para os participantes. Cinco dias de estada (de 14 a 18), em hotel de categoria superior (quartos duplos com café), mais passagens de avião de ida e volta e traslados de ônibus custa, aos que partirem de Porto Alegre, Cr\$ 9.769,00. Os preços para outras capitais são os seguintes: Florianópolis, 9.560,00; Curitiba, 8.705,00; São Paulo, 7.953,00; Rio de Janeiro, 7.152,00; Vitória, 6.552,00; Belo Horizonte, 6.899,00; Manaus, 6.930,00; Brasília, 5.405,00; Salvador, 4.597,00; Goiânia, 6.466,00; João Pessoa, 3.688,00; Maceió, 3.678,00; Recife, 3.132,00; São Luiz, 3.132,00; Belém, 4.260,00; Natal, 2.728,00.

Cada diária extra terá um acréscimo de Cr\$ 290,00 e as reservas devem ser feitas com um pagamento de 20% do total das despesas. Maiores informações podem ser obtidas na Secretaria Geral do Congresso, na Avenida Ipiranga, 1.248, 2º andar, conjunto 206/211, São Paulo (011) 228.6182 ou 228-8704.

DOCTRINA E EDUCAÇÃO

Conciliação entre os postulados da doutrina cooperativa e a concentração de cooperativas

Autora: Diva Benevides Pinho (São Paulo)

Súmula: Que o VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo declare não haver incompatibilidade entre os objetivos da doutrina cooperativista e a aceleração concentratória (fusões, incorporações e outras) das cooperativas brasileiras, desde que a finalidade agregativa tenha por fim a prestação de serviços aos cooperados, dentro dos princípios cooperativistas.

Justificativa: As cooperativas acompanham a tendência agregativa geral das empresas privadas e públicas, de todas as dimensões. Seus objetivos também são idênticos: operar em maior escala, reduzir o custo de mão-de-obra pela mecanização da produção, adquirir indústrias complementares, estabilizar as atividades da empresa pela diversificação de produtos, conquistar novos mercados ou novas faixas de consumidores, reduzir os custos administrativos, de propaganda, de colocação de produtos nos centros consumidores, etc.

No Brasil, a concentração de cooperativas permaneceu, durante muito tempo, quase exclusivamente no âmbito das combinações intercooperativas, sob a forma de centrais e federações. Mais tarde, estendeu-se às fusões, incorpo-

rações e outras formas concentratórias. A partir de 1971, as cooperativas passaram a encontrar condições sócio-econômicas e legais favoráveis à implantação de novas formas agregativas, não apenas entre cooperativas, mas também entre estas e empresas não-cooperativas.

Realmente, a Lei 5764/1971, no artigo 88 e seu parágrafo único, possibilita às cooperativas comporem-se com sociedades não-cooperativas, para atendimento de objetivos acessórios ou complementares. Trata-se, entretanto, de situação excepcional, que exige prévia autorização do Conselho Nacional de Cooperativismo. Além disso, as inversões decorrentes das participações autorizadas devem ser contabilizadas em títulos específicos e os eventuais resultados positivos levados aos FATES (Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social).

Dessa maneira, o legislador cunhou a participação de cooperativas em sociedades não-cooperativas à necessidade de complementação de atividades. Assim, cooperativas de produtores de matérias-primas (leite, cana, café, pesca, fibras) tendem a participar de empresas não-cooperativas que transformam essas matérias-primas em produtos acabados

(leite em pó, açúcar, café solúvel, produtos do mar industrializados, tecidos, papel, etc.); cooperativas rurais e fábricas de fertilizantes ou de máquinas agrícolas, etc.

Várias discussões têm sido travadas a respeito dos possíveis "desvios" que tais práticas acarretariam às finalidades sócio-econômicas das cooperativas, como instrumento da doutrina cooperativa. Os defensores desta forma de concentração apóiam-se em argumentos baseados em seu caráter acessório ou complementar, imposto pelos fatos, ressaltando que as cooperativas preenchem a finalidade cooperativista de prestação de serviços, sem contrariar o embasamento doutrinário do cooperativismo.

Como medida acatadora, aliás, o Conselho Nacional de Cooperativismo através da Resolução nº 4, de 16/1/1973, estabelece os casos em que a participação será negada, e que são os seguintes:

- a) quando a sociedade não-cooperativa for de responsabilidade ilimitada, qualquer que seja seu tipo, natureza ou forma jurídica (...);
- b) quando a inversão, decorrente da participação, for superior a 50% do capital realizado da cooperativa, mais reservas (...);

c) quando a participação implicar na transferência de todas as funções específicas da cooperativa à empresa não-cooperativa (...);

d) quando a participação visar apenas obter dividendos sobre o capital empregado (...);

e) quando a participação em sociedade sem fins lucrativos se fizer apenas por benemerência e não para usufruir dos serviços desta (...);

f) quando existir na localidade cooperativa que possa atender os mesmos objetivos, acessórios e complementares;

g) quando a cooperativa estiver com sua situação irregular, perante o órgão executivo federal.

Recomenda o CNC que a participação de cooperativas em sociedades não-cooperativas seja feita, preferencialmente, pela subscrição de ações ordinárias.

Controle acionário

A abertura da legislação cooperativista atual, ao controle acionário, entretanto, não é ampla como pode parecer à primeira vista. Na realidade, encontra barreiras várias, sobretudo impostas pela Resolução do CNC 4/73, como vimos.

Das barreiras impostas pelo CNC, a resultante da necessidade de que o tipo de responsabilidade seja consentâneo com o da cooperativa, exclui a participação em sociedades de responsabilidade ilimitada. Na prática, repetimos, o campo se restringe às sociedades por quotas, de responsabilidade limitada, e às sociedades por ações. Estas têm preferência devido à facilidade de venda das ações e de assunção da direção da empresa.

Repasse de recursos de incentivos fiscais de S.A. para cooperativas

As cooperativas não recebem incentivos fiscais, por serem

sociedades de quotas-partes não negociáveis. Então, adquirem o repasse de recursos de incentivos fiscais de S.A. (...)

Operações com terceiros

Como já dissemos, há duas principais formas de operações com terceiros, segundo a legislação cooperativista brasileira. Uma refere-se ao fornecimento de bens e serviços a terceiros, desde que atendam aos objetivos sociais das cooperativas e estejam de acordo com a lei (artigo 86 da lei 5764/71); e a outra diz respeito à aquisição de produtos de terceiros, para completar lotes destinados ao cumprimento de contratos e suprimento de capacidade ociosa de instalações industriais das cooperativas (artigo 85).

Em ambos os casos, os resultados das operações devem ser levados às contas do FATES e contabilizados separadamente, para permitir o cálculo da incidência tributária.

Relativamente à doutrina, a tradição histórica do modelo rochdaleano incluía a prática de operações com terceiros, desde 1814, quando da Assembléia Geral para a alteração dos Estatutos Sociais. Os resultados realizados com o fornecimento de mercadorias a não-associados eram destinados à redução dos preços das mercadorias.

Charles Gide e Ernest Poisson eram favoráveis à venda a não-sócios, nas cooperativas de consumo, por entenderem que proporcionava a entrada de novos membros. Outros autores cooperativistas, entretanto, defendem a necessidade de estabelecimento de um *quantum* para não haver desequilíbrio entre o total de sócios e o de não-sócios, fato que prejudicaria a autenticidade do espírito cooperativista.

Desenvolvimento de Recursos Humanos: Uma lacuna no cooperativismo mineiro/Criação de uma escola cooperativa

Autores: Rafael Rubens Ramos (Minas Gerais) e Lauro da Silva Becker e Jussara Fátima Ribeiro (Paraná)

Súmula: Os dois trabalhos podem ser fundidos em um só, porque ambos propõem, cada um para o seu estado, o desenvolvimento dos recursos humanos engajados no sistema cooperativista. Como o Congresso tem âmbito nacional, a proposição pode ser refundida dentro das perspectivas básicas colocadas e que são:

— Organização de um Programa de Treinamento, a nível nacional, nas várias áreas de ensino — graduação e pós-graduação, divulgação, extensão e especialização — com o objetivo de desenvolver melhor qualificação de técnicos, administradores, dirigentes e funcionários de cooperativas, além de seus associados, para dar a todos eles uma visão mais objetiva dos propósitos, finalidades e meios que o cooperativismo tem a seu alcance para realizar suas metas econômico-sociais. Este programa poderia ser executado, nos estados, através das OCEs, mediante convênio com os vários órgãos oficiais que se encarregam desse setor.

Tese mineira

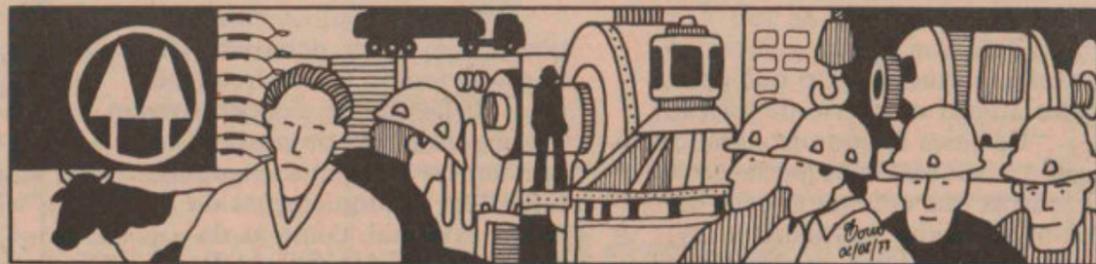
Na justificativa de seu tra-

balho, Rafael Rubens Ramos reconhece a "importância das empresas cooperativas no contexto macroeconômico do nosso País, como instrumento promotor da ascensão econômica e social do homem e como resposta, mesmo, aos constantes desafios de enfrentar os efeitos da controversa dinâmica da política social e econômica que se estabelece no mundo inteiro, em função da crise generalizada que a todos atinge".

Analisa o maior desenvolvimento cooperativista na região leste-sul e a situação das cooperativas no seu Estado que considera "muito aquém a uma situação que se espera do cooperativismo, como um todo".

"Podemos observar, também, que onde o sistema mais se desenvolveu houve empenho colimando a formação profissional, para atender à demanda, como é o caso dos Cursos de Agroindústria no Rio Grande do Sul e de Especialização no Paraná, todos a nível de pós-graduação e participação governamental no seu custeio.

Isto posto, recomendamos à OCEMG gestões junto a quem de



direito, no sentido de que seja organizado e instalado, aqui em Belo Horizonte, curso de especialização a nível de pós-graduação e de duração mínima de dois semestres em regime de tempo parcial, ou de um semestre em regime de tempo integral, com o objetivo de formação da gerência profissional para operar nas Empresas Cooperativas, instrumento tão preconizado por todos os órgãos normativos e coordenadores do setor cooperativista."

Tese paranaense

A maioria das obras psicopedagógicas está condenando a escola atual por ser ela uma instituição que não corresponde às exigências de uma sociedade em constantes transformações. Inúmeros autores tais como: 1) Pierre Furter, em sua obra Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural, preconiza uma educação aberta, livre e inserida em todos os ângulos da atuação humana; 2) Ivan Illich, em Sociedade sem Escola, objetiva um tipo de educação ativa, isto é, ao lado dos problemas humanos; 3) Alvin Toffler, em o Choque do Futuro, apresenta um modelo escolar consoante ao desenvolvimento da tecnologia; 4) Celestrin Freinet, em Para uma Escola do Povo, preconiza uma escola popular, ativa, com pomares, hortas, jardim, oficinas, etc.

Por outro lado, o cooperativismo é um sistema muito mais aberto, muito mais contextual que um simples casarão que

recebe e que entrega produtos dos seus associados. É uma instituição que existe ao lado do povo e em favor do povo. Nascida praticamente ontem, ela depende da educação não só dos seus associados, como de toda a massa popular da qual recebe educação e para a qual deverá ser um agente propulsor de desmedidas transformações.

Escola e cooperativa não podem constituir instituições totalmente isoladas, elas se integram diretamente, tanto nos meios quanto nos fins, razões pelas quais propomos ao VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo seja criada em Curitiba uma Escola Cooperativa, de 1º e 2º graus com os seguintes objetivos:

- 1) formar pequenos líderes cooperativistas para atuarem interna e externamente (dentro e fora da escola);
- 2) treinar professores das várias cidades brasileiras para a implantação e a propagação do cooperativismo em suas regiões (multiplicadores);
- 3) associar líderes educacionais e cooperativas, com a finalidade de organizar um trabalho integrado;
- 4) promover uma escola nova (ativa) para uma sociedade nova;
- 5) organizar cursos para treinamento de associados (líderes comunitários para atuarem na escola e na cooperativa);
- 6) aproveitar todos os recursos regionais para inserção no processo educativo-cooperativo.

Como implantar e como desenvolver

A sugestão para que a escola seja criada, inicialmente em Curitiba para depois estender-se a outros centros, deve-se ao fato de que há no Paraná professores que, em experiências demonstradas ao lado de 128 cooperativas escolares, participantes de vários cursos de treinamento em cooperativismo escolar, não só compreendem a sistemática aqui proposta, como desenvolvem um trabalho, até certo ponto razoável, segundo as normas sugeridas. Estudiosos da educação, professores secundários e universitários vêm, há anos, estudando a problemática. Citamos, por exemplo, os estudos realizados em torno das obras de: Profit, Frenet, Dewey e outros, que promovem nada mais que uma escola ativa, ou seja cooperativista.

Nesta escola, se aproveitarão todos os recursos naturais tais como: jardim, horta, pomares, colmeia e outros, bem como os recursos especializados em oficina: tecelagem, mecânica, carpintaria, artes domésticas, industriais, etc.

A escola iniciará com recursos mínimos e daí partirá para a organização de uma escola-empresa, que auxiliada pela mão-de-obra comunitária poderá criar:

- a) uma cooperativa escolar com supermercado, feiras de expo-

sição e demonstração dos trabalhos realizados pelos alunos.
b) um serviço técnico especializado em trabalhos de oficina, carpintaria, desenho técnico, datilografia, encanamento, eletricidade, etc.
c) uma bateria de artes com trabalhos de pintura, música, escultura, dança, teatro, etc.

Por que implantar e desenvolver?
Uma centena de razões justificaria o funcionamento desta escola, tais como:

- 1) integração escola, família e cooperativa.
- 2) aproveitamento dos recursos comunitários, técnicos, humanos e científicos.
- 3) prestação de serviços de ensino e aprendizagem de trabalhos especializados.
- 4) funcionalidade do encontro do indivíduo consigo mesmo, com os meios e com a sociedade;
- 5) polivalência — preparação especializada nos diversos ramos da profissão;
- 6) valor pedagógico, científico, humano e social.

Que dimensões de interesses esta escola poderia despertar?

A maior problemática do cooperativismo brasileiro está centrada na falta de conscientização, na desintegração e na deseducação dos seus associados. A quem poderia se atribuir esta culpabilidade? Ao analfabetismo, à falta de engajamento sócio-educacional ou ao desrespeito dos líderes cooperativistas aos que (dela) participam?

A maior falha do sistema cooperativo reside na desintegração de uma empresa que não tem articulados todos os mecanismos de funcionamento de forma inter-relacionada e intercomplementar. O que estamos constatando são peças soltas, paralelas e imprevisíveis. Estamos nos preocupando com o aspecto já e nos esquecemos do aspecto depois, razão pela qual a educação e a participação de todos os componentes está relegada a um segundo plano.

Este clima gera a incerteza, a desconfiança e o desencanto. Com esta escola em funcionamento, teríamos condições de expandir atividades em muitas áreas regionais, e de multiplicar, por meio de cursos de treinamento, pessoal ativo e especializado para a atuação em todos os ângulos cooperativistas. Daí cada cooperativa, por meio de seu comitê educativo, poderia desenvolver trabalhos integrados entre a escola, a cooperativa, os pais e o pessoal técnico. Uma rede enorme de meios de comunicação poderia ser organizada para o auxílio e a preparação de materiais de apoio aos seus componentes.

Com o passar do tempo, esta escola poderia entregar à comunidade técnicos preparados para a atuação junto às cooperativas. Por outro lado, a escola se beneficiaria, uma vez que anteciparia a resolução de um problema comum em todas as regiões: o preparo do homem, não só individualmente, mas social e cooperativamente.

É sabido que, apesar das boas intenções, tanto escola como cooperativa têm se constituído em instituições clausuras, e por meio desta sistemática poderiam se transformar em instituições-abertura, que por consequência combateriam a formação de indivíduos egoístas, que desejam só para si todo o lucro de seu produto, sem se preocupar se este será útil ou não às necessidades atuais do consumidor dando lugar ao humanismo, ao capital humano (homem educado) e cooperativismo (homem social).

CRÉDITO

Disciplinamento na aplicação dos recursos do Pronazem através das cooperativas

Autores: João Paulo Koslovski, Celso Fink e Jaime Boins (Paraná)

Súmula: 1 — que a Cibrazem, com o Banco Central, regulamente as aplicações de recursos dentro de uma mesma área; 2 — que os agentes financeiros que participam do Pronazem realizem uma programação integrada para a aplicação de recursos do programa; 3 — que sejam ouvidos os órgãos ligados ao setor nas solicitações de novos investimentos. Que nos municípios onde existem cooperativas sejam elas consultadas, visando garantia às estruturas.



São três trabalhos com fundamentos e objetivos semelhantes englobados nesta tese. Justificando, dizem os autores:

"Com esse disciplinamento de aplicação de recursos do Pronazem, haverá condições de um perfeito controle na construção de estruturas de armazenagem, evitando-se aplicações que se destinem a construir novas estruturas com capacidade ociosa. Os agentes financeiros teriam condições mais adequadas e tranquilas nas aplicações, pois saberiam antes de mais nada que existe perfeita harmonia entre os diversos órgãos responsáveis pelo Programa e Agentes Financeiros. Com essa integração, os recursos financeiros, que já são escassos, serão melhor aplicados".

"Essa medida visa obter: a) normatização e utilização adequada da linha de crédito cedida pelo Pronazem aos produtores; b) maior garantia no alcance dos objetivos do Pronazem, evitando duplicidade na aplicação de recursos destinados ao armazenamento com conseqüente ociosidade de armazéns; c) melhor distribuição dos armazéns na área de ação das cooperativas, fazendo com que a armazenagem a nível de fazenda sirva de apoio ao complexo de armazenagem das cooperativas".

Dizem os autores da tese que a medida daria condições, "principalmente às pequenas cooperativas e àquelas recém fundadas, de se estruturarem convenientemente em termos de armazenagem", evitando a "imobilização do capital de giro das cooperativas, que freqüentemente gera problemas financeiros". A tese propõe que:

— Encaminhe ao Ministério da Agricultura parecer sugerindo análise mais criteriosa na distribuição das verbas provenientes do Pronazem, especialmente as que atendam a armazenagem a nível de fazenda em áreas já atendidas pelas cooperativas;

— Para os financiamentos do Pronazem a nível de fazenda, se inclua uma cláusula no contrato de financiamento de que no momento em que o produtor utilizar o armazém para outros fins — aluguel, comércio, intermediário, etc. — os juros cobrados automaticamente serão elevados às taxas comerciais normais;

— Quando constatadas dificuldades financeiras em cooperativas, para participarem com 10% no valor dos investimentos em armazenagem, seja permitido o financiamento de tal montante, com recursos próprios do Banco financiador.

Proposta de alteração no limite das taxas de juros cobrados pelas cooperativas de crédito

Autor: Milton Mesquita (São Paulo)

Súmula: A Comissão de Crédito pretende que seja elevada a 2,5% ao mês a taxa de juros, ora de 2% ao mês, cobrados pelas cooperativas de crédito, ressaltando que, embora o aumento de 0,5% ainda esteja aquém do que cobram as entidades de crédito comerciais, propiciam todavia mais recursos.

Justificativa: Interpretando norma das autoridades superiores, os órgãos de inspeção do Banco Central impedem cobrem as cooperativas de crédito taxas de juros e de despesas operacionais superiores a 2% ao mês. Ocorre que, por força

de reconhecida inovação, essa limitação irrisória e divorciada da realidade, vem criando dificuldades ao desenvolvimento do sadio cooperativismo, a ponto de tornar-se insuficiente ao oferecimento de um bom serviço aos associados. O reajuste da taxa em apenas 0,5% (meio por cento) ainda mantém o custo da operação via cooperativismo muito aquém do preço cobrado nas entidades comerciais, propiciando, todavia, recursos para o incentivo dessa modalidade de crédito sadio, honesta e patriótica.

ASSINE

A & C: MAIS UMA CONQUISTA DO COOPERATIVISMO

Entre 42 trabalhos de jornais e revistas de todo o país, concederam à Agricultura & Cooperativismo o título de "A mais relevante contribuição a agricultura brasileira em 1976", o maior prêmio do jornalismo agrícola brasileiro. A & C: mais uma prova de que estamos no caminho certo

Publicação mensal da Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja Ltda.
Depto. Comercial — Rua Comendador Coruja, 372 fone: 24-0951 e 21-8984
Assinatura por 1 ano
Brasil: Cr\$ 85,00
Exterior: US\$ 35,00
Envie o cupom e o pagamento para FECOTRIGO — Rua Andrade Neves, 106 — 18º andar
Caixa Postal 2679 90.000 — Porto Alegre, RS

Nome: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Vale postal nº: _____ ordem de pgto nº _____

Banco: _____

ELETRIFICAÇÃO RURAL

Uso racional da energia elétrica na região rural

Autor: Agostinho da Silva (Santa Catarina)

Súmula: Para se conseguir o uso racional de energia elétrica no meio rural, é necessário proceder o aprimoramento do cooperativismo de eletrificação. Com base em pesquisa realizada, recomenda-se a correção do fator de potência nos sistemas de distribuição das cooperativas, a diversificação da demanda e o uso da eletricidade na produção e con-

forço das populações rurícolas, objetivando alcançar maior grau de racionalização no aproveitamento da eletrificação rural, com vistas a resultados econômicos, sociais e outros. Através de campanhas publicitárias, de formação de técnicos e outros meios de comunicação e treinamento, deverão ser orientadas as cooperativas e os usuários de eletrificação

TABELA Nº 1 — Características dos entrevistados, separando-se os que possuem eletrificação, em números relativos e absolutos.

CARACTERÍSTICAS	ELETRIFICAÇÃO RURAL					
	USUÁRIO		NÃO USUÁRIO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
IDADE						
Menos de 35 anos	17	14	31	27	48	20
36 a 43 anos	19	16	28	24	47	20
44 a 49 anos	24	20	22	19	46	19
50 a 54 anos	20	16	9	8	29	12
55 a 59 anos	17	14	9	8	26	11
60 anos ou mais	25	20	17	14	42	18
ORIGEM ÉTNICA						
Lusos	36	29	41	35	77	32
Italianos	56	46	48	42	104	44
Alemães	30	25	27	23	57	24
ESTADO CIVIL						
Casados	114	93	114	98	228	96
Solteiros	1	1	1	1	2	1
Viúvos	7	6	1	1	8	3
ANOS DE ESCOLARIDADE						
Menos de 1 ano	19	15	15	13	34	14
1 a 2 anos	30	25	21	18	51	22
3 a 4 anos	68	56	73	63	141	59
5 anos	5	4	7	6	12	5
LÍNGUAS FALADAS						
Português	48	39	60	52	108	45
Alemão	1	1	—	—	1	1
Italiano	—	—	1	1	1	1
Português e alemão	26	21	23	20	49	20
Português e italiano	47	39	32	27	79	33
LÍNGUA QUE LÊ E ESCRIVE						
Nenhuma	17	14	22	19	39	16
Português	75	61	85	73	160	67
Alemão	2	2	—	—	2	1
Italiano	1	1	1	1	2	1
Português e alemão	14	11	5	4	19	8
Português e italiano	13	11	3	3	16	7
OCUPAÇÃO						
Agricultura	89	73	94	81	183	77
Agricultura e outra	33	27	22	19	55	23

TABELA Nº 2 — Situação dos entrevistados quanto à posse e conhecimentos de aparelhos eletrodomésticos, em números relativos e absolutos

APARELHOS ELETRODOMÉSTICOS	ELETRIFICAÇÃO RURAL							
	USUÁRIO				NÃO USUÁRIO			
	POSSUI		NÃO CONHECE		POSSUI		NÃO CONHECE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Geladeira	57	47	1	1	—	—	5	4
Enceradeira	8	7	6	5	—	—	9	8
Televisão	48	39	—	—	3	3	2	2
Rádio	24	20	—	—	—	—	—	—
Toca-disco	6	5	2	2	—	—	5	4
Ferro	74	61	—	—	—	—	—	—
Máquina de costura	6	5	5	4	—	—	14	12
Liquidificador	34	28	6	5	—	—	21	18
Batedeira	1	1	35	29	—	—	46	40
Máquina de lavar roupa	3	3	17	14	—	—	40	35
Aspirador de pó	—	—	67	55	—	—	80	69
Ventilador	12	10	5	4	—	—	13	11
Ar condicionado	—	—	73	60	—	—	73	63
Secador de cabelo	—	—	80	66	—	—	81	70
Aquecedor	1	1	86	71	—	—	86	74
Barbeador	2	2	28	23	—	—	30	26

rural nesse sentido. Esse trabalho deverá ser desenvolvido pelo Governo Federal, governos estaduais e entidades particulares.

Argumentos: A eletrificação rural é pouco utilizada pelos agricultores, o trabalho braçal não está sendo substituído pelas máquinas agrícolas e, pela demanda pequena, a energia elétrica fica mais cara. Essas afirmativas fazem parte da tese de Agostinho Silva, da Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural de Santa Catarina. Para mudar esse quadro e fazer com que a energia elétrica realmente cause transformações no meio rural, ele propõe um programa de "uso racional de energia elétrica na região rural" feito principalmente através da divulgação das utilidades e dos usos da energia elétrica. A campanha educativa deve ser feita junto aos usuários e possíveis usuários.

As suas proposições estão apoiadas em uma tese feita pela professora Zuleica Mussi Lenzi, em 1974 e apresentada no curso de pós-graduação de Economia Rural, da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa foi feita em 122 propriedades eletrificadas e em 116 que não possuíam energia elétrica, nos municípios de Criciúma, Treze de Maio e Braço do Norte (veja tabela nº 1). As três cidades são

atendidas por cooperativas de eletrificação rural.

Dessas 122 propriedades eletrificadas, 57 consomem de zero a 30 quilowates por mês. Apenas 41 gastam entre 31 e 75 quilowates e somente 24 estão consumindo acima de 76. Isso dá uma média consumida mensalmente de 67,43 quilowates, com 80% dos informantes consumindo menos de 76.

Segundo a pesquisadora, a maioria dos usuários tem duas preocupações básicas: o custo da energia elétrica e a não utilização de aparelhos elétricos porque encarece muito. E isso é confirmado nos números. 78% dos entrevistados utiliza energia para iluminações e alguns aparelhos eletrodomésticos (veja tabela nº 2). Somente 22% dos restantes associam o seu emprego à produção ou ao possível aumento de produção com uso de aparelhos elétricos.

A média de posse de máquinas elétricas por agricultor é de 0,73. Enquanto isso, sobe para 2,7 a média de aparelhos eletrodomésticos. Também, enquanto a quantidade de lâmpadas utilizadas na iluminação da casa é de oito, nas áreas de serviço, como estúbulos, estufas, chiqueiros, é de três. Outro exemplo é com a bomba elétrica na canalização de água. Somente 25% dos agricultores

possuem essa máquina. Em seu trabalho, Zuleica Lenzi afirma que os agricultores respondiam que "não era difícil à mulher bombear manualmente a água".

Além de mostrar o trabalho feito junto aos agricultores, Agostinho Silva afirma que é preciso aumentar o consumo mensal de energia e reduzir a demanda máxima de potência. Isso seria possível aumentando o número de horas de consumo e diversificando os horários de grande demanda. As cooperativas, por exemplo, que são consideradas macroconsumidoras das concessionárias, deveriam conseguir junto a elas, o horário do pique e procurar diversificar seus horários.

Pela tarifa do mês de abril, da Centrais Elétricas de Santa Catarina, cada quilowate que for reduzido da demanda máxima, para um mesmo consumo de quilowate/hora, a cooperativa economiza Cr\$ 85,00. Para Agostinho da Silva, após "a verificação do pique da demanda, poderá se efetuar um trabalho de conscientização entre os cooperados, a fim de se conseguir que não haja simultaneidade na utilização da energia, estudando-se períodos diferentes para ligação desta ou daquela agroindústria, bomba de irrigação e outro aparelho, que acarrete o aumento da demanda".

Eletrificação rural como fator de fixação do homem ao campo e do desenvolvimento nacional

Autor: Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural do Rio Grande do Sul

Súmula: É a eletrificação rural fator do desenvolvimento e da segurança nacionais, por fixar o homem ao campo, estimular a produção agropecuária, ampliar o mercado interno de produtos industrializados e interiorizar o processo de industrialização. Sua implantação esbarra, todavia, com problemas sérios, tais como dispersão de usuários, baixa remuneração dos investimentos, baixa rentabilidade dos estabelecimentos agropastoris e muitos outros.

O sistema cooperativo oferece solução racional e adequada a tais problemas, pois ao contrário da empresa concessionária, ele não visa lucro de exploração nos serviços de eletricidade, mas apenas a viabilização desses serviços ao homem do campo, a preços razoáveis. Propõe-se, assim, que o Governo Federal institucionalize uma política nacional de eletrificação rural, sob a direção do Ministério da Agricultura e cooperação do Ministério de Minas e Energia.

Feita uma longa análise dos problemas enfrentados pelos que se debatem pela expansão da eletrificação rural, onde mostra como esse benefício pode fixar o homem ao campo e ser fator de interesse da segurança nacional, a tese da Fecoergs passa às conclusões e recomendações:

Aspectos positivos: 1) a eletrificação rural contribui para fixar o homem ao campo e para a segurança e o desenvolvimento do país; 2) as populações campesinas estão dispostas a lutar pela conquista da eletrificação rural por seus próprios meios; 3) o sistema cooperativo de eletrificação rural se mostra eficaz e o mais recomendável a um programa maciço de eletrificação nos campos, tendo encontrado franca receptividade pelas populações rurais. Aspectos negativos: 1) ausência de uma política nacional de eletri-

ficação rural; 2) falta de uma institucionalização oficial mais adequada e eficaz do sistema cooperativo de eletrificação; 3) desarticulação entre os Ministérios da Agricultura e de Minas e Energia no que tange à eletrificação; 4) conflito de interesses entre concessionários de serviços de energia elétrica e as cooperativas de eletrificação rural; 5) insuficiência de recursos financeiros para a implantação de um programa nacional maciço de eletrificação rural;

Ao sistema cooperativo: 1) que as cooperativas procurem se dinamizar e se organizar; 2) que partam para a conquista de sua autonomia econômica, administrativa e técnica, para que possam chegar a sua devida condição de empresa comunitária; 3) que, para chegar àquelas condições, se constituam em moldes regionais, procurando abranger áreas que tenham afinidades de atividades e problemas rurais; 4) que o sistema procure se organizar em âmbito estadual, em Federações, e na-

cional, em Confederações, para coordenação e defesa dos seus interesses; 5) que as cooperativas e federações de eletrificação rural se articulem com as concessionárias de serviços de energia elétrica, integrando esforços e recursos para levar energia elétrica ao campo; As empresas concessionárias: 1) que se articulem com o sistema cooperativo e que esta articulação e integração se faça em moldes a permitir e incentivar a autonomia das cooperativas; 2) que dentro das atribuições que lhes competem, sejam estabelecidas tarifas mais favoráveis aos associados das cooperativas de eletrificação rural. Ao governo da União: 1) que parta, sem tardança, para a definição de uma política nacional de eletrificação rural; 2) que institucionalize, imediatamente, o sistema cooperativo de eletrificação rural; 3) que caiba ao Ministério da Agricultura a coordenação daquela institucionalização, definindo a co-participação do Ministério de Minas e Energia.

Orientação da política de eletrificação rural

Autor: Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural de São Paulo

Súmula: Em que pese todas as disposições a respeito, as cooperativas de eletrificação rural vêm sofrendo discriminação de tratamento em relação às concessionárias, com graves prejuízos ao desenvolvimento da eletrificação rural. Impõe-se, portanto, uma ordenação da política do setor, através dos seguintes procedimentos: 1) impor aos concessionários o cumprimento da legislação pertinente aos serviços de eletricidade, para evitar concorrência desleal e descabida contra as cooperativas;

2) garantir ao consumidor-cooperativa o respeito a seus direitos básicos, normalmente transgredidos pelos concessionários de energia elétrica; 3) concretizar a tutela moderadora do Ministério da Agricultura sobre o programa de eletrificação rural, como a lei o prescreve, para que as cooperativas não sejam desamparadas nos procedimentos regulamentários e administrativos baixados a respeito; 4) instituir um programa permanente de eletrificação rural através de cooperativas.

Moções

Estímulo creditício às cooperativas de eletrificação

Autor: Cooperativa de Eletrificação Rural de Teutônia (RS)

Súmula: Considerando os dispositivos legais que definem o apoio governamental devido às cooperativas de eletrificação rural e o papel desempenhado por essas sociedades na promoção do desenvolvimento econômico-social do país, propõe-se: 1) (seja definido no BNCC um programa de financiamento às cooperativas de eletrificação rural, dentro da caracte-

terísticas adequadas à sua atividade; 2) sejam alocados recursos do Fundo Federal de Eletrificação Rural a esse programa do BNCC; 3) seja objetivamente respeitada a prioridade estabelecida pelo artigo 90, parágrafo 3º, da lei 4.504/64, nos programas de financiamento à eletrificação rural promovidos por quaisquer entidades oficiais.

Assistência e orientação às cooperativas de eletrificação rural

Autor: Máximo Fiorese (Paraná)

Súmula: Considerando as dificuldades encontradas pelas cooperativas de eletrificação rural na realização de seus objetivos, propõe que os órgãos vinculados ao cooperativismo orientem e as-

sessorem mais efetivamente essas cooperativas e que o Ministério de Minas e Energia seja sensibilizado para o trabalho que as mesmas desempenham.

ORGANIZAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E INTEGRAÇÃO

Programas habitacionais cooperativos

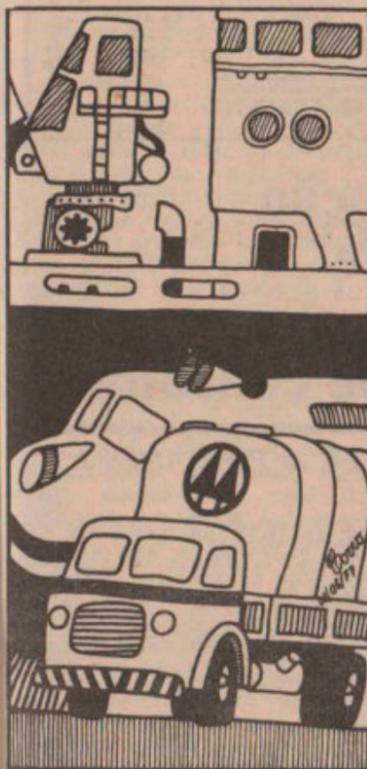
Autor: Vergílio Perius (Rio Grande do Sul)

Súmula: que o BNH regule programas habitacionais em forma de "Leasing Imobiliário" a ser desenvolvido pela integração do Programa Habitacional Empresa com o Programa Habitacional Cooperativo, de forma que as unidades a serem construídas se destinem à ocupação exclusiva de trabalhadores, mediante contratos de uso por prazo indeterminado e às taxas mensais fixadas pelos custos de produção das respectivas unidades.

Detalhes: As unidades a serem construídas se destinam à ocupação exclusiva dos trabalhadores,

mediante contratos de uso por prazo indeterminado e às taxas mensais fixadas nos custos de produção das respectivas unidades, que compreende sua urbanização. O "aluguel" compreenderá o preço de venda, bem como juros de capital empregado, riscos e demais encargos, decorrentes do contrato.

Os contratos de uso preverão cláusula de opção de compra e uma vez decorridos cinco anos de uso do mesmo imóvel, as taxas até então pagas se converterão em poupança inicial a ser deduzida do valor de venda apurado e avaliado nesta ocasião.



Recomendação

Maior incentivo às cooperativas de transporte

Autor: Juan Rodrigues (São Paulo)

Súmula: Que os órgãos oficiais de cooperativas prestem maior assistência às incipientes cooperativas de transporte de cargas e o BNCC lhes abra linha especial de crédito para renovação de suas frotas de veículos.

As justificativas para essa recomendação foram:

- 1 — ser o sistema nesta área ainda embrão;
- 2 — como tal, carecem as cooperativas já em funcionamento de melhor assistência técnica;
- 3 — que essa falta de assistência técnica reflete numa melhor estrutura;
- 4 — que tudo isso leva as cooperativas de transporte a uma concorrência desigual às transportadoras comuns.

Desmembramento do cooperativismo de trabalho do Incra

Autor: Ambrósio Jorge (Unimed de Londrina, Paraná)

Súmula: Que seja procedida uma profunda avaliação da modalidade — cooperativa de trabalho — como já vem sendo feito junto às cooperativas agrícolas e às de eletrificação rural, criando-se um organismo específico, desmembrado do Incra, mais compatível a esta modalidade, de forma a nelas se interessarem outras categorias profissionais, além das poucas que hoje as integram.

Justificativa: A tese foi feita considerando-se a necessidade de uma melhor participação na renda

gerada pelas diversas categorias profissionais, a necessidade de se desenvolver uma maior responsabilidade empresarial junto à mão-de-obra e a necessidade de se desenvolver a representatividade não só político-sindical, mas também econômico-profissional.

A união da mão-de-obra, em qualquer categoria, se faz através das cooperativas de prestação de serviços que, em nome de cada trabalhador, abrirá novos mercados, valorizará o serviço, defenderá empresarialmente seus as-

sociados antes de garantir-lhes uma defesa judicial, reduzirá o custo das coisas de uso comum. Também compensará a condição de fraqueza de cada um através da condição de força da união de todos, fará com que os recursos quase sempre em poder das pessoas jurídicas sejam melhor distribuídos para as pessoas físicas, elevando o poder aquisitivo de cada um e, conseqüentemente revigorando o mercado interno.

Uma comunidade cooperativa rural integrada

Autor: Hélcio Totino (Minas Gerais)

Súmula: Advoga-se a criação de comunidades rurais centralizadas em vilas, dotadas de equipamentos sociais compatíveis (residências, escolas, estabelecimentos de saúde, de recreação, etc.), visando a fixação e valorização do homem do campo e, por esse meio, equacionar a demanda e o uso da mão-de-obra rural, melhorando a produtividade do trabalho e os seus níveis de rendimento econômico e, ao mesmo tempo, atender à estabilidade dos empreendimentos agroindustriais. Os investimentos exigidos por essa Comunidade Cooperativa Rural Integrada (COMRURAL) seriam atendidos por uma Cooperativa de Capital formada pelos proprietários rurais da região, que a alojará à Cooperativa de Trabalho formada pelos trabalhadores rurais.

Orientação: Enfrentamos a natural escassez de recursos financeiros tanto na área industrial como na agrícola, esta também na área dos "fornecedores de cana" (matéria-prima). Também se constitui problema a limitação e a instabilidade da mão-de-obra rural acompanhada de um despreparo quando disponível, além de toda uma deficiência crônica na infraestrutura sócio-cultural necessária

para potencializar essa força de trabalho dentro dos objetivos das metas produtivas.

A estabilidade dessa força de trabalho é o fator mais significativo, por isso a importância da criação de uma base-física, que será chamada de Comunidade Cooperativa Rural Integrada. Essa comunidade integrada se constituirá em uma vila operária dirigida, racionalmente administrada, motivada e treinada para a produção e produtividade. E será, também, intensamente assistida social e economicamente, vencendo o desnível que atualmente existe entre o trabalho rural e o trabalho industrial-cidadino.

A implantação da Vila deverá começar com a aquisição de terras em localização geográfica ideal para uma área de ação perfeitamente identificada. No local deverá também ser implantada uma unidade piloto de produção de casas pré-fabricadas. Paralelamente, o desenvolvimento dos serviços de infra-estrutura. Logo depois deverá começar a construção dos módulos iniciais: centro de saúde, centro de abastecimento, lazer e outros, e a criação da administração comunitária cooperativa e dos serviços de cadastramento e coordenação da força de trabalho.

O desenvolvimento do programa de racionalização da mão-de-obra deverá ser feito pela implementação da formação e treinamento de equipes de tarefas já a partir do meio rural adjacente e posteriormente dentro dos operários comunitários. Conforme a necessidade o programa deve ser ampliado.

Cada produtor rural tem sua própria necessidade de investimentos em edificações para moradia dos operários rurais. Mas com o COMRURAL isso será eliminado. É proposto que cada plantador de cana se cotize para a capitalização de uma cooperativa de investimento na própria COMRURAL e o faça na proporção à vantagem que lhe será oferecida com o deslocamento para a Vila. Então, será formada uma cooperativa dos agricultores, de capital, que assumirá o encargo dos empreendimentos e investimentos demandados pela Comunidade.

Essa cooperativa de capital alojará à Cooperativa de Trabalho, a própria comunidade rural. É fácil de entender-se que, aprimorando a mão-de-obra, a produtividade dos operários crescerá em proveito de ambos: operário e patrão (locatário), através da ação da cooperativa de trabalho.

ASSUNTOS GERAIS

Situação das teses aprovadas em congressos anteriores

Autor: Hamilton Luiz Machado (Paraná)

Súmula: a) maior empenho da OCB para ao efetivo cumprimento das teses já aprovadas em congressos anteriores e consideradas necessárias ao sistema; b) informação a respeito da respectiva situação, para conhecimento público.

Diz a proposição que é desestimulante a repetição de teses já aprovadas em congressos anteriores, na tentativa de sanar ou agilizar o desenvolvimento do sistema cooperativo, sem que a situação tenha mudado. Então, pede que se criem condições para que se tome conhecimento prévio do que já foi aprovado e que a OCB se empenhe para que as teses aprovadas sejam executadas, para que os congressos se tornem "realmente um

encontro de reivindicações do sistema cooperativo nacional". O autor manifesta preocupação diante do desconhecimento pelos congressistas de matérias que já tenham sido analisadas e até aprovadas em encontros anteriores e que possam vir a ser incluídas novamente em pauta.



Fornecimento de óleo diesel a prazo para cooperativas

Autor: Felipe Mercúrio (Cooperativa Agrícola de Ribeirão Preto, São Paulo)

Súmula: Solicita ao Conselho Nacional do Petróleo que seja concedido às cooperativas que possuam postos de distribuição de óleo diesel para seus associados o direito de fornecê-lo em conta mensal.

Considerandos: a) que as cooperativas mistas têm como objetivo principal fornecer a seus cooperados produtos tais como óleo diesel, lubrificantes e outros em contas mensais; b) que essas contas recebem e pagam entre si nos encontros de fornecimentos e recebimentos; c) que as cooperativas, pela sua filosofia de trabalho se identificam aos altos princípios de compra e venda em comum, vêm-se nesta contingência de proibição de fornecimento de óleo diesel a seus cooperados, obstados pelo decreto nº 79.148 de 18-01-77, de cumprir sua finalidade, para a qual foi fundada, para cumprir os objetivos que congregam o Cooperativismo Nacional".

Autuações de cooperativas pelos Creas

Autores: David Thiessem (Paraná) e Napoleão Parreiras (Minas Gerais)

Súmula: Dois trabalhos foram reunidos num só porque, basicamente, eles tratam do mesmo assunto: autuações constantes das cooperativas pelos Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, que querem obrigá-las a se inscrever nesses órgãos, sob a alegação de que estão infringindo o art. 6º da Lei 5.194, de 24-12-1966 (pessoa física ou jurídica que realiza atos ou presta serviços públicos ou privados, reservados àqueles profissionais).

Razões

Na análise do assunto, sustenta o assessor jurídico da Organização das Cooperativas de Minas Gerais, Napoleão Bonaparte Parreiras:

"... Além de requerer seu registro, a Cooperativa, para regularizar sua situação, deveria contratar um engenheiro-agrônomo para se responsabilizar tecnicamente pelas atividades por ela exercidas e consideradas reservadas a esse profissional. Tais exigências, ao que consta, abran-

gem as cooperativas de laticínios, agrícolas, agropecuárias em geral, não apenas aquelas que simplesmente beneficiam produtos agropecuários, mas também as que os industrializam.

"Tratam genericamente das atividades e atribuições reservadas ao engenheiro-agrônomo os artigos 1º, alínea E, e o 7º, alíneas B e H, da lei nº 5.194/66, as quais estariam relacionadas com as atividades dessas cooperativas. Diz o artigo 1º, alínea E, que a profissão de engenheiro-agrônomo é caracterizada pela realização de interesse social e humano que importe na realização dos seguintes empreendimentos: 'desenvolvimento industrial e agropecuário'. E o artigo 7º, alíneas B e H, prescreve que as atividades e atribuições profissionais do engenheiro-agrônomo consistem em: 'b — planejamento ou projeto, em geral, de regiões, zonas, cidades, obras, estruturas, transportes, explorações de recursos naturais e desenvolvimento da produção industrial e agropecuária; h — produção técnica especializada, industrial ou agropecuária'.

"A primeira vista, parece que essas cooperativas realizam atos ou prestam serviços que se incluem entre as atividades e atribuições reservadas ao engenheiro-agrônomo, tendo em vista a amplitude com que o legislador as caracterizou nos dispositivos legais acima destacados. Todavia, achamos que a atuação do engenheiro-agrônomo, exercendo essas atividades e atribuições que lhe reservou a lei, não pode ser compreendida tão extensivamente como pretende o CREA.

"O Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Confea), numa tentativa de ampliar o campo de ação do agrônomo, expediu a Resolução nº 184, de 29-08-69, através da qual fixou as atribuições desse profissional, incluindo entre elas a "padronização, conservação, armazenagem, classificação, abastecimento, distribuição de produtos agropecuários e agroindustriais" (item V), "tecnologia dos alimentos humanos e animais" (item XIII), "agro-indústria do açúcar, amido, óleo e laticínios" (item XIV). Ora, como as atividades e atribuições do agrônomo foram definidas por uma lei ordinária, somente outra lei ordinária poderá validamente alterá-las ou ampliá-las a outros setores. O Confea não tem competência legal para fazê-lo, pelo que tal resolução, nos itens em que pretende quaisquer alterações ou ampliações dessas atividades e atribuições, é ilegal.

"Concluimos, pois, que as cooperativas agropecuárias não exercem quaisquer atividades incluídas entre aquelas privativas do agrônomo e, não as exercendo, não infringem o artigo 6º, alínea A, da lei nº 5.194/66, as cooperativas que não têm seus registros no CREA. Conseqüentemente, não estão obrigadas a contratar esse profissional."

A tese propõe que a OCB seja encarregada "de gerenciar junto a quem de direito para que cessem tais abusos".

LEGISLAÇÃO E TRIBUTAÇÃO

Importância do ICM no processo de comercialização agrícola

Autor: Frederico Cox Lins (Recife, Pernambuco)

Súmula: Os créditos tributários geralmente não aproveitados pelas cooperativas e sua conseqüente influência negativa no processo de comercialização. Os produtos agrícolas e o crédito presumido do ICM.

A justificativa do autor tem como objetivo "alertar as cooperativas para a real necessidade de melhor se identificarem com as obrigações decorrentes da legislação fiscal, especialmente no que concerne ao ICM, haja visto que a evidente falta de entrosamento jurídico-tributário vem causando aos estabelecimentos cooperativos prejuízos incalculáveis, com diretos e negativos reflexos no processo de comercialização dos seus produtos, prejudicando, por via reflexa, os associados que representam, tanto mais quando agem as cooperativas em nome e defesa destes".

Um dos motivos apontados pelo autor é "o despreparo e desconhecimento da sistemática tributária". E a conseqüência é o pagamento de ICM em excesso, "por não aproveitarem os créditos próprios que lhes são legitimamente assegurados pela legislação". Outra decorrência é que "as cooperativas assumem um pesado ônus tributário, em prejuízo da sua comercialização e dos seus associados, sendo esta a razão de, erroneamente, ser o ICM considerado "prejudicial ao cooperativismo". Além disso, diz o autor que "as cooperativas, com raríssimas exceções, não reivindicam em seu favor outros benefícios fiscais, a exemplo do chamado Crédito Presumido do ICM".

Exemplificando uma perda das cooperativas, em virtude do desconhecimento de seu pessoal, o autor se detém na questão de crédito fiscal das cooperativas: "Para processar a comercialização de seus produtos, as cooperativas adquirem constantemente material de embalagem. Esse material, que servirá de embalagem e será levado em consideração para determinação do preço da comercialização do produto, por parte da cooperativa e nele será incluído, gera inegavelmente um crédito fiscal, que, muitas vezes, não é aproveitado pela cooperativa".

"Devido à não-cumulatividade tributária do ICM, não há a negar que o material de embalagem adquirido pelas co-

operativas adequa-se ao conceito de mercadoria entrada no estabelecimento, sendo legítimo o aproveitamento do crédito do imposto pago na operação de compra, principalmente porque sobre essa embalagem computada no preço do produto quando da sua comercialização irá incidir o ICM e será tal imposto pago pela cooperativa".

"Isto, porém, na verdade, não se dá e, na maioria das vezes, a cooperativa paga o ICM pelo todo, quando da comercialização dos produtos, o que aumenta sua carga tributária e onera a comercialização. Um exemplo esclarece, prontamente, os prejuízos advindos do não aproveitamento do crédito fiscal relativo ao material de embalagem adquirido pelas cooperativas para emprego no processo de comercialização de seus produtos".

"Admitamos que a cooperativa "X" adquira e processe a comercialização de Cr\$ 100 mil de determinado produto tributado, nesse preço considerado o valor do material de embalagem adquirido no montante de Cr\$ 20 mil, e computado no preço da venda, quando da comercialização. Sem o aproveitamento do crédito fiscal relativo ao material de embalagem adquirido, a cooperativa pagará o ICM de valor igual a Cr\$ 15 mil. Porém, aproveitando-se o crédito pela entrada de Cr\$ 20 mil de material empregado como embalagem no processo de comercialização, teremos uma situação completamente diferente a saber:

TABELA 1

Como se vê, a cada operação de Cr\$ 100 mil a cooperativa terá um prejuízo de Cr\$ 23 mil. Por isso, e por outras questões

	Valor Mercadorias	ICM creditado
1 - Crédito pelas mercadorias entradas (ATO COOPERATIVO) recebidas dos Associados	Cr\$ 80.000,00	(sem) suspensão do imposto. Ato Cooperativo
2 - Crédito pela compra de material a ser empregado na embalagem dos produtos para comercialização (15% de Cr\$ 20.000,00)	Cr\$ 3.000,00	Cr\$ 3.000,00
3 - Crédito Fiscal da Cooperativa		Cr\$ 3.000,00
4 - Vendas das mercadorias recebidas do Associado, incluídas no preço a material de embalagem empregado no processo de comercialização	Valor Mercadorias Cr\$ 100.000,00	ICM debitado Cr\$ 15.000,00
- (mensal) crédito pelo entrada		- 3.000,00
ICM realmente devido		12.000,00

Considerando que o ICM não-cumulativo, abstruindo-se em cada operação o montante pago ou devido pela operação anterior, a Cooperativa "X", na hipótese, teria um ICM da ordem de Cr\$ 12.000,00 (15.000,00 - débito - 3.000,00 = crédito = Cr\$ 12.000,00 = débito real do ICM).

analisadas, o autor conclui e sugere que "devem as cooperativas se identificarem com a sistemática tributária vigente, capacitando o material humano que dispõem, através de treinamentos específicos, a procederem a correta contabilização dos Débitos e Créditos do ICM, apurando-se com precisão o montante real do tributo a recolher, o que implicará um menor ônus tributário, criando melhores condições para a comercialização dos seus produtos, que concorrerá em melhores condições de mercado, proporcionando maiores lucros — jamais prejuízos — aos seus associados".

Em decorrência de suas explicações relacionadas com produtos agrícolas e o crédito presumido, o autor conclui que "torna-se imperioso às cooperativas se manterem atualizadas com a legislação tributária, sendo que aquelas situadas em Pernambuco e nos demais estados subscritores do Convênio ICM 53/75, desde que possuam usinas beneficiadoras do algodão em rama ou mamona, devem passar a gozar dos incentivos concedidos aos produtores e, estudada a hipótese, pleitearem a concessão do incentivo com efeitos retroativos, haja visto que tais incentivos atingem frontalmente o processo de comercialização barateando os custos".

Por fim, diz o autor, "evidencia-se que o ICM, uma vez entendida a sua sistemática tributária e o princípio basilar da não-cumulatividade, através de créditos e incentivos que concede aos produtores mesmo, constitui-se num instrumento de apoio ao desenvolvimento do sistema cooperativista e não num entrave ou instrumento a ele prejudicial".

Solicitação ao CNC de resolução regulamentadora do cálculo e recolhimento do ICM pelas cooperativas de consumo

Autor: Cooperativa de Consumo dos Empregados da CEEE de Porto Alegre e outras sete cooperativas do Rio Grande do Sul

Súmula: Proposta ao CNC de solução da questão tributária, através de Resolução a ser baixada com base no artigo 97, II da Lei 5.764 de 16.12.1971.

A lei cooperativista, pelo seu artigo 97, II, atribui ao Conselho Nacional de Cooperativismo competência para baixar normas regulamentadoras, complementares e interpretativas da legis-

lação, para evitar maiores controvérsias. Uma delas, a questão do ICM, poderia ser resolvida facilmente se ratificado o artigo 79 da lei 5.764/71, que diz: "Denominam-se atos cooperativos os praticados entre as cooperativas e seus associados, entre estes e aquelas e pelas cooperativas entre si, quando associados para consecução dos objetivos sociais". Em

seu parágrafo único esclarece: "O ato cooperativo não implica operação de mercado, nem contrato de compra e venda de produto e mercadorias".

Os autores são claros ao exemplificar uma resolução que o CNC poderia baixar. É a seguinte:



"O Conselho Nacional de Cooperativismo, com base no que dispõe o art. 97, II, da Lei 5.764/71, resolveu:

I — O item VIII da Resolução CNC nº 1, de 04.09.72, passa a ter a seguinte redação: "VIII — Não há incidência de ICM sobre os atos cooperativos praticados pelas cooperativas, nos termos do art. 79 da lei 5.764/71. Os fornecimentos de bens ou serviços a terceiros, porém, são tributáveis devendo ser contabilizados em separado".

II — Fica acrescentado na Resolução CNC de nº 1, de 04.09.72, com a seguinte redação, o item IX: "Nas épocas próprias, assim definidas nas Leis tributárias em vigor, as cooperativas recolherão o ICM e IR devidos pelos fornecimentos feitos a não associados. Na apuração do lucro tributável, o quantum de despesas dedutíveis nessas operações com terceiros não poderá ultrapassar, em percentual, ao agregado aos atos cooperativos praticados pelas cooperativas".

III — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação".

Concluem os autores: "Uma vez em vigor a Resolução supra, os procedimentos judiciais e as atuações administrativas por falta de recolhimento de tributos indevidos cessarão de imediato. Haverá a correta delimitação dos campos de incidência tributária, com benefícios tanto ao Fisco como às próprias cooperativas".

Incidência do Funrural sobre a comercialização do trigo

Autor: Guntolf Van Kaick (Cooperativa Agrícola de Cotia, Paraná)

Súmula: 1 — Propõe redução de 25% sobre o valor bruto do trigo por corresponder a despesas vinculadas sobre seu transporte e preparo, para comercialização com o Governo;

2 — Que a OCEPAR atue com a OCB, com participação de organizações estaduais de cooperativismo e também do Funrural para que a matéria seja regulada por convênio com cada cooperativa que opera no setor, a exemplo de convênios já existentes.

O autor levou em consideração "que na comercialização do trigo nacional incide o valor do Funrural sobre o valor bruto pago pelo Governo ao produtor rural; que este produto somente é recebido pelo Governo, são, seco e limpo, em armazéns credenciados pelo CTRIN; finalmente, que o regulamento do Programa de Assistência ao Trabalhador Rural, instituído pelo decreto-lei nº 76.023, de 24.07.75, prevê a contribuição de 2,5% sobre o valor creditado ou pago ao associado".

Justifica sua proposição assim: "Esta medida, além de seu alcance econômico, virá sanar anomalia, adequando a legislação pertinente à realidade da comercialização do trigo nacional. Outrossim o percentual passível de ser reduzido, apesar de baixo em seu valor unitário, representa um apreciável ingresso na receita do agricultor, quando considerado o valor de compra do trigo nacional pelo Governo — mais ou menos 0,15% vezes o valor de compra do trigo do Paraná.

Moções

Incentivos fiscais às cooperativas

Autor: José de Campos Melo (diretor executivo da OCB)

Súmula: 1 — Aplicação de incentivos fiscais dos decretos-leis números 157 e 1.338 na integralização de quotas-partes do capital das cooperativas.

2 — Aplicação de incentivos fiscais dos citados decretos-leis em fundo indivisível, de restituição aos investidores não associados de cooperativas a partir de cinco ou mais anos de sua aplicação.

O Governo Federal vem apoiando o sistema cooperativista, mas sem lhe conceder medidas paternalistas. O que, segundo o autor, "está inteiramente conforme os interesses maiores das cooperativas brasileiras. Todavia, após a demonstração da inexistência de quaisquer favores a elas especialmente concedidos, devem as cooperativas revelar que o mesmo não vem acontecendo em relação às empresas mercantis, às quais são outorgados múltiplos incentivos fiscais, entre eles os decretos-leis nº 157, de 10 de fevereiro de 1967 e nº 1.338, de 23 de julho de 1974".

"Não se justifica o afastamento das cooperativas dos citados decretos-leis e de outras leis pertinentes. Apesar das características peculiares às sociedades cooperativas, a lei não deveria omitir-se naquilo que deve constituir verdadeira justiça tributária, qual seja tratamento igual para todos".

O autor diz que concessão de estímulos fiscais às empresas mercantis, visando a sua capitalização, terá como consequência "o desaparecimento, a médio prazo, das cooperativas, em virtude de seu progressivo enfraquecimento em relação às empresas mercantis, até que estas, mais poderosas em decorrência dos incentivos recebidos ao longo dos anos, absorvam as atividades das cooperativas depauperadas pela falta de benefícios correspondentes. Acrescente-se o fato de que as coopera-

tivas geralmente exercem suas atividades em áreas empobrecidas, onde a capitalização da empresa depara com dificuldades praticamente incontornáveis".

Alerta o autor: "A permanecer o atual sistema de incentivos fiscais concedidos exclusivamente às empresas mercantis, deles privadas as sociedades cooperativas, pode-se, desde já, encomendar a missa de Requiem para o cooperativismo brasileiro".

"Como o objetivo dos citados decretos-leis é o fortalecimento das empresas, mediante incentivos à sua capitalização, torna-se necessário que as cooperativas passem a dispor de incentivos peculiares ao seu tipo societário, sem maiores dificuldades, com os dispositivos a serem incluídos na legislação vigente: no decreto-lei nº 157, a inclusão de normas mediante as quais as pessoas físicas e jurídicas poderão entregar à cooperativa de que sejam associadas, para fim exclusivo de integralização de quotas-partes, o percentual do seu imposto de renda que, nos termos da legislação vigente, seja destinado à capitalização da empresa.

No decreto-lei nº 1.338, acrescentar ao artigo 2º a seguinte alínea: q) — integralização de quotas-partes do capital de sociedades cooperativas de que forem associados, sendo que os respectivos valores só poderão ser devolvidos após a demissão, eliminação ou exclusão dos associados, mas nunca antes de decorridos pelo menos cinco anos de cada aplicação, permitida a devolução aos herdeiros depois de 60 dias contados da data do óbito".

Também em relação ao decreto-lei nº 157, o autor diz que "a futura lei que incluir as cooperativas no sistema de incentivos fiscais deverá conter as

cauteladas necessárias em relação à devolução do capital que, salvo no caso de morte, somente será restituído aos associados por ocasião de seu desligamento da cooperativa, mas nunca antes de cinco anos a contar de cada aplicação. Além dos incentivos dos citados decretos-leis, as cooperativas propugnarão sua inclusão na área dos outros incentivos tendo em mira alcançar oportunidades em relação às empresas mercantis".

Pegando uma frase recente do presidente norte-americano Jimmy Carter, onde ele afirmou que "estamos dando dinheiro dos pobres dos países ricos aos ricos dos países pobres", conclui o autor: "Parece-nos muito mais difícil conceber que os incentivos conseguidos dos pobres e classe média de nosso país — a quase totalidade dos associados das cooperativas — sejam destinados exclusivamente aos ricos de nosso país e dos países ricos — empresas mercantis nacionais e multinacionais. Assim, é hora dos associados das cooperativas brasileiras canalizarem para as suas respectivas cooperativas os benefícios dos incentivos fiscais a eles facultados pela legislação vigente. E do ponto de vista do interesse nacional, talvez seja mais próprio que pessoas físicas e jurídicas, ainda que não associados de cooperativas, possam nelas empregar os incentivos a que tiverem direito, o que seria colocado em fundo indivisível, de restituição obrigatória aos investidores a partir de cinco ou mais anos de sua aplicação. De qualquer forma, a lei deve conceder ao próprio investidor a faculdade de escolher onde aplicar o seu investimento oriundo de incentivos fiscais, se na cooperativa, na empresa mercantil brasileira ou nas multinacionais".

Resolução do CNC para a divisão de áreas de responsabilidade das cooperativas agropecuárias

Autor: Paulo Koslovski (Paraná)

Súmula: 1 — Que o CNC estude uma resolução que torne obrigatória a divisão de áreas de responsabilidade para as cooperativas agropecuárias onde forem implantados os respectivos projetos.

2 — Que quando uma cooperativa central ou federação pretenda atuar num segundo estado sejam consultados os órgãos voltados ao cooperativismo a fim de evitar que essa atuação não prejudique um programa cooperativista já existente.

O autor considerou a implantação dos Programas Integrados de Desenvolvimento Cooperativista (Pidcoops) em todo o país e que tais programas visam disciplinar o desenvolvimento cooperativista, através da divisão das áreas de responsabilidade e que essa racionalização do movimento vem apresentando resultados positivos principalmente na integração das sociedades cooperativas. Além disso, apresentou cinco justificativas para sua proposição:

1) Hoje, com áreas de ação de cada cooperativa, torna-se impossível a divisão de áreas sem que haja superposições, e com a fixação das áreas de responsabilidades teremos condições de evitar concorrências intercooperativas, muitas vezes negativas ao movimento cooperativista.

2) Haveria um melhor atendimento aos produtores dos municípios abrangidos pela área de responsabilidade uma vez que a área de atuação da cooperativa seria limitada.

3) Com essas limitações, as cooperativas poderiam melhor atender os produtores associados em outros setores e não apenas nos tradicionalmente assistidos (compras, vendas e serviços).

4) Desta maneira conseguiremos um crescimento ordenado do movimento evitando desgastes desnecessários (competições).

5) Haveria o próprio disciplinamento nos investimentos das cooperativas, pois, sabendo de sua área de responsabilidade, cada qual não atingiria a outra.

Cooperativas de Trabalho

Autores: Cooperativa dos Trabalhadores em Edifícios de São Paulo, José Vieira da Cunha (Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, RS), Diva Benevides Pinho e Cooperativa Paulista de Serviços de Enfermagem

Súmula: 1 — COOTESP — Projeto de decreto que regulamenta a atividade dos associados, a fim de que não se confundam, como vem acontecendo, com os empregados presos à relação de emprego.

2 — COOJORNAL — Que seja revisada a legislação cooperativista própria definindo-se uma política social e trabalhista para as relações associados-cooperativa, nas cooperativas de trabalho ou de prestação de serviços.

3 — DIVA B. PINHO — Intercessão da OCB junto das autoridades competentes para que os cooperados possam participar do FGTS e disponham de um Fundo especial à semelhança do PASEP.

4 — Cooperativa Paulista de Serviços de Enfermagem — Emendas ao projeto de lei do Executivo sobre Previdência Social.

A preocupação dos quatro autores é quase a mesma, isto é, trazer ao debate questões sobre cooperativas de trabalho, por sinal, a menos protegida nos termos da lei. Talvez por ser a difundida mais recentemente, apesar de surgir como opção regularizadora de melhor re-

muneração e até mesmo como solução parcial do problema do desemprego.

Wanderley Aquino, presidente da COOTESP, entre outras coisas, preocupa-se com a confusão de associados de cooperativas de trabalho como sendo empregados dessas entidades. Mas, em seu projeto de decreto, dedica especial atenção às relações com o INPS que, segundo o artigo 6º, "firmará convênios com as cooperativas de trabalho, no sentido de que essas entidades fiquem credenciadas para processar as inscrições de seus associados e recolher suas contribuições à Previdência Social, incumbindo-se essas cooperativas de trabalho de preparar toda a documentação necessária ao atendimento pelo INPS dos trabalhadores cooperados, visando à concessão de benefícios da legislação previdenciária".

José Vieira da Cunha, além da revisão da legislação cooperativista, propõe que os órgãos máximos do cooperativismo "incentivem a criação no Brasil de cooperativas de trabalho de todas categorias" e que o artigo 90 da Lei 5.764/71 seja incorporado no texto da Consolidação das Leis do Trabalho. Para tal proposta, levou em consideração que "o cooperativismo

tem, entre os objetivos, o de resolver problemas econômicos e humanos; que a cooperativa se propõe a ser um instrumento eficaz para resolver problemas sócio-econômicos e um agente do processo social e econômico", e que "a atual legislação cooperativista praticamente ignora a existência de cooperativas de trabalho com todas as suas implicações".

Já Diva Benevides Pinho se apegou ao fato da legislação em vigor não apresentar nenhuma classificação tipológica das cooperativas, "nem define as características fundamentais das principais categorias, limitando-se a apresentar os caracteres que distinguem as cooperativas, em geral, das demais sociedades. Ora, a indefinição legal cria obstáculos às cooperativas de trabalho, principalmente no que se refere ao enquadramento dos cooperados nos benefícios da legislação social, já que não são empregados das cooperativas, mas trabalhadores-empresários-cooperativados, que se unem para obter melhores condições de trabalho e remuneração".

"No cumprimento de suas finalidades, a COOTESP reivindica, há tempos, a participação

do trabalhador-cooperado no PIS e no FGTS. Mas como foram eles enquadrados, pela Previdência Social, na categoria de autônomos, esse benefício lhes tem sido negado, o que dificulta a atividade da cooperativa e provoca alta rotatividade de seus associados, sobretudo os menos qualificados. Se o PIS foi implantado para que os trabalhadores cooperados participem do desenvolvimento do País, não se justifica que os trabalhadores cooperados fiquem marginalizados, já que contribuem para o progresso social com o seu trabalho. Nesse sentido, seria interessante que se criasse um Fundo Especial, que abrangesse os trabalhadores-cooperados, a exemplo do que se fez com os funcionários públicos, através do PASEP. Além da participação do FGTS."

Consultas prévias às cooperativas de produtores por parte de secretarias da Fazenda quando da determinação das pautas para o ICM sobre produtos agrícolas

Autor: Organização das Cooperativas do Estado de Sergipe

Súmula: Pretende a participação da cooperativa na pauta, desde que a cooperativa recolha o ICM com base no valor real do faturamento, enquanto o intermediário o faz com base na pauta, o que lhe traz vantagem considerável.

Justificativa — Considerando que

a cooperativa está legalmente obrigada a manter a sua escrita contábil regularizada, enquanto que o intermediário não tem registro na Junta Comercial do Estado e que na fixação da pauta o intermediário leva vantagem considerável sobre os produtores filiados em cooperativas, uma vez

que a cooperativa recolhe o ICM com base no valor real do faturamento e aquele o faz com base na pauta e muitas vezes sonegando, torna-se necessária a participação da cooperativa na determinação da pauta.

Prazo de prescrição dos tributos

Autor: José de Campos Melo (diretor executivo da OCB)

Súmula: Fixação em um ano do prazo de prescrição dos tributos devidos pelas sociedades cooperativas.

Justificativa — O autor explica que o direito da Fazenda Pública constitui a extinção do crédito tributário após cinco anos, conforme o estabelecido no artigo 173 do Código Tributário Nacional. Mas isso fica bem para um acionista de uma sociedade anônima, ou sócio de uma sociedade mercantil, pois ao adquirirem ações estão recebendo parcela de seu patrimônio, passando imediatamente a participar das vantagens e a assumir os riscos totais da empresa, sendo, portanto, justo que passe a responder pelo pagamento de impostos anteriores a sua compra de ações. Na sociedade cooperativa, no

entanto, segundo o autor, o associado não deveria assumir, na proporção de suas operações ou de seu capital integralizado, os ônus do pagamento de tributos cujos fatos geradores ocorreram em exercícios anteriores à sua admissão. Nem os associados remanescentes deveriam arcar com o resgate de um imposto total, de cuja composição participaram os resultados de operações com associados demitidos, excluídos ou eliminados. Como também o autor não considera justo que associados que se afastam das cooperativas fiquem livres da participação proporcional no pagamento de tributos cujos fatos geradores ocorreram em exercícios nos quais ainda eram sócios atuantes da cooperativa. É que os compromissos do associado com a

cooperativa terminam após a aprovação das contas, mas a obrigação de recolhimento dos impostos oriundo das operações feitas antes do desligamento, na certa "serão resgatados com os resultados das operações efetuadas pela cooperativa com os remanescentes e os novos associados".

Por isso, "visando a supressão ou a diminuição dos efeitos de tão injusta imposição", o autor considera que "medida salutar, justa e equitativa, seria a diminuição da prescrição tributária para um ano, o que não acarretaria prejuízos para a Fazenda Pública, cujos fiscais passariam a examinar a contabilidade e documentos das cooperativas, a partir do exercício imediatamente posterior às operações geradoras dos tributos".

Alteração do artigo 56 da lei nº 5.764

Autor: Cooperativa de Eletrificação Rural de Itapeçerica da Serra (São Paulo)

Súmula: Que enquanto não for submetida ao legislativo a alteração do artigo 56 da lei 5.764/71, o Conselho Nacional de Cooperativismo baixe resolução regulamentando a mecânica do Conselho Fiscal das Cooperativas, no sentido de que se faça em caráter obrigatório a renovação de dois terços dos membros efetivos do Conselho Fiscal por cada mandato de um ano e que os suplentes quando chegarem a assumir, temporariamente ou não, qualquer poder de resolução, fiquem

equiparados aos membros efetivos para quaisquer efeitos de lei. Ocorrendo a hipótese de membros suplentes do Conselho Fiscal não terem nenhuma participação no período de seu mandato, que fiquem desimpedidos para efeito de reeleição a qualquer título.

A proposta considerou que o texto do artigo 56, que fala da renovação do Conselho e permite reeleição de só um terço, não especifica que sejam os três membros efetivos os que devem ser renovados. Dessa maneira, o texto

legal possibilita a permanência de dois membros efetivos. E num conselho de três efetivos, os dois detêm o poder de decisão. Por isso, o autor conclui que deve haver uma definição legal que impeça o vício da continuidade do poder de resolução do Conselho Fiscal e que também não impeça os suplentes — se não assumirem responsabilidade durante seu mandato — de continuarem prestando serviços nesta função, para o mandato seguinte.

Capital rotativo

Autor: José de Campos Melo (diretor executivo da OCB)

Súmula: Instituição de um capital rotativo, constituído de um pequeno percentual incidente sobre a receita operacional da cooperativa, visando ao reforço e manutenção de capital de giro.

Justificativas — As cooperativas, segundo o autor, "dentro de suas possibilidades, deverão procurar o caminho de sua independência financeira, formando o capital social e os fundos de acordo com as suas reais necessidades. A administração racional será aquela que partir para a mais completa correlação entre os investimentos e o movimento econômico de suas cooperativas com o capital realizado e reservas existentes".

"A enorme dependência das cooperativas brasileiras para com as instituições financeiras, colocadas em permanente dificuldade, tirando-lhes continuamente a oportunidade de bons negócios, não só pela simples decorrência dessa inconveniente sujeição, que lhes tolhe, muitas vezes, a liberdade de ação, em virtude de uma certa ingerência em sua administração, como também nas situações de emergência, em que o crédito escasso é apenas conse-

guido pelas firmas mais garantidas, onde o risco é calculadamente menor".

Os fundos constituídos pelas cooperativas, por intermédio das obras líquidas, são reconhecidamente insuficientes para o fortalecimento econômico da cooperativa. Por isso, argumenta o autor: "A criação de um capital rotativo, formado de um pequeno percentual incidente sobre a receita operacional, terá a dupla vantagem de fortalecer econômica e financeiramente a cooperativa, sem maiores ônus para os associados, que receberão de volta, dentro de um determinado prazo, as quantias retidas temporariamente, podendo ser estipulados juros se o movimento econômico for capaz de os comportar. Além da retenção, a cooperativa poderá contar com a contribuição espontânea de maior quantia que lhe seja oferecida por associados".

"A formação do capital rotativo, de objetivo complementar, não deverá ter qualquer implicação com o capital ordinário da cooperativa, sob pena de piorar a situação financeira e econômica da sociedade. Os descontos in-

cidirão sobre todas as operações realizadas pela cooperativa, mas serão contabilizados numa conta denominada *provisão para capital rotativo*, ou equivalente e somente após a aprovação do balanço pela assembleia geral serão levados para a conta do capital rotativo".

"Os descontos destinados ao capital rotativo efetuados em 1979, 1980, 1981, 1982 e 1983, serão devolvidos, respectivamente, em 1982, 1983, 1984, 1985 e 1986 e, assim, sucessivamente. O capital rotativo não será objeto de imobilizações, atuando sempre como capital de giro, a fim de não ser dificultada a sua devolução periódica".

"A cooperativa terá seu movimento anual sempre aumentado, pelo que lhe será fácil a devolução programada do capital rotativo acrescido de juros, que poderão ser pagos anualmente ainda no primeiro ano seguinte ao de sua instituição. Sobre as operações efetuadas com não associados, não incidirá o desconto para a formação do capital rotativo, em decorrência do disposto no artigo 87 da lei nº 5.764/71."

Modificação do parágrafo 1º do artigo 108 da lei nº 5.764 de 16/12/71

Autor: Francisco dos Anjos (Cooperativa de Consumo dos Bancários, Paraná)

Súmula: Que a OCB estude o aperfeiçoamento, pelo Congresso Nacional, do parágrafo 1º da lei nº 5.764/71, de modo a que fixado seja um critério mais justo às Organizações Estaduais; reduza-se de 50 para 20% do montante arrecadado pelas organizações estaduais à OCB.

Tributação sindical para as cooperativas de trabalho

Autor: Cooperativa dos Trabalhadores em Edifícios de São Paulo

Súmula: Que a arrecadação resultante da contribuição sindical das cooperativas de trabalho seja dado um crédito de 60% a favor das representações estaduais e de 15% para a OCB, para que sejam essas percentagens aplicadas em programas que beneficiem as cooperativas de trabalho.

As cooperativas de consumo e o ICM

Autor: Cooperativa de Consumo dos Assalariados Teka (Blumenau, SC)

Súmula: Que somente são tributáveis os atos praticados entre as cooperativas e terceiros (não associados) nas hipóteses previstas pelos artigos 86 e 87 da lei nº 5.764/71, pois tais operações não configuram "ato cooperativo" e são "relativas à circulação de mercadorias".

Cooperativas escolares

Autor: Organização das Cooperativas de SC

Súmula: Que as entidades representativas do sistema cooperativista elaborem um projeto legal de modo a que seja dada às cooperativas escolares personalidade jurídica.

Tributos previdenciários

Autor: Organização das Cooperativas do Estado de Sergipe

Súmula: Não incidência de tributos previdenciários sobre o trabalho de associado nos depósitos de cooperativas

Recomendação

Alteração no Conselho Nacional de Cooperativismo

Autor: Cooperativa dos Motoristas de Ribeirão Preto, São Paulo

Súmula: Propõe alterações aos artigos 95, 96 e 97 da lei nº 5.764/71

O autor, presidente Lício Martucci, observou uma "injustificável minoria para os delegados das cooperativas" no conselho de oito membros e presidido pelo ministro da Agricultura. Diz que "evidentemente graves entraves se antepõem ao autêntico movimento cooperativado brasileiro. Inexiste autenticidade representativa. Agravado, ainda, de que dois dos membros pertencem ao Banco Central e Banco Nacional da Habitação".

"Considerando que a maioria do CNC é constituída de elementos da administração pública, o que retira, desde logo, a autenticidade da autonomia do movimento, agrava-se tal aberração quando, no artigo 96, exige-se a presença de três membros dos órgãos oficiais para formação do quorum mínimo nas reuniões do Conselho, o que representa disposição odiosa, uma vez que o não comparecimento dos citados elementos poderá perfeitamente impedir o normal funcionamento do Conselho, mesmo na hipótese de estarem presentes os outros cinco membros — com exceção dos delegados do poder público, a reunião não poderá se efetivar".

Entretanto, o que mais despertou a atenção do autor, foi o item VI do artigo 97, que estabelece competência ao CNC para estabelecer condições para o exercício de quaisquer cargos eletivos de administração ou fiscalização de cooperativas. É o autor quem diz:

"Atente-se, pois, para o caráter altamente intervencionista, sumamente ruinoso para o legítimo e impostergável exercício da administração e da fiscalização das sociedades cooperativas, violentando competência dos associados, consagrada em todos os estatutos".

Por isso o autor propõe as seguintes alterações:

Art. 95 —
I —
II —
III — Organização das Cooperativas Brasileiras.

Parágrafo único — A entidade referida no inciso III deste artigo com 5 (cinco) elementos para fazer-se representar no conselho.

O artigo 96 passará a ter a seguinte redação:

"O conselho, que deverá reunir-se ordinariamente uma vez por mês, será presidido pelo ministro da Agricultura, a quem caberá o voto de qualidade, sendo suas deliberações votadas por maioria simples".

O artigo 97, I, passará a ter a seguinte redação:

I — editar atos normativos para a atividade cooperativista nacional dentro do que dispõe a doutrina e a presente Lei.

SUPRESSÃO dos incisos VI e VII do art. 97, por seus aspectos altamente nocivos e intervencionistas.

Via de consequência a supressão do Parágrafo 1º do art. 18º.



SUPLEMENTO INFANTIL

AGOSTO-1977

Elaboração: Iselda Sausen-Marita Kelm

ESCOLA
FRANCISCO
DE ASSIS

A CHÁCARA DO CHICO BOLACHA

Na chácara do Chico Bolacha
o que se procura
nunca se acha!

Quando chove muito,
o Chico brinca de barco,
porque a chácara vira charco.

Quando não chove nada,
Chico trabalha com a enxada
e logo se machuca
e fica de mão inchada.

Por isso, com o Chico Bolacha,
o que se procura
nunca se acha.

Dizem que a chácara do Chico.
Só tem mesmo chuchu
e um cachorrinho coxo
que se chama Caxambu.

Outras coisas, ninguém procure,
porque não acha.
Coitado do Chico Bolacha!

Cecília Meireles



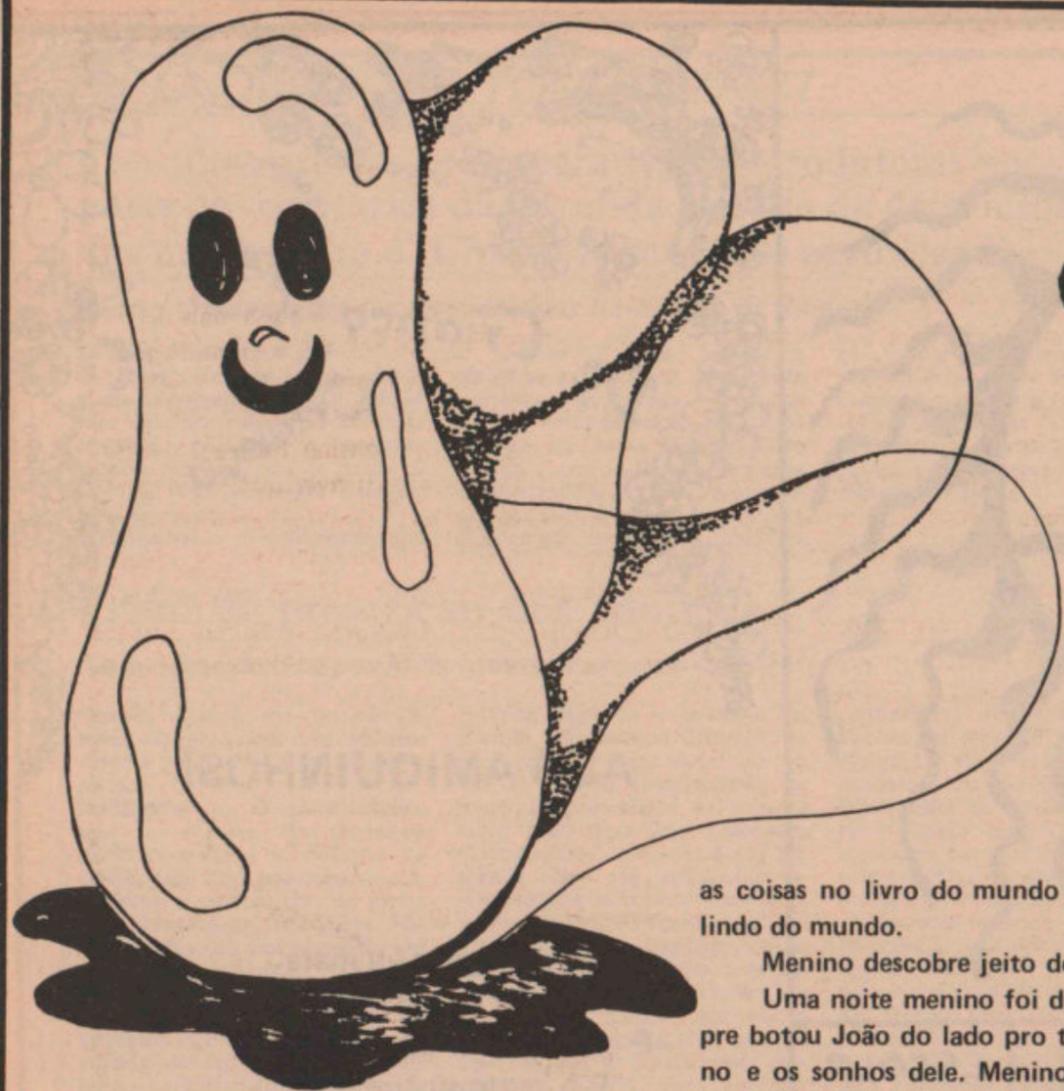
ALÔ AMIGUINHOS!

Venha comigo até a mata
Venha ouvir os passarinhos
E o murmurar da cascata
E o vento sussurrar
E os ramos a estalar
E as folhas a cair
E as abelhas a zumbir
Tudo isto você pode ouvir
Como suave serenata
Se vier comigo à mata.

Esta poesia veio confirmar aquilo que já acreditávamos. A inteligência de nossos mini-leitores. Muitas cartas chegaram até nós com a resposta do passatempo de descobrir os símbolos que substituíam letrinhas da poesia acima citada. Esperamos que os colaboradores continuem e que outros se motivem a enriquecer este suplemento que é todinho de vocês.

Temos algumas sugestões, como enviar notícias, desenhos de sua comunidade, escola, passatempos, poesias, histórias feitas por vocês. Foram os seguintes amiguinhos que enviaram a poesia decifrada:

Jorge Martin Keller — Barro Preto — Ajuricaba
Eclécio Batista Bertollo — Ijuí;
Amauri Antonio Scher — Bom Princípio —
Augusto Pestana;
Edna Suzana Oliveira — COTRIJUC —
Júlio de Castilhos;
Claudio Czekster — Pinhalzinho —
Santo Augusto;
João Carlos de Deus Lima — Cachoeira do Sul;
Ivanilde Coelho Franco — Coronel Bicaco;
Delta Schreiber — Linha 6 Norte
Maria Edênia Dalapiane Noronha — Faxinal
Cruz Alta;
Jaqueline Vemeato Menezes — Dom Pedrito



JOÃO TE

Luiz Raul M
Mário Caf

1 Fada Madrinha

Foi a madrinha quem deu João Teimoso pro menino. A madrinha era muito bonita e chorava à toa (de alegria e de tristeza).

Tinha esperado dois anos pelo menino. Deu João Teimoso pra ele logo que ele nasceu. Ela queria que João ensinasse as lições das coisas pro menino. Um dia ela foi embora sem se despedir que é pro menino não ficar muito triste. Mas menino ficou triste mesmo assim. Ela voltou pra estrela dos reis magos de onde ela tinha vindo. Ficou lá em cima olhando e piscando e chorando e rindo pro menino e pro João.

Menino olhava estrela e ficava conversando em silêncio que é quando a gente conversa dentro da gente. Uma vez ele perguntou para João Teimoso por que é que a fada madrinha tinha ido embora de volta pra estrela. João olhou pro menino sem dizer nada. Ou então conversou em silêncio com o menino que era uma forma de dizer pro menino esperar. Menino esperou. Menino sabia que um dia desse João ia explicar tudo pra ele.

João e menino

João e menino viviam juntos pra cima e pra baixo. Menino brincava com João fingindo que queria que ele deitasse, mas João ficava sempre de pé. Menino deitava João e João — pumba — ficava de pé de novo. Por isso é que João se chamava João Teimoso. João Teimoso teimava em ficar de pé. João olhava menino o dia todo. Menino brincava sozinho, menino brincava com os irmãozinhos, menino brincava com os meninos da rua, menino comia, corria, dormia. Menino lia as coisas no livro do mundo: as árvores (muito amigas de menino), os bichos (também), as pessoas (algumas), o céu, o chão, as nuvens, o sol (menino adorava), as estrelas, tudo. João olhava menino. João de vez enquanto balançava o corpo pra frente e pra trás dizendo pro menino continuar brincar, comer, correr, crescer e ir lendo

as coisas no livro do mundo que é o livro mais lindo do mundo.

Menino descobre jeito de fazer João deitar.

Uma noite menino foi dormir e como sempre botou João do lado pro teimoso olhar o sono e os sonhos dele. Menino pôs a mão sobre João e João deitou. Menino descobriu que só uma coisa no mundo fazia João Teimoso deitar. Era o peso do carinho da mão do menino abraçando João.

Silêncio

Menino aprende a ouvir silêncio.

João ensinou a menino que silêncio é uma das coisas mais bonitas do mundo porque silêncio não existe. Silêncio é feito de mil barulhinhos de grilo, de água correndo, de pingo pingado, de carro passando lá longe, de tosse de menino doente no vizinho, de vento ventando nas árvores, de gato miando no telhado, montes de coisas. Menino aprendeu também que João Teimoso falava dentro do silêncio. Menino ficou radiante da vida no dia que aprendeu a ouvir os silêncios de João. Agora mais do que nunca João podia ensinar o menino a ler as coisas no livro da vida.

Menino descobre o dia e a noite das coisas.

Um dia menino chorou de alegria. Nesse dia a mãe, o pai e os irmãos muito contentes e disseram pro menino que vinha mais um irmão por aí. De cara, o menino ficou com uma pontinha de ciúmes mas depois achou que era uma boa idéia. Apesar de menino ser pequeno, a mãe prometeu que ele ia ser o padrinho do que ia nascer. Ora, padrinho é troço de grande responsabilidade. Aí menino chorou de alegria. João ensinou pra menino que chorar pode ser de alegria e tristeza (menino lembrou que chorou muito no dia que soube que a madrinha tinha ido embora pra estrela dos reis magos. Então menino descobriu que chorar não é coisa sempre boa ou sempre ruim. João ensinou que as coisas não são uma coisa só, não são sempre a mesma coisa. As coisas mudam muito e o sempre não existe. Menino lembrou que João tinha ensinado que silêncio também não existia e pensou: puxa vida, silêncio e sempre não existem? Menino achou meio complicado e não prendeu logo não. Ele adivinhou um pouco e deixou pra adivinhar o resto depois.

Alegria alegria: bolhas de sabão.

Quando o menino brincava com bolha de

sabão João sorria mil silêncios pra menino. Os silêncios diziam assim: É bom aprender muito bem a lição das bolhas de sabão. Bolhas de sabão é que nem silêncio: a gente pode dizer que não existe. E uma das coisas mais bonitas do mundo: colorida de todas as cores do arco-iris, toda redonda, voando livre, leve e alto. João disse (sem falar) pro menino: a vida da gente pode ser uma bolha de sabão se a gente faz bastante força. Se a gente aprende a ser colorido, a voar livre, leve e alto até explodir bonito, sem muito barulho, deixando no ar uma gotinha de saudade (lagriminha). Menino ainda não compreendia muito bem essas coisas, mas sabia que tinha alguma coisa que ver com a fada madrinha. Então menino resolveu passar logo pro outro capítulo pra não ficar muito triste e poder brincar de novo alegre com bolha de sabão sem nenhuma pontinha de tristeza.

Menino pergunta a João a história dele.

Um dia menino levou João pra passear longe. Perguntou pra João de onde ele tinha vindo, porque é que ele era tão teimoso e tudo o mais. João olhou pra menino com aquele olhar maroto de João de teimoso e respondeu. Foi falando sem dizer uma palavra (as palavras são legais à beça mas às vezes as pessoas complicam as coisas com as palavras. Como João não era gente e era boneco, ele não complicava e falava tudo sem palavras). Foi dizendo tudo. Foi explicando as coisas pro menino. Menino estava entendendo quase tudo. Tinha uma outra coisa que menino ainda não entendia muito bem então ficava meio aflito. João era a calma em boneco. Nunca ia adiante das coisas. Menino não, Menino queria sempre tudo de uma vez. João disse que menino precisava aprender a esperar (ô coisa difícil). Menino ficou meio assim mas resolveu escutar os silêncios de João.

João conta história dele pra menino.

João foi falando da fada madrinha (a que sabia das coisas). Foi ela quem fez João e fez ele tão teimoso (a fada madrinha também era teimosa e achava teima uma das coisas boas da vida). Ela pediu a João pra ficar sempre junto do menino quando ela tivesse que ir de volta pra estrela dos reis magos. João disse que a madrinha tinha contado um segredo. Era lição mais importante que João tinha que ensinar a menino. Menino (curiosíssimo) quis logo saber qual era. João riu e balançou pra frente e pra trás. Menino sabia que não adiantava insistir. Foram passear perto do araçazeiro.

Queda e quebra

Menino subiu na árvore pra comer arcaça. João teimoso não sabia subir em árvore mas menino levava ele. De repente João escorregou da mão de menino e caiu lá em baixo. Menino lar-

TEIMOSO

Menino

de tudo e desceu correndo chamando João, perguntando se João tinha se machucado. Tinha sim. João tinha quebrado. A dor doeu mais no menino que em João porque boneco não sentia dor (será?). Menino chorava e perguntava se João ia ficar bom. Menino chorava e achava que João tinha sido o culpado. João não falou nada (como sempre) e ficou lá quebradinho da silva. Aí o menino viu que dos cacos de João saíram três bolinhas de chumbo. Menino não sabia o que ele podia fazer e João também não estava em condições de dizer pra ele. Há aflição dos diabos!

Sementinhas de chumbo

Menino pegou as bolinhas de chumbo. Colheu todas as cacos de João e levou para casa. Menino chorava, pedia ajuda, mas todos tinham medo (meu deus, era dia do irmãozinho chegar!) João tinha ninguém pra ajudar menino e menino tinha que se virar sozinho. Era muito difícil pra menino se virar sozinho. Mas ele lembrou das coisas que João tinha ensinado e pensou, pensou, pensou. O choro não tinha passado porque era muito difícil pensar e chorar ao mesmo tempo. Menino guardou o choro pra depois. Aí veio a idéia. Menino percebeu que as bolinhas de chumbo bem que podiam ser o segredo da teima de João. Então ele foi juntando os cacos, foi colocando, foi trabalhando. Trabalhou o dia inteiro, mas não ficou lá muito contente com o resultado. Menino achou que João tinha ficado muito chato. Na confusão menino só botou duas bolinhas de chumbo dentro de João. Mesmo assim João continuou teimoso só que meio torto e enveredado. Foi aí que menino abriu o maior sorriso do mundo. João tinha acordado e estava falando e falando em silêncio de novo dizendo obrigado pra menino. Puxa vida, que troço mais legal e mais legal! O amigão do peito estava lá quebradinho da silva. Não é que João estava até mais simpático? O sofrimento tinha feito João ficar mais gente. Então João falou. Falou mesmo com palavras e tudo. Ah João que alegria deu pra menino nesse dia!

Segredo de João

Olha aí, menino adorador, olha aí o meu segredo. Essas sementinhas de chumbo me dão teimosia, me fazem ficar de pé, são minha alma meu coração minha força. Elas escondem o mistério da vida. Ah menino danado. Você descobriu o meu segredo muito mais cedo do que eu esperava agora vai até o fim. Pega a bolinha que sobrou e arranja umas outras e faz mais uns joões e umas joanas. Faz uma família pra mim. Faz uma família pra nós. Faz, menino, porque você tem talento de artista. Faz, menino, faz.

Joãozinho, joana, joaninha

Menino pôs mãos à obra. Esqueceu de tudo

Esqueceu até do afilhadinho que a essa hora botava a boca no mundo. Menino achou bolinhas de chumbo (estavam faltando algumas, ele usou também bolinhas de gude). Menino fez um Joãozinho que saiu mais ou menos. Depois fez uma joana que saiu meio grande. E no fim fez uma joaninha que saiu uma graça u, doce de joaninha. Teimosa que só ela. Joaninha ganhou uma mistura de duas bolinhas de chumbo e duas bolinhas de gude. Menino não cabia mais dentro dele de tanta alegria. Não tem nada mais alegre que alegria depois de susto e de dor. E menino aprendeu isso sozinho.

Presente

Aí foi assim. Chegou o irmãozinho e foi aquela festa, Menino-padrinho pensou em dar pro afilhado a joaninha teimosa. Sentiu uma pontinha no coração na hora que pensou isso. Afinal de contas joaninha era a coisa mais linda do mundo. Mas menino olhou João e João olhou pra menino com cara de poucos amigos dizendo: qual é a sua menino? Ganha um afilhado lindo e

está com medo de dar pra ele a coisa mais linda que você fez? Menino então nem vacilou. Pegou joaninha, levou lá no berço do afilhado e disse: toma lá, seu coisa linda, fica com joaninha pra você. Tomara que ela te ensine tudo que João me ensinou. No dia que eu tiver que ir embora (crescer, viajar, trabalhar, casar, visitar madrinha lá na estrela dos reis magos) você fica com a joaninha e pergunta pra ela e porquê das coisas. Ela provavelmente não vai falar muito. Ou vai (nunca se sabe, as mulheres). Mas não tem importância não. Tem os silêncios falantes, tem o arcazeiro, tem as sementinhas de chumbo, tem. Aí menino resolveu calar a boca porque o irmãozinho estava longe no país do sono e do sonho. Sono de criança pequena deve ser muito engraçado, pensou menino. Deve ser sim, porque ele está dormindo e rindo ao mesmo tempo. Menino foi conversar com João e contar as novidades, Menino estava feliz feliz da vida. Tinha uma quentura boa no coração e duas lagriminhas de alegria nos olhos.

Fim de papo.





Prá gente miúda

Se você decifrar o texto ao lado encontrará uma mensagem para todos homens.

Envie o texto decifrado para o COTRISOL

Na -da mundo
 +s dadas aos homens
 -~ vai o -sa
 +ndo e cantando
(Cant + -form) que façam
O mais (ganso + -g)
Cantigas que (-ca)
(+çam)
a (convida - con) mais doce
Cant + -form -ijo (-ca)
(+çam)
- so homens mais



PINTAR OU DESENHAR PODE SER TÃO DIVERTIDO QUANTO BRINCAR, JOGAR OU CANTAR...

Muitas coisas podem levá-lo a se expressar através do desenho. Até aquilo que você ouve, cheira ou prova pode ser motivo para tal. Experimente ouvir os pingos da chuva batendo no telhado. Será que esses sons formam imagens, figuras em nossa cabeça? Procure desenhar o que você imagina quando ouve:

- o canto das aves no mato;
- o canto dos grilos na estrada;
- o amanhecer na roça;
- o barulhinho das folhas com o vento;
- o ranger do giz no quadro-negro;
- o barulho do motor de um trator;

Tente! Vai ser divertido. Você ainda poderá motivar muitos outros amiguinhos a ouvir os sons e representá-los através de desenho, se você enviar o seu trabalho para o COTRISOL.